



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Débora Cristina Nunes de Souza Leão

**“Caiu no Olimpo...”: uma análise sociocognitiva  
da masculinidade a partir de *tweets* sobre Zeus**

Rio de Janeiro

2024

Débora Cristina Nunes de Souza Leão

**“Caiu no Olimpo...”: uma análise sociocognitiva  
da masculinidade partir de *tweets* sobre Zeus**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, especialidade Linguística, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Língua.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Naira de Almeida Velozo

Rio de Janeiro

2024

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

L437 Leão, Débora Cristina Nunes de Souza.  
"Caiu no Olimpo...": uma análise sociocognitiva da masculinidade a partir de tweets sobre Zeus / Débora Cristina Nunes de Souza Leão. – 2024.  
103 f.: il.

Orientadora: Naira de Almeida Velozo.  
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.

1. Semântica – Teses. 2. Zeus (Divindade grega) – Teses. 3. Twitter (Rede social on-line) – Teses. 4. Masculinidade – Teses. I. Velozo, Naira de Almeida. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 801.541.2:292

Bibliotecária: Eliane de Almeida Prata CRB7 4578/94

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

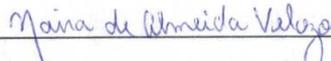
Débora Cristina Nunes de Souza Leão

**“Caiu no Olimpo...”: uma análise sociocognitiva  
da masculinidade a partir de *tweets* sobre Zeus**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, especialidade Linguística, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Língua.

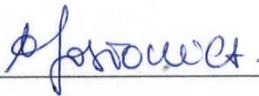
Aprovada em 26 de junho de 2024.

Banca Examinadora:



Prof.<sup>a</sup>. Dra. Naira de Almeida Velozo

Instituto de Letras - UERJ



Prof.<sup>a</sup>. Dra. Alejandra Judith Josiowicz

Instituto de Letras - UERJ



Prof.<sup>a</sup>. Dra. Ana Paula Ferreira

Colégio Pedro II

Rio de Janeiro

2024

## DEDICATÓRIA

À vovó, por seu orgulho de mim, por seu esforço monumental, por todos os seus sacrifícios; pela paciência e pelo acolhimento (aos outros e a si própria) que decidiu me ensinar; e, acima de tudo, por me tornar parte dela e me legar todo um mundo, um universo.

Ao Yuri, pela parceria fantástica no amadurecer como adulta em meio à Vida.

## AGRADECIMENTOS

Aos meus orixás, que orientam o futuro e me mantêm, ulteriormente, acompanhada; se não racionalmente, em minh'alma. Arroboboi, meu pai; eparrei, minha mãe!

Às pessoas que vieram antes de mim na luta: as mulheres que queimaram na fogueira, os aliados que tentaram nos dar voz, todos os que seguem debatendo assuntos da moral num campo da práxis.

Naira, aprendi sobre mais do que apenas a atividade de pesquisa com você. Aprendi sobre humanidade, sobre acolhimento, sobre esforço, sobre os relacionamentos humanos. Aprendi sobre informalidade. Apenas observar você é um privilégio. Não sei descrever a gratidão em ser sua orientanda. Obrigada por tudo e por tanto.

Às professoras que compuseram a banca. Sinto-me profundamente tocada com sua generosidade: de tempo, de afeto, do olhar. Transmutar um momento tão repleto de aflição em uma situação de crescimento é algo sempre desejado, mas, para mim, é também sempre um desafio. O mérito é totalmente de vocês, algo pelo que posso apenas agradecer. Certamente eu – para não falar esta pesquisa! - não seria a mesma sem vocês. Obrigada!

Papai, muitas coisas boas e sólidas em mim nasceram da observação de você: seu comportamento, suas amizades, sua forma de agir em tantas situações, sua busca pela própria felicidade. Te amo.

Renan, nunca esquecerei as memórias de infância e adolescência. Em muitas das boas você estava lá (e em algumas das ruins também, claro). Muito obrigada mesmo por elas. Gayo, espero (mesmo) poder cunhar novas com você ao longo de sua vida.

Peçanha, Dog, Cérebro e Plivisson, meus amores felinos, vocês não lerão minha gratidão escrita, mas mudaram minha vida. São curativos e catalisadores. Obrigada por tanto.

Tio Fábio, você remodelou meu olhar sobre a família Nunes. Gosto de pensar que meu sobrenome vem de *você*, então (por isso), mantenho-o. Obrigada. Primos Miguel e Ana Alice, espero que vocês sejam grandes, fortes e belos na (e perante a) vida. Tio Alexandre, acho que todas as brigas só aconteceram porque você é, e acho que sempre será, meu ídolo de infância.

A quem acreditou em mim desde o princípio: Prof. Cátia Rocha, Jackeline Nascimento, Maria Cristina, Prof. Fábio Cândido, Prof. Ariadne Jacques, Prof. Ivo Lucchesi (*in memoriam*), Érika Ferreira, Meire Nívea, Lislíe Gomes, Thais Aguiar, Roberto Madruga, Julia Feitosa, meu muito obrigada!

Richard, amigo de toda uma vida, obrigada por me ensinar tanto sobre constância, permanência, lealdade e amizade. Obrigada, também, por ser um exemplo de vida para mim. Isso é fundamental para a vida bem vivida e para a pesquisa (e qualquer atividade) que traz satisfação e realização.

A Luiz Gabriel Iserim, com muitos nomes, que nossa amizade possa seguir florescendo e inspirando. Estaremos sempre aqui.

A Theo Guedes, que nunca desistiu ou duvidou de mim. Acreditou pacientemente, auxiliou quando possível e acredito ter até se divertido com minhas trapalhadas, vez ou outra.

Aos professores da UERJ que muito me inspiraram: Sandra Bernardo, Fernanda Cavalcanti, Alejandra Josiowicz, Carmem Praxedes, Décio Rocha, Amós Coelho. E também aos amigos da mesma instituição que tornaram a pesquisa um pouco menos solitária: Thiago Wallace Rodrigues dos Santos Lopes (já que sempre assinas com o teu nome completo), Marcela Azevedo, Isabela Coradini, Daniele Vieira, Danielle Leal.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. Assim, agradeço sinceramente à CAPES e à Fundação de Amparo à Pesquisa Carlos Chagas (FAPERJ) pelas bolsas concedidas ao longo da realização desta pesquisa. *Valor aplicado em pesquisa não é gasto, é investimento.*

Ao Sandro, por ter me feito sua pupila favorita – para mim, pela primeira vez. Isso marcou meu olhar para sempre. Agradeço também a chance de ter observado suas fotografias, tão efêmeras (pertencem ao momento em que as tira).

Ao Jackson Senhorinho, que nomeou e me ensinou *como* ser uma explosão de energia. Você evitou, muitas vezes, que eu me consumisse.

Por fim, ao Mathias. Você me mostrou não só o que ou como eu queria estudar, mas como eu queria viver. Obrigada por isso.

Nos han robado el tiempo, y con el tiempo se fue el arte y el placer de conversar.

*Rita Segato, "Contra-pedagogías de la crueldad".*

## RESUMO

LEÃO, Débora Cristina Nunes de Souza. "*Caiu no Olimpo...*": uma análise sociocognitiva da masculinidade a partir de *tweets* sobre Zeus. 2024. 103 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

O presente trabalho dedica-se a estudar a significação de Zeus com foco em quatro atributos principais: masculinidade, paternidade, autoridade e sexualidade. O método adotado nesta pesquisa dialoga com duas áreas da Linguística, a saber, as Humanidades Digitais, que estudam o comportamento e o discurso social e individual no meio virtual, e a Semântica Cognitiva, que estuda os processos de conceptualização a partir de conceitos da Linguística Cognitiva. As Humanidades Digitais oferecem norteamento para a constituição do *cópus*, formado por 179 *tweets* em português brasileiro que contenham as *lexias* “Zeus” e “Olimpo”. A metodologia envolveu exploração semântica do *cópus* com geração de nuvem de palavras, separação de excertos relevantes para os quatro domínios de interesse para a pesquisa em *clusters* e identificação dos papéis ativados em cada *frame* (Fillmore, 2006). Ao fim da descrição dos *frames*, originada nos excertos do *cluster*, foi proposto um MCI relativo à conceptualização de Zeus na amostra formada pelo *cópus* apresentado neste trabalho. Para realizar contraste diacrônico, o trabalho adota comentários recorrentes à Teogonia, composta pelo grego Hesíodo aproximadamente sete séculos antes da Era Comum. A hipótese deste trabalho, a de uma correspondência parcial dentro dos domínios delimitados, verifica-se como efetiva dentro do *cópus*, com poucas ressalvas expressas na forma de criticidade aos comportamentos do deus. Há, também, indícios da masculinidade ser conceptualizada em termos de dominação e poder, inclusive sobre o gênero feminino, o que possivelmente reforça alguns conflitos entre gêneros. Acredita-se, então, contribuir com o debate diacrônico sobre papéis de gênero na sociedade ocidental com a elaboração deste trabalho de pesquisa.

Palavras-chave: Zeus; masculinidade; Twitter; semântica cognitiva.

## ABSTRACT

LEÃO, Débora Cristina Nunes de Souza. “*Caiu no Olimpo...*”: a sociocognitive analysis of masculinity based on tweets concerning Zeus. 2024. 103 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

The present study is dedicated to examining the conceptualization of Zeus focused on four main attributes: masculinity, paternity, authority, and sexuality. The method adopted in this research belongs to two Linguistics fields, namely Digital Humanities, which studies social and individual behavior and discourse in the virtual environment, and Cognitive Semantics, which investigates the processes of conceptualization based on concepts from Cognitive Linguistics. Digital Humanities provides guidance for the composition of the corpus, which consists of 179 tweets in Brazilian Portuguese containing the lexemes “Zeus” and “Olympus”. The methodology involved semantic exploration of the corpus with the generation of a word cloud, separation of relevant excerpts into clusters for the four domains of interest to the research, and identification of the roles activated in each frame (Fillmore, 2006). Following the description of the frames, derived from the excerpts in the cluster, an Idealized Cognitive Model (ICM) was proposed regarding the conceptualization of Zeus in the sample formed by the corpus presented in this work. To perform a diachronic contrast, the study adopts recurrent commentary on the Theogony, composed by the Greek Hesiod approximately seven centuries before the Common Era. The hypothesis of this work, that of a partial correspondence within the defined domains, is verified as true within the corpus, with minor reservations expressed in the form of criticism of the deity's behaviors. There are also indicatives of masculinity being conceptualized as in terms of power and domination, including over the female gender, possibly reinforcing some gender conflicts. We therefore believe that this research contributes to the diachronic debate on gender roles in Western society.

Keywords: Zeus; masculinity; Twitter; cognitive semantics.

## SUMÁRIO

	<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS</b> .....	11
1	<b>OS GREGOS: MITOLOGIA, GÊNERO E PODER</b> .....	20
1.1	<b>Notas sobre a constituição do povo grego e a formação de uma religião patriarcal</b> .....	20
1.2	<b>A Teogonia: narrativas e relações de poder pelo masculino</b> .....	25
1.2.1	<u>O feminino presenteia: as Musas e o poder feminino da memória</u> .....	28
1.3	<b>A figura de Zeus</b> .....	30
2	<b>A LINGUÍSTICA COGNITIVA</b> .....	34
2.1	<b>Categorizando com flexibilidade: a visão radial</b> .....	36
2.2	<b>Metáforas como recurso do pensamento: do discurso à cognição</b> .....	40
2.2.1	<u>Por qual razão utilizamos metáforas?</u> .....	42
2.3	<b>Os Modelos Cognitivos Idealizados e os <i>frames</i></b> .....	43
3	<b>METODOLOGIA</b> .....	48
3.1	<b>Tipologias da pesquisa</b> .....	50
3.2	<b>Procedimentos metodológicos e de análise</b> .....	51
4	<b>ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS</b> .....	57
4.1	<b>O domínio SEXUALIDADE</b> .....	57
4.2	<b>O domínio AUTORIDADE</b> .....	62
4.3	<b>O domínio PATERNIDADE</b> .....	68
4.4	<b>O domínio MASCULINIDADE</b> .....	72
4.5	<b>O MCI ZEUS</b> .....	75
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	80
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	85

<b>APÊNDICE A</b> - <i>Tweets</i> resultantes das extrações.....	88
<b>APÊNDICE B</b> - Lista de palavras removidas para geração de nuvem de palavras.....	98
<b>APÊNDICE C</b> - Resumo das partes da Teogonia.....	101

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A sociedade greco-arcaica é uma das que mais influencia todo o pensamento ocidental. Com seus postulados principais, que integram áreas tão diversas como a Filosofia, a Literatura, a Biologia, a Botânica e a metodologia científica, e que foram propostos há quase três milênios, o rico contexto cultural greco-arcaico segue sendo lido, debatido e, no mínimo, retomado em temáticas e práticas contemporâneas ou, por que não, mesmo com tendências futurólogas.

Contudo, isto não significa que tudo o que foi dito pelos antigos não tenha sido jamais refutado posteriormente. De fato, percepções errôneas ou ultrapassadas, sobre os mais diversos campos da experiência humana, se proliferaram tanto quanto as mais acertadas:

A didática era obsessiva e cansativa. O professor-*domador* ditava e os alunos repetiam. O aprendizado avançava em ritmo lento (não era incomum crianças de 10 ou 12 anos ainda estarem aprendendo a escrever). Quando se mostravam capazes, começavam a ler, repetir, resumir, comentar e copiar uma seleção de *textos essenciais*, quase sempre os mesmos. Principalmente de Homero, mas também de Hesíodo. [...] Os antigos, que consideravam as crianças uma espécie de adultos em miniatura, sem gostos nem talentos próprios, ofereciam a elas os mesmos livros que os adultos liam [...] com muita frequência o método de ensino era *sádico*. Os castigos físicos eram *inseparáveis* da rotina escolar das crianças gregas (...) (Vallejo, 2022, p. 144, grifos meus).

Tais práticas pedagógicas exemplificam noções já superadas em nossos dias, mas, outras, igualmente pertinentes ao mundo grego antigo, seguem pertinentes à cultura ocidental - como a proposição da teoria atômica, frequentemente creditada (ainda que em sua formulação mais basilar) a Demócrito de Abdera<sup>1</sup> (séc. IV – III antes da Era Comum). Ou, ainda, pode-se citar como mais recente exemplo as categorias aristotélicas acerca do conhecimento de mundo e da linguagem, que, apesar de contestadas, hoje, pela Linguística Cognitiva (LC), arcabouço teórico deste trabalho, seguem influenciando pensadores e pesquisas, permanecendo debatidas nas universidades e espaços acadêmicos:

Os gregos, e a maioria dos filósofos ocidentais depois deles, concordam que experiências particulares, conforme vão sendo adquiridas a cada momento através dos sentidos, não são confiáveis. Portanto, somente as categorias estáveis, abstratas, lógicas e universais podem atuar como objetos de conhecimento e de referência para os significados das palavras. *Essa é uma opção filosófica de grande importância histórica.* [...] Cada objeto deveria ser classificado em categorias que compartilhassem

---

<sup>1</sup> Ou a seu mestre Leucipo.

*as mesmas propriedades [...]. O sistema Aristotélico é, em princípio, bastante conhecido. Os nossos dicionários são organizados a partir dele, para não dizer o nosso pensamento (Rosch, 2012, pp. 85-86, grifos meus).*

Em alguns destes casos citados, como o da teoria atômica, para comprovação carecia-se apenas da tecnologia que nossa era proveu mais adequadamente. Até que chegássemos às percepções hodiernas, este trabalho de separação entre joio e trigo foi executado por diversos pensadores e no decorrer de muitos séculos. Conforme a maneira tradicional da ciência de proceder, ou seja, colaborativamente, milhares de filósofos e pesquisadores (profissionais ou ocasionais) contribuíram com pensamentos e estudos visando estabelecer os procedimentos científicos e leituras de mundo mais adequados à natureza da nossa realidade atual.

Assim, ainda hoje, pesquisadores são desafiados a debruçarem-se sobre pressupostos gregos, revisá-los, discuti-los seja com uma ótica mais arcaica ou mais contemporânea. Neste trabalho, ainda que se queira honrar todo o arcabouço teórico e de conhecimento comum nas múltiplas discussões gregas, procuraremos nos ater a aspectos específicos da conceptualização de Zeus, que envolvem o acionamento de modelos culturais de poder, masculinidade e paternidade que os gregos antigos tinham.

E qual é o porquê desta escolha? Para além do meu interesse - nascido há tanto tempo que pouco me recordo sobre suas origens - acerca da mitologia greco-romana, que se manifestou no consumo desenfreado de livros, filmes e histórias que me contassem como o mundo era visto por aquelas pessoas, hoje, com mais maturidade que a criança de 12 anos que lia “Percy Jackson” (e acreditava-se, precisamente, “filha de Zeus”...), penso outras coisas sobre o valor deste interesse e dessa mitologia.

Uma destas questões é: após ser absorvido pela cultura romana, colonizadora da Grécia milênios atrás, e, ainda, interpelado pela cristandade ainda mais à frente, quem é Zeus? Como ele *permanece* no século XXI? Como a figura suprema das deidades<sup>2</sup> gregas antigas torna-se vista e entendida por pessoas que não a geraram? O que ela passa a integrar e representar?

Tais perguntas, em especial as duas últimas, parecem distante de uma realidade material ou de um conhecimento aplicado, mas creio que esta percepção se baseia, na verdade, em assunções sobre suas respostas. Como espero demonstrar ao longo desta pesquisa, diversos atributos referentes a Zeus são encontrados em aspectos de arquétipos (ou protótipos) variados

---

<sup>2</sup> Poderá se perceber, ao longo deste trabalho, a intencionalidade de não utilizar em excesso vocabulário pragmaticamente associado à cristandade ou ao cristianismo. É o caso da preferência por vocábulos como “deidade”, “divindade” ou “entidade” em vez de “deus” para nomear os seres do panteão greco-romano. Isto se aferirá, também, em diversos outros casos, como no uso de “antes da Era Comum” em vez de “antes de Cristo”.

da contemporaneidade. Veremos, conforme se espera, que conceitos como PAI, alguém PODEROSO e alguém MÁSCULO foram, de fato, noções que se alteraram segundo seu tempo, mas ainda hoje resguardamos atributos arcaicos em nossas ideias mais representativas para estas categorias, como a violência física e a imposição de sua própria vontade sobre outras, tornando-o, então, soberano. Algo, contudo, que este trabalho não descartará é o seu contexto de aparição; esta última condição para a soberania, ainda que seja descritivamente parecida – contendo elementos em comum, como a superioridade masculina a partir do aspecto *físico* e o monopólio da violência pelo gênero masculino – não é imune ao seu plano de fundo social, que, em um ciclo de retroalimentação, a ela fornece condições para existência e dela não pode prescindir.

Assim, torna-se não tão anacrônico falar de um tema arcaico visando entender o contemporâneo. Os domínios semânticos podem ser os mesmos, e aí reside nossa conexão para esta pesquisa, mas certamente seus conceptualizadores não o são. Temos similaridades e temos divergências, estas que justificam a necessidade de entender melhor o masculino. O progresso alcançado pelo gênero feminino não excluiu de todo as noções arcaicas da masculinidade. Enquanto ao menos algumas características mais tóxicas dela existirem, seremos presas. Julgando, então, que os assuntos do contemporâneo e do arcaico não são ulteriormente distintos, podem-se encontrar características em comum e também características divergentes, que nos explicam não apenas um resultado, mas um processo de sintetizações, conceptualizações, apagamentos e enviesamentos políticos, narrativos e, claro, religiosos e mitológicos.

O segundo ponto que a criança de 12 anos jamais poderia ter pensado enquanto lia livros com mitos gregos adaptados à sua idade era uma questão muito debatida atualmente: as dinâmicas sociais de poder. Assumidamente feminista, me dispus, em vez de propor ideias ou práticas libertadoras ao meu gênero, e mesmo de pleitear uma luta física em um dado meio social, a observar o comportamento e o *pensamento* do gênero oposto ao meu, os quais frequentemente não possuem corpo, habitando as nossas ideias, sejamos homens ou mulheres (ou ambos, ou nenhum dos dois...).

Falo do machismo, nesta introdução, não para expressar meu ódio, mas para entender a sua práxis: quais são as formas que nos docilizam, os pressupostos que não questionamos em uma aceitação cansada, (por)que não podemos alcançar, os percalços que percorremos e não compreendemos, tornando-nos impossibilitadas, então, de livrar-nos deles? Quais ideias sobre poder, sobre paternidade, liderança, dominação e enfim sobre como um *homem* ideal *deve* ser nós seguimos e aceitamos, explorando-as com dificuldade, questionando-as, quando muito, com hesitação?

E, mais uma vez, de um questionamento, atingimos seu oposto: se o homem é a liderança, o que seria a mulher? Se o campo atribuído ao masculino nesta moral patriarcal é a guerra, ou a posse, ou a dominação, e a ele é devido reverência, qual é o domínio atribuído ao feminino? O que pertence às que, como eu, realizam tarefas de pesquisa, observam o mundo, leem, estudam, debatem? Serão elas as deslocadas?

Sartre nos diz que as mulheres também poderiam ocupar os lugares reservados ao masculino:

Firmada sobre *aner*, que designa o homem não como espécie humana (*anthropos*), mas como macho, a *andreia* possui um sentido menos sumário que a expressão homérica “ser um homem”. Obviamente, no coração da noção encontra-se a coragem física, primeiramente aquela demonstrada em campo de batalha, mas que não é mais exatamente a demonstração da bravura e da força brutal do herói homérico, já que o combate hoplita impõe ordem e disciplina. Entretanto, a força muscular continua presente, e não é por acaso que Aristófanes faz de Heráclito o próprio emblema da *andreia* (...). Mas esta *andreia* também se faz acompanhar de audácia na adversidade, de obstinação no infortúnio. Não é sem razão, portanto, que as mulheres também possam manifestar sua *andreia* (...) **o gênero não é mais questão de sexo, mas de comportamentos e virtudes, no topo dos quais figura a coragem. Coragem física, obviamente, mas igualmente coragem moral**, que consiste em resistir àquelas leis da cidade contrárias às leis divinas (Sartre, 2013, p. 20-21, itálicos no original e negritos meus).

Ora, ao definir um dos lados como lado que é representado pela virtude, o bom senso nos diz que o lado oposto é o lado em que esta não reside. Assim, mesmo mulheres que possuíssem virtudes, como Antígona<sup>3</sup> ou Hipátia de Alexandria<sup>4</sup>, apenas poderiam sê-lo por possuir a característica da masculinidade, isto é, por ter em si algo de masculino. Como uma alma deslocada de sexo e gênero, poderiam juntar-se ao lado dos virtuosos. Se apenas podemos “vencer” juntando-nos ao que os homens creem como positivo, estará a causa feminista para sempre perdida?

Ainda que todas as tais perguntas citadas nos parágrafos acima sejam tão amplas, impossíveis a uma resposta breve no curso desta dissertação — ainda que fosse muitas —, não é senão dissecando estes arquétipos, estes protótipos tão perpetuados pelos que contam a história que tatearemos resposta a esta pergunta. Não me proponho, assim, extinguir a questão,

---

<sup>3</sup> Personagem trágica, filha de Édipo, que comete crime contra a lei imposta por seu tio a fins de seguir a orientação da religião, à época, escolhendo então as leis divinas sobre as leis da cidade, como diz Sartre ser essencial para a *andreia*. Ela assume seu ato e por conta dele padece.

<sup>4</sup> Filósofa grega, versada em filosofia, astronomia e matemática, morta no ano 415 da Era Comum, que foi linchada e assassinada por cristãos, que alegavam que ela era “praticante de magia negra” (Vallejo, 2022).

mas de seguir desafiando-a. A linguagem é um fenômeno poderoso; ao encontro do que postula a teoria linguística que empregarei nesta pesquisa, a Linguística Cognitiva (LC), além de construir o mundo, a linguagem humana integra nossa própria capacidade de simbolização e processamento de mundo, isto é, o nosso pensamento.

Falar do protótipo, então, poderá tornar-se uma maneira de construí-lo, reforçá-lo... ou, como aqui se pretende, perscrutá-lo, compreendê-lo e quiçá modificá-lo um dia. Acredito que a ressignificação não é um processo alcançado apenas pelo desejo, mas, também, pelo conhecimento consciente e inconsciente, ou pragmático, adquirido apenas no convívio com o conceito anteriormente regente.

Por tudo isso, reitero: a intenção, aqui, é observar o passado para analisar o presente e, então, em um novo passo, e também coletivamente, construir um futuro. No início desta seção, mencionei que pressupostos grego-arcaicos, em diversas áreas, seguem sendo lidos e debatidos em estudos contemporâneos e com tendências menos ou mais contemporâneas. A LC é um destes últimos, por sua aderência às mais recentes teorias sobre a mente e a cognição, e, claro, por seu paradigma progressista, que se pretende a atualizar constantemente suas pretensões conforme o avanço da ciência. Isto reitera a sua aplicabilidade potencial também a textos arcaicos. Com o intento de descrever conceptualizações culturais, a LC representa bom arcabouço teórico para o debate sobre o pensamento de uma cultura.

Uma das principais razões para julgar essa adequação é a predileção da LC pelo significado, a partir do qual a teoria linguística se desenrolará. A visão sobre a Semântica, nesta corrente, é tida como a geradora e motivadora até mesmo das estruturas mais formais, gramaticais, que não se originam de uma realidade, mas a constroem junto à experiência corpórea no mundo e em dadas condições sociais, materiais...

Quanto aos instrumentos para esta realização, neste trabalho, me valho especial, ainda que não unicamente, de duas teorias profícuas para a LC: a Teoria da Metáfora Conceptual e a Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados. Ambas propostas por George Lakoff (a primeira em conjunto com Mark Johnson), considero que suas inovações estão, respectivamente, na interação entre domínios concretos e abstratos do conhecimento, que resulta em simbolização conceptual e na ancoragem da linguagem e do pensamento no corpo, dando lugar ao indivíduo e à perspectiva, bem como na organização sistemática dos conceitos de mundo e da cultura, sem, para isto, estar à parte das categorias linguísticas por si. Da mesma forma opera a religião grega (e, poderá se afirmar, diversas religiões): reintegrando a realidade sensível, a estética, ao pensamento e à abstração sedenta por explicações metafísicas sobre questões da filosofia que

nós repetimos há séculos: quem somos? O que estamos fazendo aqui? E por qual razão, afinal, somos e estamos aqui?

Neste trabalho, considerarei que o significado dos conceitos – ou das divindades – é corporificado, envolvendo uma noção de *mente* indissociável de sua experiência corpórea, seja no nível da espécie e do indivíduo, e cultura, no nível social. Mais além: distante de uma acepção modular da mente, em que um determinado “setor” cerebral estaria responsável por processar a linguagem, ou aspectos dela, defendo que a linguagem é processada de forma integrada, ocupando diversas áreas da mente simultaneamente, não obrigatoriamente diferenciando estímulos sensoriais e perceptuais dos estímulos linguísticos. Assim, ao postar um único *tweet* sobre Zeus, o usuário está motivado por conceitos bastante diversos, como pelo seu conhecimento sobre o tema, suas experiências pessoais com produtos como videogames que envolverão a divindade, sua posição ideológica frente a determinados fatos narrativos, seu próprio gênero, as expectativas sociais que orbitam o assunto em questão, o conhecimento (ou ausência deste) sobre o seu interlocutor... Nada disso, contudo, divide o sujeito, mas o integra em um corpo que experimenta a realidade e a cultura a partir de si, como um filtro, que permite que todas essas facetas tornem-se peças de um único quebra-cabeça.

Falamos, até aqui, do meu interesse pessoal no tema, nas potenciais contribuições para a sociedade e defendemos a posição da LC como instrumento de análise que dê conta de tal empreendimento, delimitando nossa área de trabalho dentro da teoria. Dirigindo-nos, então, agora, ao ponto de partida, tratemos da base comparativa do trabalho, a qual será mencionada no capítulo vindouro, e encontremos uma questão central: por que, dentre tantos possíveis, optar por um texto arcaico versificado e, sobretudo, cosmogônico, com características quase compilatórias?

Tal qual a Bíblia judaico-cristã, a *Teogonia*, atribuída ao poeta Hesíodo, com vivência estimada por volta do século VII aEC<sup>5</sup>, busca organizar e consolidar os saberes do povo grego antigo sobre a origem do universo conforme eles o entendiam<sup>6</sup>. Rico em louvores e elogios às suas divindades e entidades (que aparecem ao longo de todo o texto), o poema visa narrar o início e a constituição do cosmos, com os “deuses primordiais”, e segue até a constituição, até então, contemporânea do universo aos gregos antigos, com o estabelecimento definitivo dos

---

<sup>5</sup> Antes da Era Comum.

<sup>6</sup> A *Teogonia*, contudo, não ocupa o papel de texto sagrado nas práticas religiosas greco-arcaicas. Havia, de fato, uma relação com a religiosidade, na visão do povo greco-arcaico, durante a constituição de poemas. Acreditava-se que o seu escritor era inspirado pelo divino, mas, reitero, o papel social do texto é totalmente diverso, sendo consultado mais como obra de arte do que como objeto litúrgico, especialmente devido a questões sociopolíticas.

deuses olímpianos (moradores do monte Olimpo), liderados por Zeus. Esta constituição perpassa guerras, conflitos, relacionamentos e mistérios, de forma similar à constituição humana de reinos e democracias.

Na Teogonia, como quem sabe já se poderá ter percebido, Zeus não é o foco único da história. O texto hesiódico é a história de todo o cosmos, e não de seu líder. Contudo, como veremos no segundo capítulo, Zeus tem uma ligação indissociável com o universo ordenado conhecido pelos seres humanos: ele é a origem do seu sentido, das interações que comandam o fluxo de informações, visto que encarna nada mais nada menos que o poder, o potencial de transformar as coisas vivas ou inanimadas. Assim, ao analisar o *ambiente* de Zeus, entende-se o seu poder e a sua representação.

Foi, também, a partir da (re)leitura preliminar deste texto, no decorrer do curso do mestrado, que os domínios possíveis começaram a desenhar-se em minha mente. Os domínios encontrados foram reaproveitados quando encontrados no cópuz, com a exclusão de um<sup>7</sup>, não verificado no cópuz contemporâneo. Por isso, vejo que tal diálogo se torna ainda mais profícuo, estabelecendo, assim como em meu próprio pensamento, conexão entre o passado e o presente.

Em tantas abordagens possíveis, preferi ater-me, na Teogonia, a compreender os teores principais de seu ator mais relevante, quem encerra o poema agindo como um catalisador para a ordenação do mundo: o *comportamento* de Zeus é fator preponderante para que seja quem é, e, igualmente, é determinado por quem ele é.

Tal dinâmica me parece muito similar ao próprio funcionamento da masculinidade de maneira mais ampla: “Não existe *andreia* sem um profundo sentido de *agón*<sup>8</sup>: sempre e em toda parte fazer melhor do que o outro. Este espírito de competição se encontra (...) no comportamento daqueles que são seus membros: os homens” (Sartre, 2013, p. 25). Zeus torna-se o rei porque ele faz melhor que todos os demais, logo, eles os domina enquanto ordena o universo. Essa dominação é a marca do masculino, que restringe o feminino às camadas mais passivas de atuação, ao lar, às atividades que não retenham poder. Em outras palavras, a masculinidade reside em comportar-se de uma forma específica, enquanto um agir que não seja masculino, que não seja um determinado comportamento rígido e delimitado, torna-se automaticamente feminino e incapaz de alcançar o seu propósito:

---

<sup>7</sup> A saber, a metáfora conceptual em questão era ZEUS É ELEMENTO DA NATUREZA, e originou o domínio FORÇAS NATURAIS. O estabelecimento desta metáfora está no texto de Leão e Velozo, 2023 (ver seção Referências).

<sup>8</sup> Competição.

(...) os garotos são desobedientes porque são garotos; são agressivos e violentos por este motivo. O fatalismo de gênero se fundamenta em ideias sobre a natureza e sobre o tempo: o que “será” se determina pelo que “é”. É assim que os garotos são; garotas, também. Mas esse modo de ser não se torna apenas uma explicação (...), mas uma expectativa. O “serão” em “garotos serão garotos” ganha a força de uma profecia. Uma profecia torna-se um comando. Você será um garoto. Quando tiver cumprido esse comando, você será aceitável, você terá correspondido a uma expectativa (Ahmed, 2022, p. 39).

Vale lembrar, nessa toada, que isso não atinge somente as mulheres, mas quaisquer indivíduos que não performem a masculinidade da dominação, de ser melhor que os demais, independente do sexo atribuído no seu nascimento. Este filtro de comportamento é, então, prêmio para os que, nascidos homens, comportam-se da maneira esperada, e o comportamento ausente de dominação, o feminino, é punição para os desviantes do protótipo. É, inclusive, por esta razão, dentre as outras já delineadas, que este trabalho pretende falar do *masculino*, em vez do feminino. Olhar para os comportamentos dominantes e entendê-los hoje é uma das maneiras que creio ser profícua para pensarmos e construirmos uma realidade diferente, que olhe para o passado, mas não impeça que melhorias venham por tradicionalismo sem benefícios socioculturais verdadeiramente substanciais.

Tais relações de poder intrínsecas ao comportamento masculino prototípico e dominante têm seus mecanismos expressos na Teogonia para que esta seja não uma forma de observar comportamentos desviantes, mas um poema que expressa o arquétipo do comportamento masculino que é capaz de ser emulado por seres humanos. Desta forma, sendo uma das propostas de consolidação sociocultural mais validadas acadêmica e historicamente, o texto se apresenta como rico substrato para a análise do pensamento de uma cultura. O objetivo desta pesquisa, contudo, é verificar as modificações nas conceptualizações em contraste com a Teogonia. Logo, para constituir contraste entre a percepção do texto arcaico e a contemporânea, coletei dados do Twitter com os vocábulos “Zeus” e “Olimpo” e analisei as principais lexias que surgiram nos 179 *tweets*, quando do discurso hodierno sobre Zeus. Para empreender este mapeamento semântico, elaborei nuvem de palavras e, a partir de palavras que representassem maior interesse - isto é, que já constituíam domínios conhecidos por mim, como o vocabulário relativo ao videogame *God of War*, que tem por temática a mitologia grega -, organizei *clusters* com domínios semânticos, propondo em cada um deles a estruturação de *frames* e seus elementos (papéis) que se relacionavam com a figura de Zeus. Após esta análise individual, integrei os dados propostos em um único modelo cultural, complexo e intrincado, passível de ser acessado por vários pontos, que representasse a amplitude da conceptualização de Zeus no mundo contemporâneo.

Para concluir esta sucinta introdução, resta mencionar que esta pesquisa, de caráter básico e qualitativo, pretende não necessariamente resultar em um único produto visível, mas provocar reflexões sobre o papel do homem na sociedade ocidental desde milênios atrás até hoje. Seria consideravelmente desafiador, senão verdadeiramente impossível, pretender-me a englobar todas as possibilidades que explicassem um fenômeno tão complexo quanto os aspectos agressivos e poderosos dos comportamentos dos gêneros - especialmente com uma coleta de dados focalizada, histórica, situada em um único tempo e espaço restrito, como aqui se apresentará. Este tipo de problema não é resolvido com técnica, mas com conhecimento coletivizado, com conscientização. Jamais avançaremos a partir de um impulso individual: apenas trabalhando juntos, leitor(a), conseguiremos construir legados no tema que esta pesquisa aborda.

## 1 OS GREGOS: MITOLOGIA, GÊNERO E PODER

Hesíodo, autor da Teogonia, base comparativa a nosso *córpus*<sup>1</sup> de estudo, foi um homem grego que supostamente viveu entre os séculos VIII e VII antes da Era Comum (aEC). Desempenhou ocupações pastoris e possivelmente foi proprietário de terras, herdadas do pai e objeto de disputas com seu irmão<sup>2</sup>. Há o questionamento histórico sobre se ele teria se envolvido em contendas políticas com integrantes da aristocracia grega da época (neste caso, juízes) na disputa pela herança. Estas tensões são por vezes evidenciadas em seus poemas e evidenciam os círculos sociais aos quais Hesíodo pertenceria, fato que certamente estaria representado em sua obra.

Cabe ressaltar que Hesíodo não é interpretado, neste trabalho, como nada além de um representante, de um fio condutor para acesso à mitologia grega – fato que a obra escolhida ajuda a evidenciar. Não se pretende analisar o autor, e, sim, a cultura à qual o humano pertencia. A Teogonia é, de forma sucinta, o intento de representar de forma sistemática e organizada a mitologia e a religião greco-arcaicas – e, desta forma, parte de seu pensamento simbólico – a partir da constituição de imagem clara das divindades cultuadas, cujas gêneses, evidentemente, não pertenceriam exclusivamente ao homem.

### 1.1 Notas sobre a constituição do povo grego e a formação de uma religião patriarcal

Antes de seguirmos para analisar as significações do próprio texto, vale pensarmos no povo que a ele deu luz, e olhar para sua constituição histórica é uma forma muito rica de obter esse tipo de informação para reflexão. É costumeiro ouvir em relatos mitológicos ou históricos, como, por exemplo, no tocante à historiografia das guerras da região grega, sobre a sua constituição em cidades-estado com caracteres distintos e rivalidades afloradas. Uma das razões potenciais para este fato é a de que o que chamamos hoje de povo greco-arcaico é, no mínimo, uma simplificação de um processo histórico variado e intenso. Com pelo menos cinco macro-

---

<sup>1</sup> Aqui, se optará por não grafar a palavra *córpus* com itálico e sem acento, pretendendo-se então um aportuguesamento da mesma.

<sup>2</sup> Cf. *Os trabalhos e os dias*.

classificações étnicas envolvidas na formação do que hoje entendemos como a Grécia Antiga (a saber, os jônios, os minoicos, os aqueus, os eólios e os dórios), a constituição da visão hodierna do que teria sido este cenário histórico – tardia por si só, e organizado em sua forma mais modular, em cidades autônomas (as cidades-estado) – foi resultado de processos de guerras, assimilação de povos e sincretismo religioso:

Pouco importa, portanto, que deusas tipicamente cretenses, como Reia, Hera, Ilítia, Perséfone, Britomártis, [...] tenham sido assimiladas pelos gregos, com funções, por vezes, diferentes das que exerciam em Creta, porque um traço comum sempre as prenderam [sic] ao velho tema minoico: a fertilidade. (Brandão, 2015, p. 62)

Ou seja, a própria identidade grega, que segue influenciando gerações ocidentais, foi constituída a partir de outros pontos iniciais. No primeiro, ainda na idade do Bronze, aproximadamente dois milênios aEC, chegam ao território grego<sup>3</sup> povos vindos da Ásia Menor. Eles são os primeiros a nomear entidades naturais, como montanhas, rios e territórios com nomes próprios e distintos dos que eram atribuídos a seres humanos, característica muito marcante na mitologia posteriormente constituída<sup>4</sup> e legada a nós como apenas “grega”, e também introduzem o bronze como material para ferramentas cunhadas por humanos (Brandão, 2015, p. 45-47).

Esta civilização virtualmente desapareceria em menos de um milênio. Este primeiro dos povos “gregos”, ou helenos, denominado *jônio* e quem sabe já pertencente à classificação dos proto-indo-europeus, seria um povo com cultura militar destacada, que escravizou os asiáticos ali residentes e já se estabelecia em acrópoles (Brandão, 2015, p. 51). Havia, contudo, outra civilização constituída simultaneamente a partir dos fluxos migratórios dos povos asiáticos da Anatólia: os cretenses, que com os jônios já se relacionavam (normalmente, de forma não amistosa!).

A ilha de Creta, atualmente a mais populosa da Grécia e a quinta maior ilha de toda a região do Mediterrâneo, diferentemente de seus primos jônios, era mais “avançada” em termos religiosos. Com celebrações complexas, como sacrifícios, e objetos ritualísticos de apoio ao culto que chegavam a constituir pequenas capelas para comunhão religiosa, a religião minoica

---

<sup>3</sup> O qual, neste trabalho, será também denominado Hélade.

<sup>4</sup> Que, é digno de uma nota um pouco apressada, aponta para um funcionamento metonímico, como que na religião o nome tivesse funções quase ritualísticas de presentificação (o nome sendo a coisa).

(termo intercambiável com *cretense*) exibia um forte caráter ctônio<sup>5</sup>, com forte relação com o elemento *terra*, que irá também revelar-se mais tarde na gênese da mitologia grega conforme Hesíodo, e, doravante, na narração presente na Teogonia acerca da origem do universo – explícita, em Hesíodo, no papel de Gaia, divindade da terra, na formação dos seres.

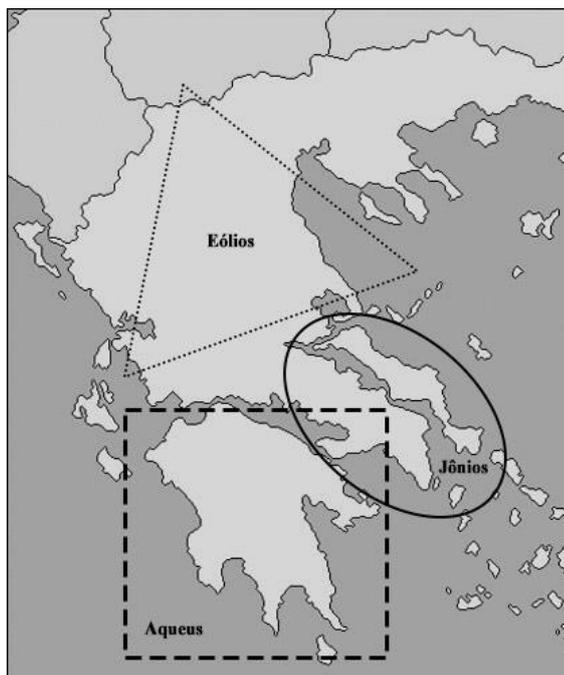
A próxima fase é narrativamente associada por Homero a um evento mitológico conhecido: a Guerra de Troia. O termo *aqueu*, que constitui o terceiro dos povos que influenciariam a Hélade em larga escala, é, na verdade, segundo Brandão (2015, p. 53-55), uma denominação genérica para todos os povos, de diferentes origens e culturas sócio-históricas, que haveriam lutado na guerra troiana, que, com sua duração estendida, pode ter aproximado povos diversos de forma mais intensa. Quem sabe por este mesmo contexto militar, que gerou um segundo influxo migratório para a Hélade, os recém-chegados estabeleceram-se em territórios jônios e minoicos e com eles passaram a coexistir.

Desta maneira, note-se que os povos envolvidos na formação da Grécia chegaram a coexistir ainda com suas identidades culturais preservadas (ou seja, previamente ao amálgama que resultaria na cultura greco-arcaica por excelência): como está na Figura 1, a seguir, vemos cartograficamente que a região do Peloponeso, ao sul, era ocupada pelos aqueus; a área da Eubeia e da Ática, a centro e a leste, pelos jônios; enquanto o Norte (especialmente a Tessália e a Beócia), era ocupado majoritariamente pelos eólios – estes próprios possivelmente outra ramificação dos aqueus.

---

<sup>5</sup> Alguns elementos, conforme Brandão (2015, p. 57-59), que trazem este caráter são a presença da simbologia do *labirinto* e o culto aos mortos, já razoavelmente elaborado e associado a locais subterrâneos.

Figura 1 - Mapa aproximado da ocupação da Grécia um milênio e meio aEC.



Fonte: elaboração minha com base em Brandão (2015, p. 71).

Esta fase também representará uma assimilação entre a ilha de Creta, ou a civilização minoica, com a cultura aqueia. Este último povo, que subjuga o primeiro, destruindo seus símbolos mais consolidados (como o palácio de Cnossos), ergue outros significantes pontos históricos de relevância militar, política, cultural e histórica: o palácio de Micenas – nome a partir do qual será conhecido o “novo” povo formado a partir da interação entre os aqueus e os cretenses, os *micênicos*. A partir desta constituição e por milênios a seguir, os micênicos representaram uma cultura de especial relevância para a Grécia.

Tal dominação aqueia sobre Creta, e, porque não dizer, sobre a Grécia, tem profundas implicações religiosas:

[...] trouxeram para a Hélade um tipo de religião essencialmente celeste, urânica, olímpica, com nítido predomínio do masculino, que irá se encontrar com as divindades anatólias de Creta, de caráter ctônio e agrícola, e, portanto, de feição tipicamente feminina. Temos, pois, de um lado, um panteão masculino (*patriarcado*), de outro, um panteão, onde as deusas superam de longe (*matriarcado*) aos deuses e em que uma divindade matronal, a *Terra-Mãe*, a *Grande Mãe* ocupa o primeiríssimo posto, dispensando a vida em todas as suas modalidades: fertilidade, fecundidade, eternidade. Desses dois tipos de religiosidade, desse sincretismo, nasceu a religião micênica (Brandão, 2015, p. 74, itálicos no original).

O processo de sincretismo, no qual deuses masculinos e femininos são comparados e seus cultos, alterados para equipararem-se, é realizado previamente à constituição da Teogonia. Simplificando em exemplos, é neste momento que a deusa Hera é associada a Zeus, que Reia torna-se mãe dos deuses micênicos (como já o era em Cnossos, em Creta), que Dioniso torna-se um deus também dos aqueus... e pode-se ir ainda mais longe, verificando-se que “*todas* [as deusas femininas] são herdeiras de deusas cretenses” (Brandão, 2015, p.77, *italico meu*).

Este novo processo sincrético se desenrolaria ao longo de muitos anos, em meio a processos difusores de cultura como o comércio, os casamentos, e, acima de tudo, as guerras, e não seria estável ou mesmo simples, como todo processo sincrético nunca o é. Como apontado na introdução deste trabalho, no sincretismo há a perda de atributos originais de cada uma das suas partes, bem como a inserção de novos e por vezes conflitantes elementos, que representem melhor o povo que vive o momento do sincretismo.

É no século XII aEC que chegamos à terceira e última invasão que constituirá o povo e a religião grega: a invasão dória. O povo dório, que era majoritariamente militar, traz alguns elementos que mais tarde seriam consolidados como *naturalmente gregos*: a patrilineagem ferrenha, uma visão da superioridade masculina calcada na guerra e no poderio físico, bem como a “nudez do atleta e a pederastia”<sup>6</sup> (Brandão, 2015, p.108).

A mesma superioridade masculina calcada em poderio físico é a que se torna responsável por algo que o próprio Brandão denominará um “retrocesso”. As novas formas do culto religioso, a partir da invasão dória, refletirão a sociedade nova que se ergue e que será a que se consolidará na História: ele será belicoso, masculino, calcado na dominação e no subjugo dos mais fracos – que, como veremos mais à frente, se perpetuará também em sua mitologia a partir de Zeus, deus supremo do panteão greco-arcaico. Caberá, então, aos suplicantes - outrora conquistadores - aqueus, jônios e cretenses resgatarem e instituírem o relacionamento entre os *génos* (clãs) que inspirará um dos aspectos essenciais da Grécia Antiga: a autonomia e a cooperação (e, claro, as rusgas) entre as cidades-estado.

---

<sup>6</sup> Isto é nítido especialmente em Esparta, onde identifica-se forte legado dório. Os critérios de masculinidade ali envolviam resistir à dor, aprender a obedecer à hierarquia, demonstrar muita coragem e nenhuma hesitação (seja em batalha, seja na política e oratória), entre outros. Além disto, pouco letramento era dado durante a educação espartana, e a higiene pessoal era negligenciada, desestimulando os homens a cuidarem da aparência e resistir a condições adversas, andando nus, suportando frio e tendo poucos confortos. Para mais sobre o tema, consultar Sartre (2013).

## 1.2 A Teogonia: narrativas e relações de poder pelo masculino

E, assim, retornamos ao campo do simbólico! Nos tempos atuais, o texto hesiódico obtém menor representação midiática, se comparado ao homérico, e, proporcionalmente, é menos conhecido. Isto, contudo, não implica em pequena relevância: enquanto Homero nos legou epopeias, tragédias e históricas épicas, normalmente curtas para nossos parâmetros literários hodiernos (instituídos por uma sociedade de mercado), Hesíodo, como já mencionado, dedicou parte de seu trabalho à organização de uma cosmovisão grega mais unificada.

E por qual razão esta unificação se faz valiosa? Na visão do Brandão, endossada neste trabalho, uma teogonia, a narrativa sistematizada e organizada das relações entre divindades, é a expressão de um sistema religioso sofisticado, que possui seus diversos elementos organizados de forma mais ou menos cronológica<sup>7</sup>, possuidor de uma hierarquia pouco questionada e com uma ritualística consolidada. O arrojo de uma teogonia, assim, se faz valioso porque encerra, de forma condensada e estruturada, em um único objeto, as visões mais consolidadas e formais de uma sociedade, em termos de suas crenças religiosas, facilitando um posterior trabalho de reconstrução.

Pode-se dizer, assim, que uma cosmovisão unificada, de início, fornece um apanhado de mitos correntes e vivos naquela sociedade. Esta é a razão de se querer discutir um texto como tal em um trabalho que se pretende, ulteriormente, debater o digital, historicamente, claro, muito distante do tempo de Hesíodo. No caso específico greco-arcaico, este legado nos chega através da fala e apenas posteriormente da transcrição e/ou escrita – mais ainda, uma escrita literária e versificada, sem o caráter formalista, explícito e explicativo de outros gêneros textuais, como o documental, gênero que foi o primeiro a utilizar-se da escrita como ferramenta.

Para além disto, enquanto o rito representaria o aspecto social da religião, em que o participante assume um papel a desenrolar, e a representação icônica é majoritariamente simbólica, encerrando um domínio semântico relativo a cada divindade e seus respectivos *frames*, o mito encerra a dimensão *narrativa* da prática religiosa:

---

<sup>7</sup> Veremos, oportunamente, que o contexto cronológico mitológico não espelha meramente a nossa percepção biofísica de tempo, a partir dos moldes corporificados humanos que conceptualizam essa passagem de tempo. Em vez disso, provêm nova e rica interpretação do conceito, de forma mais narrativa do que científica, pode-se pontuar.

Em sua forma verbal, o mito é mais explícito que o rito, mais didático, mais apto e inclinado a “teorizar”. Dessa forma, traz em si o germe daquele “saber” cuja herança a filosofia recolherá para fazer dele o seu objeto próprio, transpondo-o para outro registro de língua e de pensamento: ela reformulará seus enunciados e conceitos desvinculados de qualquer referência aos deuses da religião comum (Vernant, 2006, p. 26-27, aspas no original).

Adiciono ainda um último ponto que justifica o uso da Teogonia. Ainda que não comumente utilizada em estudos de gênero na Antiguidade, que se debruçam mais costumeiramente sobre os mitos épicos ou heroicos (com figuras humanas ou semidivinas), pretendi falar não da figura humana, mas partir do arquétipo da divindade para chegar às relações de gênero. Como legitimadores da ordem social, os deuses não apenas praticam os mesmos comportamentos de dominação exercidos pelos homens através de sua *andreia* (masculinidade, virilidade) sobre as mulheres, mas superam-nos em *excelência*. Zeus é admirado também por sua capacidade extensiva de impor sua vontade, de gerir um Estado (o Olimpo) e todo o *kosmos* a partir da sua persuasão ou força bruta. E, na Teogonia, ele recebe louvores por isso e sua história é contada.

Não será senão por meio deste ponto de acesso privilegiado da narrativa grega, moldada pelos *aedos* (os bardos errantes gregos) e pela sociedade e seus discursos que por sua vez os influenciavam, que teríamos acesso a um dos pontos mais idiossincráticos do sentimento religioso greco-arcaico: o numinoso, ou o “sentimento difuso do divino” (Vernant, 2006, p. 24).

O numinoso é da ordem do “irracional” ou “suprarracional”:

Este, o numinoso, só seria possível de se descrever a partir das sensações vivenciadas pelo sujeito e teria como característica mais fundamental o sentimento de mistério inefável exercendo uma estranha harmonia de contrastes, pois, ao mesmo tempo em que repele, também atrai e cativa (Walter, 2010, p. 38).

Assim, muito de qualquer religião requer o misterioso, o *não entendido*; este não entendimento, por sua vez, permeia o social e o racional da religião, manifestando-se através de símbolos que condensam ou organizam o incompreensível(dido), e, por que não, escala até nossa organização social e compreensões de classe, raça e também de gênero, as relações que nos interessam nesta pesquisa.

Este sentimento *difuso* do divino está presente não apenas na estruturação da Teogonia, mas na própria conceptualização de seus personagens – principalmente na de Zeus, a nossa figura de interesse. Os chamamentos à divindade são numerosos e sua ativação ocorre em

cenários diversos, notadamente os relativos à legitimidade, ao poder, à paternidade e a cenários de louvor religioso.

É claro que o contexto gerador da Teogonia, isto é, o contexto religioso, não se reflete no meio escolhido para análise neste trabalho – o digital, em uma mídia de textos curtos, mais de dois milênios depois. Ainda que seja possível, nesta mesma mídia, encontrar textos com o mesmo caráter devocional à religião cristã, o mesmo não era esperado se relativo a Zeus quando do estabelecimento desta pesquisa. Enquanto Zeus e seu culto virtualmente desapareceram, com o expansionismo colonizador cristão, os deuses gregos tornaram-se mídia de massa, presentes em produtos audiovisuais, literários e mais.

A indústria cultural precisa de arquétipos, ou seja, de seres bem-delimitados, plásticos, visuais, que possam ser imbuídos de valores que lhe agradem, conforme a narrativa em questão. Os deuses gregos, em sua multiplicidade politeísta, representam um substrato possível para essa aproximação entre o clássico e o contemporâneo. Daí a presença múltipla de figuras como Zeus, como veremos no capítulo 4, em videogames, músicas, séries literárias e mais, a partir dos quais os usuários do Twitter elaboram a sua experiência com o domínio semântico ZEUS.

Além disso, a elaboração da Teogonia se deu previamente ao estabelecimento da escrita, bem como da moeda e da vida urbana. A escolha por um poema de caráter “institucional”, isto é, privilegiado, se explica pela dificuldade de acesso a fontes mais populares, que registrem a prática vivente do povo – como as pessoas falavam sobre o deus maior de forma livre, sem mediações e pressões sociais. Este ambiente *seria* mais próximo do que o Twitter, ocupado por jovens, nativos digitais, representa. Contudo, como dito, a massa era iletrada! Resta-nos acessar, então, a conceptualização do soberano divino por outras vias.

Tais marcas da até então forte tradição oral, inclusive, permeiam profundamente o poema, na avaliação de Torrano (1991), em alguns itens principais: o primeiro, que envolve o retorno contínuo de frases e formas narrativas, que se repetem no texto com frequência, gerando circunvolução de temas, entidades e mesmo atos; o segundo, na organização da narrativa, que gera linhas narrativas distintas e justapostas que se misturam e se separam com mais naturalidade que no gênero contemporâneo romance, por exemplo; em terceiro, uma linguagem profundamente poética, repleta de adjetivos, construções sonoras e rítmicas agradáveis, visto que seu intento era ser ouvido, e não lido; enfim, por último, na elevada quantidade de nomes, com efeito catalogador e mnemônico.

A este último critério tipológico, permito-me adicionar dois outros pontos. Quanto à quantidade de nomes, podemos discernir dentre eles um fator um pouco mais específico, que

se faz nos numerosos chamamentos e louvores, típicos da linguagem religiosa; muitos deles se referem, precisamente, a Zeus, *qualificando-o* proficuamente, de forma direta e indireta, de maneira a delimitar com sucesso um domínio semântico relacionado ao deus.

Além de Zeus, contudo, este efeito mnemônico não permite delimitar apenas o soberano divino, mas também toda a mitologia. Apesar da metaforicidade, propriamente, ser baixa, defendo que estes efeitos mnemônico e repetitivo constituem, se não uma projeção entre domínios, a partir dos elementos periféricos constituintes do verso/estrofe correspondente, uma determinada *dimensão narrativa* da mitologia, passível de análise e comparação com os dados obtidos no cópús deste trabalho. Ao repetir-se, louvar repetidamente, associar diferentes divindades, contar casos que, por sua vez, envolvem modelos cognitivos e *frames* específicos já cunhados, como GUERRA, SEXUALIDADE, MONARQUIA etc., que seguem conhecidos por nós (ainda que seus elementos constituintes, individualmente, tenham se modificado), Hesíodo não deixa de nos fornecer um rico substrato potencialmente polissêmico.

### 1.2.1 O feminino presenteia: as Musas e o poder feminino da memória

Hesíodo não fala só ao compor seu texto. Se o faz, é por permissão e atuação direta das Musas. Estas divindades inspiradoras do poeta, por sua vez, eram filhas de Zeus, a maior divindade do panteão greco-romano, com Mnemosyne, a personificação da Memória<sup>8</sup> para os gregos. De fato, o sentido psicológico da obra não passa despercebido, pois, na Teogonia, a simbologia própria ao discurso poético busca representar o mundo, de certa forma, lembrá-lo, permitir que sua lembrança siga viva. No entanto, a ação de representação tão peculiar ao texto hesiódico busca não meramente condensar o mundo com base em seus aspectos mais salientes, manipulando-os com fins de contar uma única história concisa com fim em si mesma, mas, em vez disso, enquanto retrata o espaço tenta explicá-lo, organizá-lo e atribuir lógica a ele.

Abordo estas questões pois, considerados os fatos mencionados até aqui nesta subseção, pode-se pensar que as Musas, *gênero feminino*, constituem dimensão de poder, capazes de manipular os seres e a civilização humana, como anunciam: “sabemos muitas mentiras dizer

---

<sup>8</sup> Aqui trato a lexia *Memória* de forma ambivalente, tanto uma divindade quanto a habilidade humana de recordação.

símeis aos fatos e sabemos, se queremos, dar a ouvir grandes revelações” (Torrano, 1991, p. 103). Este poder se expressa na memória, na capacidade de transformarmos os ambientes em que vivemos, de contar histórias e de produzirmos artes e ferramentas.

Contudo, o poder das Musas não pertence apenas a si:

As Musas têm e mantêm o domínio da revelação (ser) e do esquecimento (não-ser) e este domínio é o da raiz originante de todo poder e exercício de poder. Na expressão mítica de Hesíodo isto se diz: as Musas são filhas da Memória e de Zeus. *Zeus é a expressão suprema do exercício de poder. Toda a cosmogonia, na visão de Hesíodo, converge e centra-se na assumpção da realeza universal por Zeus.* A Teogonia é em verdade um hino às façanhas e à excelência guerreiras de Zeus (...). Zeus é a própria expressão do poder, e toda realeza e exercício de poder têm sempre sua fonte em Zeus. As Musas nascem de Zeus. Uma lei onipresente na Teogonia é que a descendência é sempre uma explicitação do ser próprio e profundo da Divindade genitora: *o ser próprio dos pais se explicita e torna-se manifesto na natureza e atividade dos filhos.* (Torrano, 1991, p. 31, grifos meus).

Assim, mesmo em sua área de domínio (as artes e as memórias humanas), as Musas dependem de Zeus e o representam. Não agem sozinhas em seu próprio poder: manifestam parte do poder de Zeus, combinado com sua contraparte (ela é que, conforme será abordado na seção seguinte neste capítulo, determina o “escopo” da atuação da divindade nascente), e jamais poderiam sê-lo não fosse a presença do pai, personificação não apenas da divindade ou da soberania, mas também do *masculino*.

Em outras palavras: a Teogonia é pretensamente um “presente” feminino (das Musas) e se apoia em mitos e ritos<sup>9</sup> já consolidados dos gregos, mas também opera sobre eles, canonizando-os e impondo tanto lógica quanto um curso de ação único, com fins de estruturar uma verdadeira cosmovisão. É através desta unificação *macro*, que perde tanto em detalhes, mas confere materialidade (em seu sentido literal, *físico*), que a secularização operou na Grécia Antiga.

A palavra – conferida pelas filhas da Memória e do Poder (Zeus) – era, à época do autor da Teogonia, a capacidade de alterar a realidade concreta. Brandão (2015) também recupera este critério, no exemplo da distorção do mitologema heroico, em sua errância, para uma eleição de Atenas como palco mítico privilegiado. Para ele, esse favorecimento “só se pode atribuir a intenções políticas” – provavelmente, contudo, neste caso, pertencentes aos homens (refiro-me

---

<sup>9</sup> Faz-se sempre importante não esquecer a dimensão prática da vivência mitológica, na qual, com movimentos, cânticos, ações *corporificadas*, o ser humano adentrava a mitologia, tornando-a viva em sua sociedade. Daí a associação constante dos ritos ao mito. Conforme Brandão: “em resumo: o rito é a práxis do mito. É o mito em ação”. (2015 [1986], p. 41)

tanto aos indivíduos humanos quanto aos seres do sexo masculino), em vez de aos deuses, como no caso da escolha das Musas de seus protegidos.

### 1.3 A figura de Zeus

Uma das mais gritantes diferenças na figura do todo-poderoso do Olimpo se contrastada com a mentalidade cristã ocidental é, também, uma das que julgo de maior importância: conforme a própria Teogonia nos mostra, por intermédio do relato de outras duas gerações divinas anteriores<sup>10</sup>, na perspectiva greco-arcaica, Zeus *não* criou o mundo. Para os gregos, a complexidade do cosmos não poderia ser explicada através de uma única vontade, por mais poderosa que ela fosse. Isto, contudo, poderia levar ao pensamento de que o ato de criação é pouco importante, com autoria menos marcada ou mais difusa. Essa visão, porém, não é verdade fora de uma perspectiva monoteísta. Consoante Jean-Pierre Vernant:

Quando ele se associa em dupla a uma deusa, a díade assim formada traduz aspectos diferentes do deus soberano, segundo a divindade que o complementa. [...] Pai dos deuses e dos homens, como já o designa a *Ilíada*<sup>11</sup> – não porque tenha gerado ou criado todos os seres, mas porque **exerce sobre cada um deles uma autoridade tão absoluta** quanto a do chefe de família sobre sua gente (Vernant, 2006, p. 32-33, itálico no original e negrito meu).

Zeus não se abstém, mitologicamente, de realizar e participar de criações simbólicas. Ele integra – no mais, sanciona! – a partilha de posses entre os três deuses maiores (ele próprio e seus irmãos Poseidon e Hades); gera a maioria da prole olimpiana, que irá reger os principais aspectos da vida humana, dentro ou fora de seu casamento; elabora as leis divinas e até mesmo humanas, como poder-se-á argumentar no caso do rei Minos<sup>12</sup>, de Creta; entre tantas outras possíveis exemplificações.

---

<sup>10</sup> Estas, sim, foram moldando o mundo conforme o entendemos, criando o Dia e a Noite, a Terra e o Mar, o Tempo e outras dimensões essenciais para a vida humana.

<sup>11</sup> Tal trecho (pai dos deuses e dos homens) também é retomado em diversas oportunidades na Teogonia.

<sup>12</sup> Há discussões se o nome “Minos” seria referente não a um indivíduo, mas um termo de família, um honorífico quem sabe. Contudo, na mitologia, é sabido o fato de que um rei chamado Minos, autocrata bastante sanguinário e idealizador dos sacrifícios de sete homens e mulheres jovens ao Minotauro no Labirinto, mantinha-se sustentado no poder por Zeus, a quem prestava contas regularmente, uma vez por ano, recolhendo-se ao subterrâneo do já citado Labirinto. Se o soberano divino aprovasse sua conduta, ele retornava ao reinado, caso desaprovasse,

Ele também não tem seu poder diminuído por não ter *criado* o universo, em vez disso, tem sua autoridade calcada no fato de tê-lo *organizado*; para os gregos, que viam todo o elemento natural, o cosmos, como ordem (como o diz a própria palavra, *kosmos* = ordem, organização, beleza, harmonia), Zeus era o princípio (masculino, diga-se de passagem) que tinha a capacidade de alterar as essências do mundo (Caos, Gaia [a Terra], Tártaro e Eros [o amor]) ao nelas intervir. A sua procriação com Mnemosyne pode ser vista desta forma: na Teogonia, a Memória, que é filha de Gaia, por sua vez mãe de Reia e avó de Zeus – tornando Mnemosyne, portanto, tia do deus – une-se a ele após seu triunfo na Titanomaquia<sup>13</sup> (Torrano, 1991, p. 151, v. 915) quase que *para* gerar tais descendentes, as Musas, que representariam uma extensão do poder de Zeus e iriam, então, auxiliá-lo a exercer todas as tarefas necessárias à ordenação do cosmos. À vista disso, podemos considerar que Zeus ativamente *interfere* no mundo essencial, pré-organizado, tornando-o enfim o que chamamos cosmos, e aí reside seu poder.

Um segundo aspecto que pode ser abordado sobre o soberano é o seu *comportamento*. Zeus é descrito, em diversas narrações mitológicas, como portador de um temperamento difícil, apegado a seu poder supremo, exigente de extremo respeito e subserviência a seus caprichos como governante, bem como, no âmbito mais psicológico, extremamente lascivo, irritável e com pouquíssimo autocontrole. Beirando a violência simbolizada, Zeus por diversas vezes fecundou diferentes personalidades femininas (deusas, humanas, entidades naturais...) a partir de disfarces, transmutando-se em cobra, alazão e até mesmo chuva, quase sempre à parte das vontades das suas parceiras, a quem não cabia resistir prolongadamente, afinal, era *Zeus* quem as desejava!

Apesar destas ocorrências – ou mesmo *por conta* delas, como discutiremos no capítulo 4 – Zeus era o deus supremo, a encarnação do Poder... o poder de *criação e ordenação*, que geria o universo. Em seu deus maior os gregos projetaram uma de suas características mais estimadas para os indivíduos do sexo masculino, a de subjugar a vontade dos mais fracos (vide seção 1.1 deste trabalho). Isto se estende até mesmo em seu casamento:

Onde termina o mito de Cnossos – que eleva o de Zeus – começa o de uma Hera que *não era ninguém até que se casasse com o Pai dos Céus*. [...] Talvez tenha sido em Cnossos que Zeus a tenha cortejado, disfarçado de cuco [...]. Ardiloso e matreiro, tal

---

mantinha-o no Submundo. Em todas as reuniões, Minos foi aprovado, falecendo por outras razões e, após a morte, exercer a função de juiz no Hades (o Submundo), por intervenção de seu pai, Zeus.

<sup>13</sup> A grande batalha entre os deuses e os titãs, que definiu o futuro do cosmos como o conhecemos hoje, vencida pelos deuses, liderados por Zeus.

como perdiz, arrastava-se graciosamente sobre o solo, ocasião em que ela o acalentava em seu seio. Hera conversava com ele e *lhe confiava* seus sonhos até que, de repente, Zeus assumiu sua verdadeira forma para *violá-la, enchendo-a de vergonha e desespero*. No caso típico da jovem que, em meio a atrozes conflitos sentimentais *tem que se casar para compensar a perda de sua virgindade*, Hera, uma donzela idealista, *se converte em esposa e mãe* por excelência (Robles, 2019, p. 56, grifos meus).

Repetindo a história, na qual os dórios vencem os cretenses que criam simbolicamente a figura de Hera, conforme abordado na seção 1.1, a vontade de Zeus subjuga a deusa, que, docilizada, deve abster-se de seus sonhos e, suplicante como seu povo de origem, entregar-se a seu violentador, para que *ela* não padeça de desonra por sua “fragilidade” (sua incapacidade de ser a parte dominante no embate).

É também, então, a partir daqui, na história ocidental e na Grécia, que os valores do gênero feminino como o gênero “cuidador” se consolidam e expandem: “São as mulheres, portanto, que se ocupam das crianças, como se os pais não tivessem nenhuma responsabilidade na sua formação” (Sartre, 2013, p. 23). Ao masculino, restava a dominação, por meio da guerra e das atividades da pólis.

Como pode ser percebido, para além de destaque entre os deuses, Zeus age como símbolo de uma cultura (dória), que conceptualiza o *masculino* em aspectos similares ao que conceptualiza a divindade suprema do seu panteão: ser belicoso, subjugar os mais fracos, gerar numerosa prole... Este masculino, contudo, não é em *todos* os ângulos idêntico ao que hoje reconhecemos como próprio do gênero do homem. Ao menos algumas dissonâncias já nos são conhecidas, como a tão famosa homossexualidade descrita em Platão, n’*O Banquete*, que, para os gregos antigos, era virtuosa, símbolo de um amor que gerava filhos “mais belos e mais imortais” (Platão, *apud* Robles, 2019, p. 27).

Neste cenário, é o herói, quase sempre do sexo masculino que, devido às agruras de sua jornada, de suas provações constantes, portará sentimentos mais profundos e será igualmente dotado de consciência, quiçá orgulho, dos mesmos. É o herói que, dado a necessidade de estabelecer com seus parceiros de viagem relação fraternal calcada na confiança, não incorrerá na falsidade ou dissimulação, tendo seus pensamentos e emoções claros, à flor da pele:

Diversamente aos costumes de nosso tempo, a Antiguidade se caracteriza por figuras másculas que soluçam, pranteiam e derramam lágrimas abundantes quase que por qualquer motivo. É a mulher, ao contrário, que domina suas emoções, conserva sua firmeza perante a dor ou, em seu desassossego, pode gritar e se indignar, mas dificilmente se abandona aos extremos sentimentais em que incorrem os homens, sejam eles, guerreiros, deuses ou reis (Robles, 2019, p. 129).

Resta-nos pensar por quais meios nossa sociedade operou historicamente para que, transmutados similares atributos de regimes emocionais tidos “femininos” (como a complementaridade sexual ao homem, parte inseminadora, e a atuação passiva no estabelecimento de um matrimônio), suas conceptualizações recebam cargas moralmente negativas, que resultem em enfoques e comportamentos diferentes dos recebidos milênios atrás em sociedades como a minoica, que validava e incentivava a participação feminina na política...

## 2 A LINGUÍSTICA COGNITIVA

Chegamos, por fim, ao segundo aspecto da dicotomia anunciada na introdução desta pesquisa. A visão pancrônica adotada neste trabalho se pretende a alcançar relevância não apenas por sua potencial contribuição para os estudos de semântica, incluindo suas facetas ideológicas, mas igualmente por sua adoção a correntes de pensamento mais e mais contemporâneas (que rompem pressupostos que prevaleceram por milênios, considerando os novos achados de diversas áreas que estudam a cognição), integradas e que consideram o fator cultural em uma teoria sobre semântica.

A Linguística Cognitiva (doravante LC) é esse instrumento. Um de seus compromissos essenciais é, justamente, um compromisso cognitivo, com foco na intercambialidade de informações de outras áreas do estudo sobre a cognição humana, a mente e o cérebro - por exemplo, as áreas biológicas, químicas, psicológicas e sociológicas (Lakoff, 2012, p. 7).

Este compromisso cognitivo faz parte de um contexto histórico de crescente interesse pelo cérebro<sup>14</sup>, que passa a ser visto como órgão central para a pretensa superioridade cognitiva humana. Antes disso, por séculos acreditou-se que o coração ocuparia este papel de órgão superior da anatomia humana, crença reiterada, inclusive, por Aristóteles.

É também entre as décadas de 70 e 80 que são criadas técnicas como a ressonância magnética, o PET Scan e a magnetoencefalografia, bem como são realizados estudos sobre as diferentes competências e tarefas de cada um dos hemisférios cerebrais. Tais tecnologias ainda seriam desenvolvidas futuramente, mas inauguram uma série de estudos que se interessam cada vez mais pelo cérebro humano.

O segundo compromisso da LC que citaremos (na realidade, o primeiro citado por George Lakoff) é o de Generalização, que postula a aplicabilidade global de um conceito – isto é, ele deve ser a regra, e não a exceção, para os processos cognitivos da maioria das pessoas e em diferentes e numerosas culturas. Além disso, para a área, ambos os paradigmas citados são experientialistas, ou seja, ancorados no corpo, com todas as experiências medidas a partir de nossa experiência biofísica na Terra, diferente de outros animais e altamente semelhante entre cada indivíduo da espécie *Homo sapiens*.

---

<sup>14</sup> Ainda que, para a Linguística Cognitiva, o *cérebro* não se iguale, per se, à *mente*, as descobertas em ramos que o estudam são produtivas e têm potencial de iluminar aspectos até então difusos para a teoria, bem como confirmá-la.

Pensar mesmo a cognição humana, que poderia ser antro da racionalidade, a partir de uma ótica corporificada tem implicações relevantes e posiciona-se em um ambiente filosófico de intenso debate através dos séculos. No século XVII, René Descartes é um dos principais expoentes de uma corrente racionalista e acredita em uma verdade essencial sobre os fatos, que é o que levaria ao conhecimento verdadeiro (o qual se inicia com a dúvida genuína sobre algum assunto). Para o racionalismo, a realidade empírica é inferior à razão, ao pensamento lógico, que possuiriam caráter inato.

Na verdade, para Platão, outro pensador racionalista e fundador do idealismo platônico, que compreende a realidade como construto fundamentalmente mental ou racional, os sentidos seriam *enganadores* desta verdade. Em outras palavras, para estes pensadores, não se admite participação das experiências corpóreas na busca pelo conhecimento.

A LC não rejeita a noção do real, ou seja, de uma verdade objetiva sobre os fatos – que pode ou não ser estabelecida considerando uma base racional. Contudo, sendo uma teoria sobre a língua[gem]<sup>15</sup>, e, como dito, baseada na corporificação humana, a teoria defende que o real *não pode* ser apreendido por nós, mas, em vez disso, é construído de acordo com nossas experiências e limitações biofísicas e químicas, sociais e individuais.

A Linguística Cognitiva defende que a relação entre palavra e mundo é mediada pela cognição. Assim, o significado deixa de ser um reflexo direto do mundo, e passa a ser visto como uma **construção** cognitiva através da qual o mundo é apreendido e experienciado. Sob essa perspectiva, as palavras não *contêm* significados, mas orientam a **construção** de sentido (Ferrari, 2020, p. 14, itálico no original e negritos meus).

Esta noção de construção de uma “realidade” é, não sem propósito, materialista, situada no tempo, na história e no local geográfico e cultural em questão. Por essa razão, julgamos que a teoria da LC se aplica ao estudo de questões políticas e sociológicas dadas no discurso, como, conforme anunciado na introdução, o machismo e a conceptualização de homens poderosos, fortes e paternais. Se considerarmos que “a linguagem não é uma faculdade autônoma em relação às outras faculdades humanas, como a visão, a audição, a memória, a capacidade de pensar e de se emocionar” (Abreu, 2010, p. 9-10), compreendemos que sua roupagem objetiva, pretendida à elucidação de uma verdade, se esvai, o que gera, para a LC, espaço para o *perspectivismo*.

---

<sup>15</sup> Neste trabalho, usamos este acrônimo para indicar que ambos os termos são aplicáveis, em conjunto ou separadamente.

A ideia de perspectiva, por sua vez, se estrutura através de uma noção mentalista do conhecimento, que postula certa isomorfia entre a realidade cognoscível e a linguagem. Esta isomorfia pode ser, contudo, a “ponta do iceberg”, que se desenvolve mais intimamente dentro do indivíduo, de seus processos cognitivos. Nesta correlação, a realidade e a mente são mediadas pela cognição, ou seja, pelos processos que levariam à elaboração de sentido e simbolismo a um nível individual (porém possível de ser compartilhado culturalmente). Já a pressuposição da existência da mente como lócus privilegiado para exercer o raciocínio e o ordenamento da experiência no mundo requer, por sua vez, estabelecer outras correlações.

Uma das possíveis de serem mencionadas é uma visão conexionista, em oposição à tradição modular trazida pela teoria gerativa, que “sustenta que o conhecimento linguístico [...] é específico, de natureza distinta de outros tipos de conhecimentos de mundo” (Ferrari, 2020, p. 16). Tal modularidade (gerativa) resultaria na interpretação de uma semântica e uma pragmática desassociadas, isto é, o conhecimento de mundo e de uso da linguagem não seriam relevantes para a compreensão do significado na língua.

Isto não é abraçado na Linguística Cognitiva, pois, com frequência, os atributos dos membros de uma categoria tornam-se justamente definidos pelo uso. Em situações de equivalência de atributos (ou *efeitos* prototípicos) entre dois entes, a diferenciação tende a ser pautada pela pragmática, que se estabelece na cultura e que, na língua[gem] se manifesta no contexto da enunciação.

A combinação destes dois compromissos e de suas implicações e desdobramentos resultará, ulteriormente, em uma corrente de estudos que priorizará a semântica como uma de suas fontes diletas de estudos. Ela não será, contudo, destacada da sintaxe ou da gramática dentro da Linguística Cognitiva. Elas, na realidade, tornam-se semanticamente motivadas, sempre a partir de uma semântica que interage constante e diretamente com a pragmática, aqui equivalente à experiência de mundo.

## 2.1 Categorizando com flexibilidade: a visão radial

Essa experiência de mundo tão diletta à Linguística Cognitiva não é simples de ser interpretada ou classificada. E, para que seja econômica, possibilitando recombinações, maiores possibilidades comunicativas e, acima de tudo, flexibilidade espacial e social, evitando que

passemos tempo demais descrevendo cada coisa diferente que vemos em minúcias e detalhes, atribuindo então a elas nomes que elucidariam suas *diferenças*, nós precisamos classificá-las, agora então quase sempre em cima de suas *semelhanças*, com base em experiências prévias próprias ou coletivas.

De fato, categorizar pode ser entendido como uma “opção”. Contudo, essa “opção” traz um ganho evolucionar que confere vantagem à espécie humana. Podemos comunicar-nos utilizando áreas reduzidas de nosso corpo, em comparação a abelhas, por exemplo (Moura; Cambrussi, 2018); ou enquanto realizamos outras tarefas; ou mesmo com pessoas que sequer conhecemos e com as quais não compartilhamos característica alguma... Estes elementos da linguagem humana não seriam preservados em uma situação na qual tivéssemos que descrever cada árvore de forma diferenciada, conforme a largura de seu tronco, a disposição ou as cores de suas folhas ou o tamanho de suas raízes. Esteja claro, aqui, que não me refiro a um novo critério para categorizar árvores (que, hoje, vejo como potencialmente centrado no seu *produto*, isto é, no fruto ou folha produzido), mas em uma descentralização total, ou seja, ainda que uma árvore contivesse semelhanças quanto à largura de seu tronco frente a outra, mas sua cor fosse diferente, seriam, neste exemplo hipotético e hiperbólico, necessários dois nomes para representá-las fidedignamente.

A categorização, então, é entendida como uma atividade de agrupamento com base em similaridades realizada por nossa mente para obter o máximo de potencial comunicativo e imaginativo. Esta formulação, contudo, corresponde à sua finalidade, em vez de a seu funcionamento. O que buscamos saber é, para a LC, como a categorização opera?

O início dos debates sobre categorização apoia-se em uma visão denominada clássica, bastante desenvolvida pelo filósofo grego Aristóteles (384 – 322 aEC), como em seus estudos sobre biologia. Seu sistema, até hoje, é utilizado neste campo, notadamente, por exemplo, nas classificações de espécies de animais.

Nesta visão, os elementos potencialmente pertencentes a uma categoria devem compartilhar uma determinada quantidade de traços, sempre suficientes e necessários, ou seja, cada integrante “deve apresentar *todos* esses atributos (condição necessária); além disso, basta que o animal apresente *exatamente* esses atributos (condição suficiente)” (Ferrari, 2020, p. 33) para estipularem seu pertencimento ao grupo. Pode-se pensar neles conforme a elaboração de Katz e Fodor (1963, *apud* Ferrari, 2020), isto é, exibindo suas formas positiva, representada pelo sinal +, ou negativa, representada por -. Desta forma, a categoria MULHER pode ser

expressa nos traços [SER HUMANO+], [ADULTO+], [HOMEM-]. Esses critérios, então, seriam suficientes para compreender todas as mulheres do gênero humano.

Se apenas a presença ou a ausência de um número determinado de traços é capaz de definir as formas de organizar o mundo, as categorias, então, “apresentam limites rígidos e são tratadas, de modo objetivista, como reflexos diretos do mundo” (Ferrari, 2020, p. 33). Daí, extrapolando, podemos pensar na questão da estereotipação social: para além de mulher, uma mulher jogadora de vôlei teria os traços [SER HUMANO+], [ADULTO+], - [HOMEM-], [ATLETA+]. Esta classificação aparenta ser estática e ater-se ao aspecto racional, mas resulta, de forma aplicada ao cotidiano social, no discernimento de critérios de uma “atleta” que se tornam quase obrigatórios para tal membro ser reconhecido como tal: uma atleta deve possuir físico trabalhado, um estilo de alimentação balanceado, uma rotina de treinos consolidada... Estando alguns desses traços ausentes, a identificação do membro da categoria torna-se restrita ou quase nula. Mais um eixo no qual esta discussão poderia também ser profícua é a partir de modelos da paternidade brasileira, sobre o que é ou não ser um bom pai, parte do tema desta pesquisa.

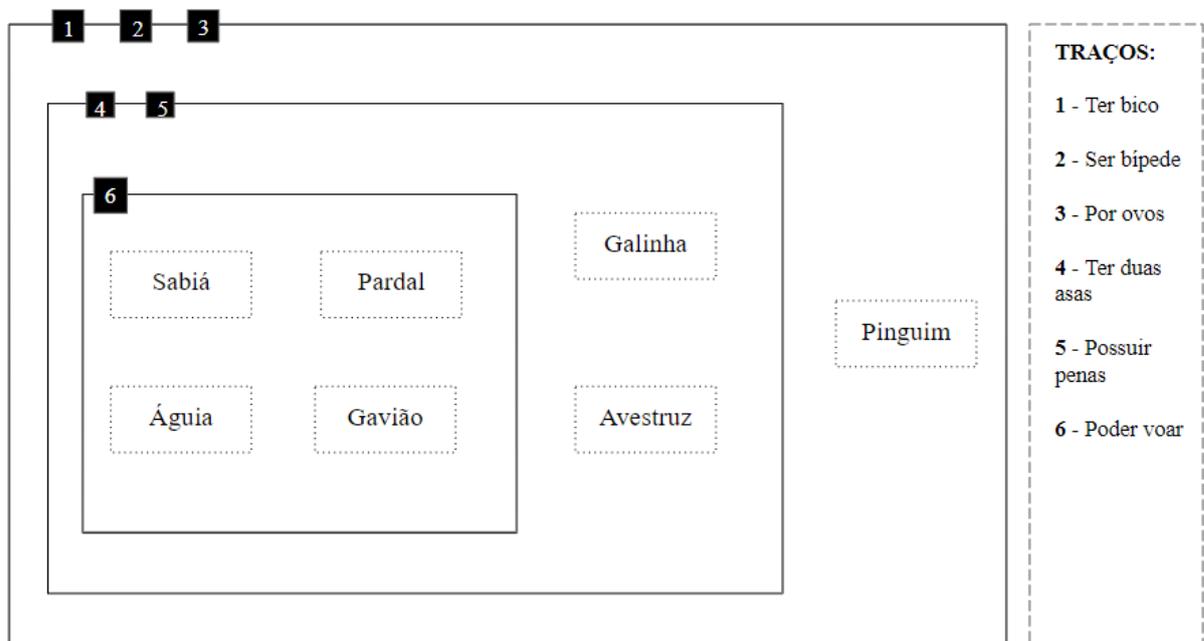
É a partir de meados dos anos 1960 que Eleanor Rosch, em um estudo sobre cores consideradas mais básicas ou facilmente identificáveis, denominadas *cores focais*, fornece a base para uma visão mais flexível acerca da categorização humana. Antes dela, pesquisadores da década de 50 e 60 compreenderam que, tendo em vista a presença de escolhas lexicais equivalentes entre diferentes culturas em alguns casos específicos, “a categorização das cores não é arbitrária, mas ancorada em *pontos centrais*” (Berlin; Kay, 1954, *apud* Ferrari, 2020, p. 35, grifo meu). O debate sobre a arbitrariedade dos signos ou não, já postulada por Ferdinand de Saussure em dissonância com pensadores gregos como Platão, que pensava que a linguagem refletia algo na essência do objeto a que se referia, estendeu-se até o debate sobre o relativismo, capitaneado pela hipótese Sapir-Whorf.

Retornando a Rosch, a partir de seu estudo sobre cores focado no aspecto psicológico de reconhecimento, bem como em estudos posteriores, ela percebeu que o contexto era determinante para a escolha lexical do sujeito sobre itens pertencentes à mesma categoria, como *panela* ou *caçarola* (ambos itens da categoria UTENSÍLIOS CULINÁRIOS). À parte diferenciações técnicas, como o número e o comprimento dos cabos destes recipientes, os indivíduos tendem a optar por termos diferentes em contextos distintos onde ambos poderiam potencialmente ser aplicados, como, por exemplo, chá de *panela* (ocasião em que se recebem presentes destinados a um casal que inicia a vida em comum) e caçarola de *legumes* (Ferrari, 2020, p. 17).

Esta escolha norteada pelo contexto pode ser explicada por uma nova formulação no sistema de categorização, denominada categorização *radial*. De forma mais abrangente e flexível, nesta perspectiva, os critérios descritivos (os *elementos* ou *atributos*) das categorias seriam composicionais, isto é, seriam passíveis de adoção pelos membros, em vez de obrigatórios. Assim, para determinadas composições, alguns atributos podem ser selecionados e outros, excluídos, conferindo flexibilidade polissêmica à atividade linguageira. Será, então, possível que uma ave não possa voar ou não possua penas, como o pinguim, ainda que a menor adoção percentual dos atributos da categoria AVE não o torne muito prototípico, e, assim, menos lembrado quando solicitado em situações com contextos não específicos de seu ambiente geográfico ou determinado contexto científico, por exemplo.

O diagrama abaixo ilustra, então, a categoria AVE a partir desta organização radial e prototípica. Os atributos à direita, que podem ser estendidos conforme os contextos científico e sociocultural, são compartilhados em sua totalidade apenas pelos membros do “núcleo” da categoria, expresso no retângulo menor<sup>16</sup>.

Figura 2 - Categorização radial de AVE com base em atributos comuns entre os membros.



Fonte: Elaboração minha com base em Ferrari (2020, p. 42).

<sup>16</sup> Importante notar que a inserção de exemplos para além do expresso na referência se deu a partir de entrevista com três indivíduos a fins de compor relatório avaliativo para a conclusão de disciplina do curso de Mestrado. O trabalho não foi publicado.

## 2.2 Metáforas como recurso do pensamento: do discurso à cognição

A questão da metáfora é, também, relativa à criatividade imaginativa e imagética do ser humano, e uma questão essencial para a Linguística Cognitiva, a qual rompe com uma tradição filosófica de origem frequentemente atribuída a Aristóteles. Nesta concepção tradicional, a comparação entre domínios da experiência que é postulada pela LC serviria apenas a uma utilidade objetiva e imediata, com fins didáticos ou estéticos, de induzir sensações, emoções e/ou aprendizado. Conforme menciona na *Retórica*, se a metáfora fosse utilizada no “ponto alto” do discurso, por exemplo, Aristóteles considera que este seria mais efetivo (Fossile, 2011).

Outra consideração da teoria clássica sobre a metáfora, novamente em Aristóteles, desta vez na *Poética*, postula que a metáfora é entendida a partir do *léxico* e, assim, interpreta a metáfora como recurso linguístico natural da Literatura. O intento seria transpor uma coisa para o nome de outra, potencialmente mais *imagética* e mais semanticamente menos polissêmica. Neste cenário, pensar as mudanças da vida como um rio que nunca para de correr é potencialmente mais simples de compreender, por exemplo, por ativar cenários conhecidos da espécie e do povo, que são semântica e culturalmente estabelecidos.

Esta concepção transposicional também é adotada na Linguística Cognitiva, como quando Lakoff e Johnson nos dizem que “*the essence of metaphor is understanding and experiencing one kind of thing in terms of another*”<sup>17</sup>. Contudo, para a LC, nesta relação não encontramos apenas uma escolha lexical, que resultaria em uma elaboração simbólica igual ou bastante similar. Enquanto, de fato, a metáfora *pode* expressar emoções e sensações, quando o faz espelha o pensamento e cultura humanos.

A principal razão para isto é simples: segundo Lakoff e Johnson (1980), nós lançamos mão das metáforas pois não podemos apreender, diretamente, o real. Para poder expressá-lo, contudo, em situações de comunicação cotidianas, a cognição intermedia uma interpretação dos fatos, tendo esta sua base na corporificação, na cultura e nas experiências individuais (que limitam aspectos como o tamanho do léxico pessoal, a escolha de palavras, a ativação de determinados modelos cognitivos em vez de outros...). Esta mediação é frequentemente exercida por meio de um instrumento: a metáfora *conceptual*.

---

<sup>17</sup> “A essência da metáfora é compreender e experienciar uma coisa em termos de outra”, tradução minha.

Metáforas conceptuais são metáforas encontradas de forma sistemática em uma ampla variedade de línguas, que se ancoram em experiências corporais, coletivas e individuais humanas. Em relação à sua topologia, estruturam-se em dois domínios: um fonte, que fornece atributos semânticos a partir de alguns elementos normalmente mais prototípicos da sua categoria, e um domínio que é alvo, ou seja, o que se busca compreender e estruturar. Naturalmente, os domínios-fonte tendem a ser mais concretos, por ocasião de sua limitação categorial de natureza mais básica e bem-delimitada, com menores taxas de variações subculturais e individuais, enquanto os domínios-alvo são mais abstratos e complexos, sujeitos à variação entre sociedades, subculturas e indivíduos.

Dois exemplos clássicos desta noção são as metáforas conceptuais já mapeadas AMOR É UMA VIAGEM<sup>18</sup> e BOM É PARA CIMA. Podemos conferi-las nos exemplos<sup>19</sup> a seguir.

AMOR É UMA VIAGEM:

- (1) Espero que ele tenha feito terapia, para eliminar a *bagagem* de relacionamentos anteriores.
- (2) Foi *muito chão* até chegarmos na situação confortável onde estamos hoje.
- (3) Ele é meu *refúgio*, meu *porto seguro*.

BOM É PARA CIMA:

- (4) Estou com *altas* expectativas quanto à peça que assistiremos hoje à noite.
- (5) Meu conhecimento quanto à questão *aumentou* após a aula de semana passada.
- (6) Nosso relacionamento está fantástico, eu me sinto *nas nuvens* quando estou com ele!

Em diferentes contextos e situações de uso, atributos mais ou menos prototípicos envolvidos no modelo cognitivo comumente ativado para a conceptualização de viagem, como *precisar de suprimentos*, *percorrer distância*, *precisar de lugar para repousar*, encontrados nos exemplos (1) a (3), ou ainda outros dentro da mesma categoria, podem transferir-se para uma conceptualização em elaboração de amor.

---

<sup>18</sup> Todas as metáforas conceptuais são, tradicionalmente, grafadas em versalete, tais como as categorias radiais, os domínios e os *frames*.

<sup>19</sup> Os exemplos desta seção, de caráter ilustrativo, foram elaborados por mim com base em vivências empíricas e não necessariamente representam dados da língua em uso expressos originalmente por falantes, salvo coincidências.

Em termos de viagem, contudo, não será a única forma de compreender ou dar sentido ao que é amor, conceito tão abstrato, individual, incompreendido. Outras projeções metafóricas, como, por exemplo, compreender o amor como *doença*, como *fogo* etc., podem inclusive incrementar esta conceptualização através de resultante polissemia: “o fato de que, em uma mesma língua, o tempo possa ser concebido de duas formas diferentes confirma o caráter metafórico de sua conceptualização” (Ferrari, 2020, p. 93). Compreende-se, então, que o nosso entendimento humano sobre o amor pode variar conforme o contexto, seja a partir de experiências coletivas ou individuais (no caso da conceptualização de amor, quem sabe seja conforme o desfecho da relação amorosa ou a percepção do potencial de sucesso envolvido, por exemplo), dialogando, então, novamente com a formulação categorial de Rosch.

As metáforas conceptuais são apreendidas a partir da modalidade de linguagem (verbal, não-verbal, multimodal...) e permeiam a vida cotidiana, isto é, contrariamente à visão tradicional aristotélica, a metaforicidade está presente *além* dos textos literários, em nossa interação diária com nossos entes queridos, colegas e mesmo desconhecidos. Além disso, estrutura nossa forma individual de pensar: ao perceber uma nova emoção, posso, em vez de esmiuçá-la, imediatamente transpô-la para um novo domínio, mais conhecido e mais concreto, novamente reforçando o valor da economia cognitiva e da criatividade humanas presentes na linguagem.

### 2.2.1 Por qual razão utilizamos metáforas?

Além da economia cognitiva e da criatividade, Antônio Suárez Abreu (2010) apresenta outro forte argumento em defesa e em explicação da razão de utilizarmos metáforas. Para o autor, a mente humana tem um aspecto emocional mais estabelecido através dos tempos, composto na Pré-história e nos anos iniciais da espécie, e um outro aspecto mais racional, desenvolvido recentemente, que, contudo, precisa de mais tempo para reação, visando pesar prós e contras: “Quando alguém diz que está exausto, isto transmite uma mensagem racional, mas quando diz que está ‘quebrado’ ou ‘com a língua no chão’, essas *imagens* transmitem uma mensagem emocional mais intensa” (Abreu, 2010, p. 51, grifo meu).

O uso da palavra “imagem” não me parece fortuito. Enquanto comenta as metonímias conceptuais, que se diferem das metáforas por transporem atributos dentro do mesmo domínio

(que então se torna a entidade-veículo *e* a entidade-alvo), as quais chama de “um dos principais recursos de conceptualização”, o autor comenta:

Diante de uma pessoa sentada à minha frente em uma mesa de restaurante, meu *campo visual* se restringe no máximo a uma parte de seu tronco, braços e sua cabeça. Meu cérebro, porém, faz uma projeção *visível* no todo que é o seu corpo e conclui que se trata de uma pessoa inteira que está do outro lado da mesa. O mesmo acontece quando eu mostro uma *foto* 3x4 da minha prima a um amigo que não a conhece. Ele não diz “Ah, essa é a cabeça da sua prima”, mas, simplesmente, “Ah, essa é sua prima”. Ele diz isso por ter feito, de modo inconsciente, a projeção da *imagem* da sua cabeça (parte) em seu (todo). (Abreu, 2010, p. 55, grifos meus).

Esta condição imagética da metáfora e da metonímia parece-me extremamente profícua para pensar as razões pelas quais a metáfora se infiltrou na vida cotidiana. A “mensagem emocional” mencionada por Abreu é, também, visual<sup>20</sup>, e, assim, ativa áreas de nossa mente mais arcaicas, desenvolvidas anteriormente no tempo histórico, que permitem há milênios que saibamos como nos comportar coletivamente.

Um último argumento, também encontrado em Abreu, é a permissão que a metáfora concede à inserção de valores morais de uma determinada cultura em sua formulação:

Certa vez, conversando com um religioso que trabalhava na periferia da cidade de Campinas com grupos carentes, ele me disse que era difícil ensinar às crianças o *Pai Nosso*, pois, como pai é uma metáfora de Deus e a experiência pessoal dessas crianças a respeito de seus pais era bastante negativa (pais que bebiam, batiam em suas mães e lhes tomavam o dinheiro), era conflitante falar do “Pai Nosso” que estava no céu, que trazia o pão nosso de cada dia, etc., etc. (Abreu, 2010, p. 50, itálico no original).

Neste exemplo, a religião e suas metáforas chocam-se com a realidade objetiva das crianças em questão, e, por isso, não pode ser compreendida plenamente. O domínio-fonte, aqui, está subordinado à experiência social, e, assim, ao diferir da experiência do(s) conceptualizador(es) da metáfora, não pode ser compreendida.

### 2.3 Os Modelos Cognitivos Idealizados e os *frames*

---

<sup>20</sup> Como curiosidade, eu pessoalmente não conhecia a metáfora “estar com a língua no chão”, porém, ao lê-la no texto de Abreu, lembrei-me imediatamente de cães que, cansados, arfam com a língua bastante projetada abaixo, e, desta forma, podem vir a tocar o chão. A partir desta *imagem mental*, imediatamente atribuí sentido à metáfora.

Enquanto a categorização trata de uma experiência nossa (humana) geral no mundo, ao lidar com tantas instâncias e elementos constituidores da realidade, isto tudo mediado por nossa corporeidade; e a metáfora trata da forma do pensamento que “simplifica” instâncias mais abstratas, assim, aliando emoção à racionalidade com fins de obter máximo aproveitamento comunicativo e semiótico, a teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados e dos *frames* realizam verdadeira compilação de ambos esses elementos, coletivos e individuais, para uni-los à cultura em estruturas estáveis de conhecimentos, compilados ao longo do tempo, desde os primeiros anos da vida de cada um. Podemos situar então a categorização ao nível da *espécie*, a metaforicidade no nível do *indivíduo* e os Modelos Cognitivos Idealizados no nível da *sociedade*. Na realidade, estas divisões são apenas pedagógicas, pois todas as teorias são aplicáveis a quaisquer um dos níveis, visto que ocupam o mesmo lugar na tríade Realidade –  
Mente – Cognição (isto é, este último).

Comecemos, então, pelos *frames*, que considerarei diferentes, neste trabalho, dos Modelos Cognitivos Idealizados (doravante MCIs) por critérios de *extensão* e *integração*. Um *frame* é uma esquematização de cenas e de diversos pontos de vista da nossa experiência humana e cultural, englobados em um único cenário encadeado logicamente. Isto promove economia e encadeamento simbólico, além de uma ativação rápida de conceitos análogos à cena “principal”. Sua teoria, denominada *Semântica de Frames*, é elaborada por Charles Fillmore na década de 1980, buscando compreender a relação semântica entre um conhecimento estruturado em forma de dicionário, com definições descritivas e enumeradas, com o conhecimento de mundo (ou enciclopédico, no jargão da LC).

Temos o já clássico exemplo do *frame* de compra e venda, o qual pode ser perspectivado de diversos pontos de vista (do vendedor, do comprador), múltiplas ações (comprar, vender, estocar, expor, pagar, embalar, transportar, utilizar o produto) e ainda outros elementos constituintes da cena (dinheiro, embalagem, mostruário, ambiente específico como um shopping etc.). Todas estas perspectivas, ações e elementos são facilmente lembrados quando pensamos em comprar um objeto em uma loja, experiência cotidiana a qual muitos de nós já fomos submetidos, ainda que não necessariamente muitos deles entrem em uma descrição dicionarizada do significado do verbo “comprar”. Nada parece destoar disto, ainda que, claro, o contexto possa alterar diversos detalhes: uma venda realizada na praia (um adorno, um utilitário como óculos de sol, uma peça de roupa específica como uma canga ou mesmo alimentos e bebidas) é diferente de uma venda em um shopping de alto padrão. Na cena da

praia, esperamos diferentes pessoas, roupagens, protocolos sociais e até mesmo linguagens variantes.

A partir disto, destaco uma das características do *frame* que julgo essencial para sua compreensão: apesar de esquemático e mais estável, dissociado de uma ligação direta com o discurso, ele não é taxativo. Pelo contrário, permite que suas ações, elementos e perspectivas (*papéis*) sejam preenchidos por diferentes *valores* conforme o contexto, como no contraste entre a loja e a praia, e muitas dessas diferenças se consolidam por meio das expectativas e construções sociais. A razão, porém, pela qual podemos considerar que, mesmo em contextos diferentes, seja o mesmo *frame*, é que os elementos essenciais (os papéis a serem preenchidos com os valores) permanecem os mesmos. Seja na praia, seja no shopping, encontramos um vendedor, um comprador, uma mercadoria, uma moeda de troca...

*Frames* também são, como a própria palavra nos explicita, enquadramentos opinativos da experiência, quando a ação realizada é a mesma, mas a valoração individual ou social modifica o sentido. Ainda que não se restrinja a ele, temos profícuos exemplos disso no campo da expressão de gênero, como pensar a produtividade dos vocábulos calões em suas variantes feminina e masculina *puta* e *puto*. Enquanto a ambos é associado o elemento de agressividade ou chateação, apenas no primeiro temos o elemento da promiscuidade, que é, para o gênero feminino, ainda negativo. Isto se repete em lexias totalmente diferentes para a mesma ação, como ao denominar a ação de um executivo homem de “estratégica” e a de uma mulher de “calculada”.

Um MCI, por sua vez, pode conter vários *frames*. O MCI é um conhecimento ainda mais articulado, que extrapola a cena, a esquematização, e nos fala de aspectos culturais. O mesmo MCI pode ser interpretado de forma totalmente diferente em culturas distintas, vide a breve discussão, no fim do capítulo anterior, sobre a homossexualidade masculina na cultura greco-arcaica e nossa experiência com ela na contemporaneidade, ainda repleta de repressão, repúdio, desprestígio e violências diversas. Neste caso, o MCI HOMOSSEXUALIDADE pode conter, para nós, elementos como a repressão, a renúncia familiar, a transgressão em características físicas e/ou visuais como as vestimentas e a voz e até mesmo expectativas quanto ao círculo social daquele indivíduo. Cada um dos momentos citados pode ser desenvolvido em um *frame* único: a renúncia familiar envolve o momento da revelação, a reação esperada da mãe, do pai, dos irmãos, as atitudes posteriores (como sair de casa) e mais. Nesta situação, o homem homossexual é vítima de violência (quicá física) e não seu aplicador. Analisando cada um destes elementos, parece-me, então, conflituarem os MCIs envolvidos na HOMOSSEXUALIDADE e na

MASCULINIDADE, o que ditaria que, apesar de um determinado sujeito poder pertencer biológica e identitariamente ao gênero masculino, sendo categorizado como “homem”, ele não será lido como um exemplo prototípico da categoria, e quem sabe será destituído de toda a masculinidade que se espera atribuir a um homem mais representativo ou prototípico.

Os MCIs, como descrito por Lakoff e Johnson, também interagem entre si. Em outro clássico exemplo, agora de 1987, os autores descrevem como o MCI BACHELOR (solteirão) precisa interagir com o MCI CASAMENTO para ser compreendido. No texto, fica claro como um padre não pode ser considerado um “solteirão”, pois, na verdade, a ele é *proibido* o casamento por conta de outro Modelo Cognitivo Idealizado, o de RELIGIÃO, ou, mais especificamente, RELIGIÃO CATÓLICA.

Os Modelos Cognitivos são idealizados por seu aspecto profundamente social, marcado desta forma por dissonâncias em suas compreensões, que variam entre indivíduos, nichos sociais e culturas. Assim, eles também sofrem modificações históricas, como no exemplo do MCI CALENDÁRIO, que nem sempre obedeceu à formulação gregoriana, instituída, na realidade, apenas em 1582 pelo papa Gregório XIII.

Assim, constata-se que os MCIs são estruturas que congregam em si todas as estruturas e processos cognitivos citadas previamente neste capítulo: a categorização, as metáforas e os *frames*. Na realidade, MCIs podem ser até mesmo compostos, isto é, serem constituídos por MCIs diferentes, como é o caso do MCI MÃE, que absorve os MCIs de MÃE BIOLÓGICA, MÃE ADOTIVA, MADRASTA e mais. Por essa razão, considero os MCIs a estrutura mais complexa e interessante para este trabalho, visto que pretendemos analisar parte da *cultura* greco-arcaica.

Ao longo deste trabalho, adotarei a visão de Chiavegatto (2009) na construção individual dos *frames* e também do MCI unificado, relativo a Zeus, que será proposto após análise dos domínios identificados:

Em cada um deles adicionamos algumas das informações que consideramos formantes e disponíveis sobre cada um dos temas. Quando falamos, importamos as informações armazenadas nos domínios, por meio de itens semióticos que as ativam (palavras, morfemas, gestos), e as projetamos como conhecimentos que temos sobre os novos domínios aos quais foram ligados. Podemos transferi-los para construir a interpretação dos enunciados em diferentes domínios, correlacionando-os às informações do contexto comunicativo (Chiavegatto, 2009, p. 88)

Nesta construção, congrega-se uma descrição de itens (ou papéis) constituidores da cena, no caso dos *frames*, e dos “itens semióticos” (conforme citação acima) que são ativados,

no caso dos MCIs. A intenção é analisar os *agentes* e os elementos conceptualizadores mais salientes, ativados de forma hierárquica, mas flexível – assim como é a categorização humana...

### 3 METODOLOGIA

O campo das Humanidades Digitais dedica-se a elaborar metodologias e reflexões para o estudo das mídias digitais a serviço dos mais diversos campos das Ciências Humanas, assim como a estudar, também, o próprio comportamento humano em ambientes virtuais. Desta forma, pode-se definir as Humanidades Digitais (HD) como um campo que estuda o comportamento humano no meio digital a partir de diversas perspectivas (linguística, sociológica, psicológica...), e que toma o aspecto virtual como objeto de estudo, metodologia ou mesmo fundamentação teórica. Nesta pesquisa, o caso será misto: o *cópus* é digital, foi constituído a partir de meios digitais, e toda a formulação teórica deste trabalho conta com alguns pressupostos específicos da área.

O primeiro que gostaria de mencionar, o qual já desafia noções prévias que postulam que o posicionamento individual do conceptualizador mudaria conforme a audiência, é a noção de *affordance*: “[elas] se constituem nas relações estabelecidas entre um usuário e as materialidades disponíveis” (D’Andrea, 2020, p. 47). Isto significa dizer que a rede oferece a gramática, os recursos (curtir, compartilhar, postar no *feed*, nos *stories*...), mas o usuário pode inventar novos usos para a rede conforme sua necessidade e materialidade. Isto espelha a capacidade de criatividade da língua[gem], que, entre outros, permite a intensa renovação das variações e normas das línguas de forma geral.

Considero que a relevância do conceito de *affordance* reside tanto nas discussões sobre agenciamentos (que debateremos a seguir), quanto caso o olhemos como uma das expressões de uma relação dinâmica e combativa de e pelo poder (tal qual as relações de gênero, muitas vezes). Não são poucos os casos em que empresas mantenedoras de softwares ou redes sociais digitais contenham um quadro de funcionários majoritariamente branco, masculino e de classe média – ou seja, os indivíduos que possuem acesso, na sociedade, aos espaços que os permitem galgar postos na vanguarda produtora de tecnologia. É de se esperar, então, que os produtos advindos desses funcionários reflitam a sua visão de mundo, o seu *bias* (isto é, seu viés); desta forma, dizer que a *masculinidade* penetra também nas *redes sociais* não é um exagero:

Esses estudos reduzem os aspectos culturais do uso das TIC<sup>21</sup> a um aspecto “social” tecnologicamente limitado (...), privilegiando o uso das elites como uma “norma”,

---

<sup>21</sup> Tecnologias de Informação e Comunicação.

*deixando não ditas as ideologias ambientais, sociais ou culturais que moldam o design, as expectativas e o uso das TIC (Brock, 2020, p. 71, grifo meu).*

Este é, então, o valor das *affordances*: representam um espaço de criatividade para o(a) usuário(a) ir além do determinado pela gramática digital, ampliando as possibilidades não apenas do uso nas redes, mas também equilibrando a balança de poder entre quem fala e quem escuta no espaço digital.

Nesta balança, o público é uma das forças em disputa pelo poder, mas também constitui uma moeda de troca entre as partes, expresso em sua *audiência*. Não é desejo de ninguém que elabore um *tweet*, por exemplo, falar sem a interação de seus pares. Empresas, igualmente, medem seus resultados digitais com frequência com base em métricas de audiência como alcance, curtidas, compartilhamentos, comentários e acessos, em vez de resultados financeiros ou físicos, como compras, upgrades de produtos, visitas à loja... O interesse na identificação com determinado grupo pode, então, editar o discurso do usuário, moldando-o para obter maior retorno de acordo com as possibilidades de sucesso, mas permaneço reiterando que o discurso digital não é descolado da prática diária, corporificada, cotidiana. Assim como modulamos nosso discurso digital visando audiência, modulamos nossa aparência, postura e dizeres de acordo com o público presencial em cada contexto de interação que vivenciamos.

Concernente ainda a este tema, um segundo aspecto que gostaria de trazer e que norteou a escolha pelo objeto de estudo, isto é, pelo gênero dos *tweets*, é a noção de agenciamento, que aqui será atribuída ao usuário.

*Ela segue amplamente os princípios da análise do discurso linguístico, incorporando a suposição de que o discurso mediado digitalmente pode ser, mas não é inevitavelmente, moldado pelas características tecnológicas dos sistemas de comunicação mediados por um computador (Herring, 2004, apud Brock, 2020, grifo meu).*

Isto significa dizer que, nesta pesquisa, não considerarei a expressão linguística do usuário como inverossímil ou editado para as redes sociais, tão somente. Ainda que o fosse, cabe pontuar, esta escolha linguística é reflexo do próprio discurso, que adaptamos conforme a situação social em que nos encontramos. Em resumo, entendo que o ambiente digital configura apenas mais um de tantos ambientes que compõem a experiência sociocultural humana.

Assim, ao elaborar discursos sobre Zeus, o usuário não estaria mediado por agências que editariam o seu discurso para que se expressasse de forma completamente distinta da que pensasse sobre o tema da masculinidade. Aspectos como a escolha lexical, as redes de interação,

os jargões adotados etc. podem e são afetados pela escolha do suporte digital provido pelo Twitter, e conquanto poderiam não ser ativados em contexto distinto (educacional, por exemplo), seguem fazendo parte da categoria “masculinidade” na mente dos conceptualizadores, e refletem uma entrada específica dentro de um domínio semântico amplo ao qual buscamos explorar, ao menos parcialmente.

### 3.1 Tipologias da pesquisa

Visando atingir o objetivo geral de compreender a conceptualização hodierna de Zeus a partir do uso pelos usuários do Twitter dos termos selecionados, em contexto digital e recortado desta rede social, bem como de contrastá-la com a percepção da cultura que o idealizou, por meio de um artefato cultural (a Teogonia), esta pesquisa se pretende qualitativa, tendo em vista a descrição cultural e de pressupostos e objetivos que privilegiam o estudo da semântica. Também apresenta caráter básico, visto que pretende analisar cultura(s) e descrever o estado da percepção de uma figura representativa para (e, por consequência, dos) conceitos de poder, paternidade e masculinidade.

A presente pesquisa envolve coleta, análise e classificação de dados primários para constituição de *corpus*, porém dialoga intensamente com fontes de apoio, e é contrastiva, o que também possibilita a sua classificação como uma pesquisa terciária ou mista em relação às fontes de informação recrutadas. A avaliação sistemática dos dados constitutivos do *corpus* objetiva utilizar o aporte teórico e as categorias de análise da Semântica Cognitiva para construir modelos que contribuam com a área, bem como com o conhecimento científico acerca de uma área preterida pelos estudos linguísticos – os estudos clássicos – e, por tal razão, também se classifica como uma pesquisa de *cunho* teórico.

Por fim, este estudo se configura como um estudo descritivo, por pretender pormenorizar e “identificar os fatores que contribuem para a ocorrência e o desenvolvimento de determinado fenômeno” (Gonsalves *apud* Paiva, 2019, p. 14). Esta definição se relaciona proximamente com as perguntas da pesquisa, que envolvem, por sua vez, os seguintes objetivos:

Questão de pesquisa (i): Quais processos cognitivos são acionados na conceptualização de Zeus a partir de dados selecionados do Twitter?

Objetivo específico (i): Identificar, descrever e analisar os *frames* e domínios mais recorrentemente ativados a partir dos dados coletados.

Questão de pesquisa (ii): Quais diferenças são mapeáveis entre a conceptualização hodierna e a clássica de Zeus?

Objetivo específico (ii): Contrastar a significação contemporânea de Zeus em dados do Twitter à da Grécia Antiga, a partir da Teogonia hesiódica.

Questão de pesquisa (iii): Como a figura de Zeus está posicionada culturalmente e quais conceitos ela representa?

Objetivo específico (iii): Verificar a aderência da figura de Zeus a uma correspondência parcial na conceptualização de PODER, MASCULINIDADE e PATERNIDADE tanto na Grécia Antiga quanto na contemporaneidade.

### 3.2 Procedimentos metodológicos e de análise

Para produzir o *cópus* desta pesquisa, realizei três extrações de *tweets* por intermédio da plataforma Netylic (<https://netlytic.org/>). Esta plataforma possuía, até fevereiro de 2023, acesso gratuito à API<sup>22</sup> da rede social Twitter<sup>23</sup> e permitia a pesquisadores identificados e cadastrados uma cota maior de acesso a determinada parte dos dados considerados públicos da rede social. Nas extrações, foram buscadas as palavras-chave “Zeus” e “Olimpo”, ou seja, *tweets* com apenas um vocábulo ou outro foram excluídos da busca. Assim, buscou-se limitar

---

<sup>22</sup>API, do inglês Application Programming Interface, é um conjunto de protocolos de informação de um determinado programa ou aplicativo. É este recurso que permite que diferentes programas e bancos de dados se comuniquem para postar um arquivo, tirar uma foto, obter metadados etc.

<sup>23</sup> A rede social Twitter foi comprada pelo bilionário Elon Musk no início de 2023, e sofreu uma série de mudanças em suas funcionalidades, gramática e posicionamento de mercado desde então. É importante, então, citar que a rede social mudou seu nome para “X”, e, por enquanto, ainda não há termo derivado amplamente aceito que nomeie as postagens realizadas nesta “nova” rede (como era o caso dos lexemas “*tweet*/*tuíte*”, “*tuitar*” etc.). Dos desbloqueios de contas que a gestão anterior considerava “incitadores da violência”, como a do ex-presidente estadunidense Donald Trump, à limitação da mineração de dados, que afetou esta pesquisa, e mesmo à limitação do fluxo de postagens permitido para cada usuário, considero a gestão atual pernicioso e, por tal razão, prefiro não apenas trabalhar com os dados obtidos previamente, quando a permissão de acesso à API era clara e automática pela plataforma de extração citada, bem como tratar a rede e todo o vocabulário atrelado a ela pelos seus nomes anteriores, decisão que adotarei em todo este trabalho de pesquisa acadêmica, iniciado em 2022, antes da mudança administrativa da rede social.

o domínio cognitivo estudado ao campo divino greco-arcaico e excluir eventuais erros de digitação, textos com baixo valor semântico<sup>24</sup> etc.

Foram mantidos todos os *tweets* que continham *retweets* e respostas a outros usuários e/ou imagens, considerados aqui fatores importantes quanto à espontaneidade linguística dos usuários e, assim, potencialmente reveladores de aspectos da conceptualização contemporânea do conceito de PODER a partir da figura de Zeus por usuários do *Twitter* falantes de português.

Para assegurar o máximo de potencialidade da plataforma, que resguardava os dados apresentados por uma semana, as extrações foram realizadas separadas por, no mínimo, período igual ou superior a oito dias. Com esse distanciamento, foi possível evitar repetição de *tweets* idênticos – exceto caso tenham sido propositalmente propagados novamente, o que foi considerado parte integrante dos resultados da pesquisa<sup>25</sup>. Todas as extrações foram realizadas nos meses de novembro e dezembro de 2022, respeitados os já mencionados dias de distanciamento, e a língua escolhida foi unicamente o Português brasileiro (pt-BR).

Nesta dinâmica, a plataforma oferece verdadeira miríade de informações, como aparelho utilizado para realizar a postagem, localização geográfica do usuário, redes de interação entre usuários, identificando os usuários-chave e mais. Deste conjunto de possibilidades, por conta do recorte, objetivo e prazo da pesquisa, foram mantidas na planilha consolidada que serve de base para esta pesquisa somente os campos de *conteúdo do tweet*, *data/horário da postagem* (necessário para remoção de *tweets* potencialmente divulgados por *bots*) e *tipo de postagem* (conforme a terminologia da plataforma, um *tweet* original [espontâneo], resposta a outro usuário [*reply*] ou compartilhamento [*retweet*]), além de adicionada a coluna numérica para facilitar referência a excertos específicos. A tabela completa com todos os *tweets* nas configurações informadas encontra-se ao final deste trabalho, no Apêndice A.

---

<sup>24</sup> Algumas pessoas, com filiações religiosas potencialmente menos intensas (como ateus ou agnósticos), podem expressar, por exemplo, suas reações de surpresa com interjeições como “pelo amor de Zeus”, que não deixa de conter certa carga de ironia. Contudo, tais interjeições podem aparecer em contextos totalmente distintos da discussão sobre o greco-arcaico ou sobre o divino de forma geral, em aplicações cotidianas e assuntos diversos, o que foge do escopo desta pesquisa, e, por isso, após constatação deste fato, optei pelo uso de outro termo que fosse mais limitante no seu conteúdo semântico.

<sup>25</sup> Exclui-se, contudo, a repetição deliberada e por diversas contas distintas do mesmo texto em sua integralidade – situação possivelmente atribuída à presença de *bots*, contas eletrônicas que não necessariamente correspondem a uma pessoa real, elaboradas apenas com a finalidade de cumprir algum objetivo específico, como espalhar um conteúdo ou dar visibilidade a algum tema. Nestes casos, além do texto completamente idêntico, os *tweets* tinham horário muito similar, por vezes, separados apenas por segundos, o que foi considerado um entrave para a manifestação linguística espontânea que se busca analisar.

À época da elaboração deste *cópus*, a rede social permitia que os usuários, se assim desejassem, “trancassem” seu perfil, tornando seus *tweets* e comentários visíveis apenas para as pessoas de sua própria rede de interações, isto é, seguidores ou pessoas que por eles fossem seguidas. Desta forma, menciono com ênfase que *não foram incluídos* dados dos perfis “trancados” nesta pesquisa, uma limitação ética imposta desde o início já pela plataforma mineradora utilizada, Netylic. Os dados aqui presentes são então públicos, passíveis de visualização por qualquer usuário quando do momento de minha extração, e, ainda que possam ter sido posteriormente excluídos pelo(a) autor(a), foram postados com a anuência do usuário sobre a veiculação potencialmente ilimitada do seu texto a pessoas que ele(a) não conhecia.

Após a unificação e o tratamento da base de dados, conseguida em Excel, o primeiro passo para compreender o resultado dos 179 *tweets* obtidos<sup>26</sup> foi buscar consolidação dos termos mais usados visando utilizá-lo como forma de exploração semântica de um *cópus* de tamanho pequeno a médio (na perspectiva das HD). Para isso, foi utilizada a ferramenta geradora de *word clouds*, ou nuvens de palavras, oferecida pela plataforma WordArt (<https://wordart.com/>), e gerada uma única nuvem de palavras (doravante NP) a partir da coluna “conteúdo do Tweet” da planilha consolidada das três extrações, buscando encontrar forma de mapear os principais conceitos que traziam à tona o nome de Zeus.

Para realizar este mapeamento, conforme prática recorrente na área de pesquisa de Humanidades Digitais, durante a inserção de dados para geração da NP excluíram-se as palavras com baixo ou nulo valor semântico, denominadas frequentemente de “*stopwords*”. Estas palavras incluem conjunções, artigos, preposições e demais palavras de caráter altamente sintático, mas que expressam pouco conteúdo em termos semânticos. Além disto, nenhuma lexia com menos de duas ocorrências foi inclusa na lista de alimentação<sup>27</sup> para a plataforma WordArt. A seguir, apresenta-se a nuvem de palavras resultante.

---

<sup>26</sup> A tabela completa com os *tweets* envolvidos nesta pesquisa está disponível neste texto, vide Apêndice A.

<sup>27</sup> As palavras excluídas da lista de alimentação para a plataforma WordArt podem ser encontradas neste trabalho, no Apêndice B.



no momento da postagem na rede social. Este erro não se dá apenas neste caso, sendo possível, embora em menor probabilidade, de ocorrer também no momento da leitura dos outros usuários que visualizem a conversa (esta é pública). Contudo, como mencionado, a NP objetiva oferecer uma *primeira* exploração semântica do domínio, e, após a busca das palavras constantes na NP, localizei os *tweets* com o texto correspondente no arquivo Excel de origem, utilizando a função nativa do programa para fazê-lo, recuperando, assim, o texto completo do excerto no qual o termo foi encontrado.

As palavras da NP selecionadas para a busca no cópuz, de onde retirei os excertos, foram as que mais suscitaram interesse em mim, a partir dos mitos e lendas associados a Zeus - que constem na Teogonia ou em outras fontes de interesse, como o videogame *God of War*, que possui como temática a mitologia grega e alcançou alta popularidade em todas as suas edições até aqui. Eu mesma o joguei e, assim, identifiquei rapidamente seus eixos de discussão (termos como Kratos, o nome do personagem, foram relevantes para essa identificação) e citações diretas, replicadas em diversos *tweets*.

Houve, também, certas expectativas e influências durante a análise preliminar da NP e constituição dos *clusters*<sup>28</sup>/domínios. As atuações de Zeus no campo da sexualidade, por exemplo, chamam-me a atenção com maior rapidez por constituírem um aspecto de interesse meu dentro dos estudos de gênero e da masculinidade em específico.

As palavras que foram selecionadas da NP para busca na planilha com o conteúdo dos *tweets* serão sempre indicadas previamente à elaboração do *cluster* que apontará o domínio evocado pelo cópuz. Além disto, visando manter-me no escopo e explorar a hipótese da pesquisa, isto é, a correspondência semântica parcial dos *frames* de PODER, MASCULINIDADE e PATERNIDADE, os três domínios citados foram mantidos para as análises. Contudo, eles não funcionaram como limitadores, mas guias, permitindo a expansão para outro domínio não inicialmente desenhado na pesquisa (a saber, o domínio SEXUALIDADE, não previsto na proposta inicial desta pesquisa, mas proficuamente encontrado no cópuz e na NP).

Assim, para as análises, que serão desenvolvidas no capítulo seguinte, procedi da seguinte maneira: (1) identifiquei palavras na NP de maior interesse; (2) encontrei os *tweets* na planilha que as continham; (3) identifiquei se os *tweets* acionavam algum dos três domínios propostos inicialmente (masculinidade, paternidade e poder) ou algum outro. Para demais domínios, foi designada uma quantidade mínima de cinco *tweets* sobre o mesmo tema para que adentrasse a pesquisa. Em seguida (4), agrupei os *tweets* encontrados em *clusters*, a partir da

---

<sup>28</sup> Neste trabalho, o termo *cluster* significa um grupo de *tweets* constituído por um tema comum.

seleção de palavras da NP ou identificação de eixos de discussão, por domínio ativado; (5) analisei potenciais graus de metaforicidade e projeções metafóricas dos *tweets* selecionados; (6) realizei proposta de estruturação de *frame* relativo ao domínio explicitado no *cluster*, com a explicitação dos papéis ativados para o valor de Zeus no domínio e explicitação do elemento categorial mais prototipicamente saliente nesta ativação.

Para averiguar o potencial metafórico das expressões em que haveria chance de projeção metafórica, conforme a definição de projeção entre domínios fonte e alvo elaborada por Lakoff e Johnson (1980) e apresentada no capítulo 2, consultei dicionários *online* para averiguar o sentido considerado mais básico do uso da expressão, e, quando o uso no córpus apresentou-se divergente do uso dicionarizado, consultei a Lista Mestre de Metáforas (*Master Metaphor List*; compilada por Lakoff e disponível em <https://www.lang.osaka-u.ac.jp/~sugimoto/MasterMetaphorList/metaphors/index.html>) e busquei correspondências de metáforas conceptuais já cunhadas.

Ao fim das análises individuais por *clusters*, realizo uma breve discussão integrativa, que visa compreender as relações entre os diferentes domínios discutidos neste trabalho. Eles não são estanques, e, ao contrário, representam *pontos de acesso* ao MCI ZEUS, a serem ativados individualmente conforme o contexto em questão. Tais relações entre os domínios e intra-MCI apenas reforçam os pressupostos teóricos deste trabalho, apresentados na seção anterior, quanto à flexibilidade cognitiva apresentada pela categorização a partir de protótipos, à projeção metafórica entre domínios concretos e abstratos (como punição e poder) e quanto à presença de papéis estáveis em cada situação comunicativa. Creio que estas relações também contribuem para o estudo do gênero masculino contrastando (ainda que brevemente) uma figura tão arquetípica para falarmos de masculinidade a partir de seu contexto na antiguidade clássica e no universo digitalizado da segunda década do século XXI.

## 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Como indicado nos capítulos anteriores, o objetivo deste trabalho é compreender como Zeus – e os conceitos que ele potencialmente encerra, dentre eles os de meu interesse *poder*, *masculinidade* e *paternidade* – é um reflexo de um tempo passado (mas ainda influente) e, mais ainda, buscar compreender o quanto este tempo passado se faz presente no mundo contemporâneo, um mundo digitalizado e politizado. Esta configuração de forças, porém, não é unilateral. O tempo presente também pode influenciar no passado, senão em sua gênese, claro, em sua leitura. Por exemplo, me pergunto: até onde o feminismo haverá influenciado o deus maior do Olimpo?

Anacrônico opor épocas e produtos de épocas tão distintas? Quem sabe um pouco. Mas, com o perdão dos historiadores, como dizer que a divindade, ainda tão presente em múltiplos produtos audiovisuais, como jogos, músicas e filmes, idealizados pela Indústria Cultural massificada, não tem mais contato e troca cultural e semântica com as pessoas mais jovens das primeiras décadas do século 21?

É claro que a própria transposição citada acima do modo de representação e difusão do deus já constituiria material para análise independente. De um ambiente ritual, mitológico, institucional e legitimado (pelo Estado, religião e outros), o deus passa a habitar *produtos*, de *consumo* opcional, balizado por *interesses* e pela aderência ou não àquele contexto comunicativo e, por que não dizer, ficcional.

O objetivo deste capítulo, então, é dissecar o *cópus*, apresentado no Apêndice A desta dissertação e no capítulo anterior, relativo aos procedimentos e teorias adotados para sua produção, buscando sorver dentro do material reunido uma resposta para as questões motivadoras desta pesquisa. Vamos agora aos domínios encontrados no *cópus*.

### 4.1 O domínio SEXUALIDADE

Seria apenas natural para um(a) leitor(a) contemporâneo(a), ainda que apenas razoavelmente apresentado à cultura greco-arcaica, que associasse a figura de Zeus a uma

espécie de devassidão sexual, impressão causada pelos numerosos relatos, desde a Antiguidade, de engajamentos amorosos do deus.

Tais engajamentos foram com frequência desarmônicos, não raro relatando deusas, humanas, ninfas e outros seres (quase sempre, do sexo feminino<sup>29</sup>) buscando esvair-se de um encontro afetivo com o soberano. Este fato sinaliza algo importante, isto é, que o encontro amoroso com o deus maior do Olimpo não era uniformemente visto como uma bênção, como trata Hesíodo em diversos pontos da Teogonia, onde a união amorosa era com frequência atribuída à sua sabedoria. No conhecimento dos conceptualizadores, isto não se verifica: nele, majoritariamente Zeus é conhecido por (precisar) persistir na conquista do ser desejado, independentemente do desejo e da situação (por exemplo, marital) da mulher. Para isso, agia frequentemente empregando subterfúgios, tais como disfarçar-se de animal, assumir outra aparência, similar ou não a outro homem ou outra divindade, e mais.

Neste início de século XXI, o próprio exercício da sexualidade é visto de outra maneira, especialmente a sexualidade feminina. Debates atualmente em curso versam sobre a possibilidade de prazer feminino durante as relações sexuais, e numerosas campanhas publicitárias informam a necessidade de se haver consenso, isto é, vontade de *ambas* as partes da relação de levarem-na a um patamar de caráter sexual. Também o mercado passa a receber maior influxo de produtos eróticos (*sex shop*), com aumento de 50% das vendas visadas para o público feminino, segundo reportagem da Folha de São Paulo com dados de maio de 2020 (Amaral; Saraiva, 2022). Os fatores que influenciaram a geração deste cenário já poderiam representar um impacto substancial diretamente sobre as lendas sobre Zeus na Teogonia, que é visto como viril e sábio (mesmo quando o desejo da parceira não se verifica), bem como seu leite é “sagrado” (vv. 937-8).

Enquanto no texto arcaico encontramos numerosas referências ao *amor* como emoção participante e constituinte no ato sexual, a percepção hipotética do(a) citado(a) leitor(a) contemporâneo(a) é, costumeiramente, repleta de gracejos humorísticos, sendo essa manifestação vista com frequência de maneira cômica. Em diversos casos, Zeus é ativado como protótipo para determinados aspectos da sexualidade, costumeiramente distantes do amor, como descontrolado, número de parceiras, geração de filhos e mais. Assim, com pouca surpresa, o *frame* SEXUALIDADE constitui um dos primeiros domínios de interesse para a pesquisa, com identificação primária na NP. Ainda que não delimitado inicialmente quando do desenho desta

---

<sup>29</sup> De fato, neste trabalho não adentraremos as relações amorosas de Zeus fora do espectro heteroafetivo e cisnormativo.

pesquisa e elaboração da hipótese, numerosas palavras como “pinto”, “gostosão”, “mulher”, “linda”, “quica”, “quer”, “precisa”, “dar” e “pega” contribuíram ativamente para sua construção e ativação.

Em todos os excertos do *córpus* citados ao longo deste trabalho, indicados com a numeração atribuída presente no *córpus* (Apêndice A) e organizados em ordem crescente, mantive as expressões e grafias originais empreendidas pelos usuários. Elas podem conter variações à norma padrão (culto) da língua, palavras utilizadas em dialetos, gírias, abreviações e mais. Contudo, para os *clusters* de domínios, removi os nomes de usuários mencionados, quando o *tweet* era uma interação direta entre dois ou mais indivíduos – estes nomes podem, porém, ser consultados no apêndice. Também realizei grifos de acordo com expressões potencialmente metafóricas ou que estruturam os *frames* envolvidos. A seguir, encontramos os excertos selecionados para compor este domínio:

- (22) “Sla, ñ sei opinar sobre peitos, eu penso assim, o corpo é da mulher ela q tem q se sentir bem com o próprio corpo, eu **só tenho q aceitar elas do jeito que são** sem ter q ter uma preferência ou algo assim, com poucas palavras oq eu quero dizer é, **caiu no olimpo Zeus passa o pinto**”
- (72) “Você é **igual zeus, come mulher e foge** Chegou no Olimpo, zeus passou o pinto”
- (78) “Mona **passou no Olimpo Zeus passa o pinto** os deuses tão nem ligando KKKKK todos eles **pegam homem e mulher**”
- (92) “Você não precisa ser inteligente pra entender mitologia grega, você só precisa entender que : **Caiu no olimpo, Zeus passou o pinto** "Ah mas Léo é só uma pedra" e daí? **Quem ignora buraco é a prefeitura, Zeus não**”
- (111) “Cara, na real **metade dos problemas na terra e no olimpo eram culpa de Zeus Q não sabia ficar um dia sem "tr3p4r"** com ngm. Eros era o to, qualquer coisa fazia um se apaixonar pelo outro e assim, gerava confusões KKKKKK”
- (119) “Não... Ela veio de **outra Deusa que foi amante do Zeus...** Acontece que a Mãe da Atena foi transformada em uma mosca por Zeus, que logo em seguida, foi engolida pelo próprio... E msm no corpo dele, ela terminou a gestação, e a Atena acabou saindo da cabeça do Rei do Olimpo...”

Os excertos revelam diferentes posições do exercício da sexualidade por Zeus. Majoritariamente, o soberano aparece em posições de amplitude da sua exploração sexual, como em (72), (92) e (119). Nestes cenários, exemplifica-se como o deus não recusava companhias sexuais, e também mostra confusão entre seu rol de amantes (“*outra* Deusa que foi amante do Zeus”, excerto 119), indicando que ele seja numeroso, tal qual é demonstrado na Teogonia. Também explora critérios de dominação geográfica, ativando a metáfora conceptual

já cunhada PROXIMIDADE É POSSE, a partir do exercício da sexualidade (“*chegou no Olimpo, Zeus passa o pinto*”, excerto 72), isto é, todo ser que constasse naquela área era potencial presa sexual ou objeto possuído do soberano, que ali teria determinado direito de preferência sexual. Podemos também enquadrar esta expressão como indicativo da *promiscuidade* de Zeus, visto que elenca *todos* os indivíduos de uma grande área “geográfica” (mitológica) como parceiros sexuais potenciais do deus.

Este último trecho citado (constante no excerto 72, mas também em outros, sendo uma expressão repetida e consolidada, conforme demonstrado no *córpus gerado*) também é enquadrado como referência para o exercício *prático* da sexualidade de *usuários* do Twitter, como se lê em (22): “eu só tenho q *aceitar* elas do jeito que são sem ter q ter uma preferência ou algo assim, com poucas palavras oq eu quero dizer é, *caiu no olimpo Zeus passa o pinto*”. Aqui, o hábito do soberano de ser pouco criterioso (ou seja, mirar quaisquer “presas” em seu domínio geográfico) justifica a posição do interlocutor, que recorre a ela para explicar sua própria prática sexual que envolve, em vez de buscar companheiras a partir de sua própria preferência, *aceitar* à revelia o que chegar até si.

Esta visão permite adicionar um ainda tímido viés crítico, adição contemporânea inexistente na Antiguidade, à sexualidade do soberano, como consta no já citado (22), em (72) e (111). Nestes excertos, vemos uma possibilidade de responsabilização do soberano do Olimpo por seu comportamento, tido como irresponsável e descontrolado, vide o trecho “metade dos *problemas* na terra e no olimpo eram *culpa* de Zeus Q *não sabia* ficar um dia sem ‘tr3p4r’ com ngm” (excerto 111). O(A) usuário(a) demonstra culpabilizar Zeus por sua falta de autocontrole, a qual gerava problemas para os deuses e humanos, que deviam arcar em coletivo com ações e decisões individuais. Já em (72), o uso de *foge* evidencia uma pretensa “culpa” do usuário a quem o(a) interlocutor(a) se dirige, após realizar um ato e desaparecer para não lidar com as consequências.

Esta responsabilização, porém, é ainda iniciante, e potencialmente reside nas diferenças de gênero, e está atrelada à conceptualização do masculino do qual Zeus é protótipo. Enquanto a mitologia está reduzida ao comportamento sexualizado de Zeus, este não é sempre reprimido, mas apenas declarado. A possibilidade é de que este comportamento resida justamente na expectativa social sobre o gênero, tornando os homens os indivíduos que podem ser caçadores/possuidores e as mulheres, restritas a comportarem-se como as presas/objetos de consumo.

Podemos propor também análise a partir de carga metafórica, como vê-se em (92), especialmente no trecho “Quem *ignora buraco* é a prefeitura, Zeus não”. Neste caso, deteriorações na pavimentação da via são projetadas no órgão sexual feminino (e se delineiam outras interpretações, como o ânus masculino). Orifícios físicos (assim, mais concretos) do corpo são estabelecidos como potenciais áreas de penetração sexual (assim, mais simbólica e abstrata) pelo Rei dos Deuses.

Ainda se tratando de metáforas sexuais, em (111), o uso de “trepar”, relativo à *subida em local íngreme* (TREPAR, 2024), é projetado no ato sexual, ativando a metáfora conceptual (doravante, MC) mais geral, já cunhada, AÇÃO É MOVIMENTO<sup>30</sup>. Além disto, encontramos metáforas que falam não sobre a natureza do gênero masculino apenas, mas também do feminino, como a metáfora conceptual já criada MULHER É COMIDA. Quando o usuário diz que alguém “*come* mulher e foge” (excerto 72), a mulher é projetada como uma substância possível de ser capturado e que não representa resistência à vontade do outro.

Por fim, vemos projeção de uma pretensa área de caça, ou obtenção de relações sexuais, ao Monte Olimpo, ambiente geográfico, morada dos deuses mais relevantes, como se lê no trecho repetido e variado (contendo ligeiras alterações vocabulares), já previamente citado nesta seção, “*Caiu no olimpo, Zeus passou o pinto*”.

A partir do explicitado, podemos pensar na seguinte estruturação para o *frame* SEXUALIDADE de Zeus. O domínio ou *frame* (os termos estão sendo usados de forma intercambiável neste trabalho) indica os *papéis* de Zeus ativados durante o exercício da sua sexualidade, conforme conceptualizada pelos usuários do Twitter, e em seguida o atributo que os aciona nos contextos encontrados no *cluster* apresentado previamente:

Tabela 1 - Papéis ativados pelo domínio SEXUALIDADE de Zeus a partir do córpus

<b>Domínio SEXUALIDADE – Zeus Contemporaneidade/Twitter</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Predador</i>, aproximando-se de várias parceiras;</li> <li>• <i>Rei</i>, tendo posse de determinada área geográfica;</li> <li>• <i>Amante</i>, sempre focado no aspecto erótico;</li> <li>• <i>Adicto</i>, incapaz de evitar seu comportamento;</li> <li>• <i>Glutão</i>, consumindo ou violando suas parceiras;</li> <li>• <i>Fugitivo</i>, não disposto a aceitar consequências por seus atos.</li> </ul>

<sup>30</sup> Tradução livre da MC em inglês ACTION IS MOVEMENT (Lakoff *et al*, 1991, p. 32).

O *frame*, atualizado para a contemporaneidade, então, já representa substancial modificação no teor discursivo deste aspecto do soberano (isto é, sua atividade sexual). Destaco a perda do teor respeitoso e reverencial nas falas dos usuários do Twitter, assim como também nas associações por eles realizadas, estas sim contemporâneas e situadas, como a uma entidade governamental *ineficiente*, a uma causa de desordem e à vida sexual de um usuário em específico.

#### 4.2 O domínio AUTORIDADE

Novamente, a presença deste domínio é coerente com a representação de Zeus em sua cultura originária. O soberano divino lança as bases para os comportamentos humanos que envolvem formas diversas de poder, tal qual os reinados, como nos diz Hesíodo na Teogonia (vv. 94-96), e também monitora o comportamento de outras deidades, maiores ou menores em relevância, do panteão grego.

Isto já era visível no domínio anterior, SEXUALIDADE, em uma expressão que dá título a este trabalho: “Caiu no Olimpo, Zeus passa o pinto”. Agora, o destaque cabe à nomeação de Zeus, e de ninguém mais. Indicando preferência, não se menciona “os deuses passam o pinto”, ou “Zeus e Apolo passam o pinto”. O monarca obtém não apenas reconhecimento advindo de seu comportamento, mas também preferência sobre quaisquer outros oponentes divinos.

Um dos domínios mais prolíficos encontrados nesta dissertação (como esperado inicialmente), a ideia de Zeus como representação corporificada do PODER é condizente com seu papel e representação na mitologia, na qual ele encarna papéis de juiz, executor, soberano e referencial para diversos parâmetros. Por isto, renomeei este domínio para AUTORIDADE, buscando estender a aplicação semântica do termo inicialmente desenhado PODER para maneiras mais abstratas.

Para Hesíodo, a explicação para a existência da glória de Zeus é simples: o cosmos (universo) teria sido totalmente *planejado* e *orientado* para ela. Se os deuses primordiais e os titãs, bem como os outros seres divinos, prepararam o terreno para o que haveria no universo, Zeus é a força que o ordenou e o constituiu enquanto sistema ordenado. Observemos, então, os excertos do *cluster* a seguir, que representam o domínio AUTORIDADE.

- (09) “Zeus **salvou** Hades e Poseidon, e juntos mataram Cronos, **tornando Zeus e novo Rei** dos Deuses, dando origem ao Olimpo, uma coisa muito engraçada de se ver é que, **assim como Zeus, Cronos conseguiu ser rei** dos titãs matando seu pai Urano, ou seja, essa profecia é de família”
- (12) “Quando nasceu Zeus ao invés dela dar ele para o Cronos comer, ela mandou ele pra uma ilha deserta, aí **quando ele cresceu ele libertou seus irmãos** e aí ouve uma guerra com o cronos, onde **eles venceram daí Zeus se tornou Deus do Olimpo**, Poseidon dos mares e Hades do submundo”
- (35) “**Zeus fez** a Gaya e o Kratos no ápice do seu poder **caírem com um único raio**, Hades roubou a alma de um fucking Titã e o Poseidon conseguiu mandar um mega monstro marinho pro alto do Olimpo e por pouco matava e Gaya”
- (41) “Eu superestimo o roteiro do jogo. No 3º jogo ele varre o Olimpo e mata o Zeus, ‘pai da Diana’. Diana **é poderosa mas não mais que Zeus**. Se ela ficar mais forte que Zeus é porque o roteiro quis”
- (43) “Ele se acha **Zeus, todo poderoso**, e está no Olimpo”
- (74) “**O poder de Zeus era supremo, o maior de todo o Olimpo** Se ele pode ferir matar e roubar poderes de outros deuses ele **concerteza consegue apagar visão**”
- (80) “⚡ Eu Zeus **pai do olimpo digo**, nossos novos produtos estão ganhando forma e ficando cada dia mais lindos ⚡ ⚡ AGUARDEM ⚡ ⚡”
- (93) “Atlas tbm é um titã que **foi condenado por Zeus** a aguentar todo o peso da existência nas costas Isso após ele escalar o Olimpo e e desafiar todos os deuses, me lembra o robô gigante que desafiou os Tenryubitos”
- (99) “Tudo começou quando, depois de criar uma confusão de proporções inimagináveis, **um deus foi expulso do Olimpo pelo todo-poderosos Zeus e acabou numa caçamba de lixo** em Nova York”
- (107) “**Zeus é o Olimpo...** Se ele matasse Zeus, o Olimpo caria junto...”
- (128) “**Silêncio, Zeus chegou** no Olimpo 🇧🇷”<sup>31</sup>
- (132) “Entre os deuses do olimpo, um sempre se destaca. Zeus, o **rei dos deuses**, aquele que teve varias amantes, um **exemplo de masculinidade e virilidade**. Mas vocês sabiam que ele também é?”<sup>32</sup>
- (154) “Hermes é muito fera. Deus psicopompo, deus dos viajantes e dos trapaceiros, pai de hermafrodito...mas **Zeus é o cara do Olimpo**”

---

<sup>31</sup> Este *tweet* faz referência por analogia com o ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal (STF). O contexto são as eleições presidenciais de 2022, nas quais o mesmo teve protagonismo (criticado e defendido) na normalização e investigação de processos eleitorais.

<sup>32</sup> Este *tweet* é complementado por uma imagem que ilustra um personagem animado “desmunhecando”, isto é, realizando gesto da mão e pulso conotativamente associado à homossexualidade, de forma negativa.

(163) “Mas eles também se beijaram em Sangue do Olimpo, logo depois daquela cena onde os deuses se reúnem e **Zeus castiga o Apolo**”<sup>33</sup>

A primeira dimensão que gostaria de sublinhar é a dimensão prática dos atos do deus: ele “salva”, “liberta”, “faz cair”, “castiga”, “condena”, “expulsa” etc. Tais atos implicam, por si só, em um potencial distinto dos demais deuses. Enquanto todos estão presos, cabe a Zeus, isto é, à ordem, ao poder, salvá-los – e por este ato, claro, ser reconhecido como soberano. Isto é um *estigma*<sup>34</sup>: Zeus está posto como *diferente*, enquanto dentro do domínio DIVINDADE os demais são *regulares*. Importante notar, claro, que ele é o único a ser capaz de agir assim. É o único que pode punir, pois este monopólio do poder é, também, o que o qualifica como rei, soberano e “um exemplo de masculinidade e virilidade” (132).

Tal diferenciação do soberano é, como dito, o que o legitima como rei, sendo então a sua fonte de reconhecimento pelos demais. É por isso que a utilização da voz de Zeus pode ser moldada a fins de enunciação, como em (80), onde o eu lírico possui a autoridade necessária para distribuir imperativos tais quais “Aguardem” aos demais, que será seguido justamente por sua voz imperiosa, legitimada e respeitada.

Esta legitimação aqui conferida a Zeus é também estendida ao gênero masculino. Na Grécia, enquanto o feminino é o gênero cuidador, responsável pela criação dos infantes gregos (conforme comentado na seção 1.3), os indivíduos do gênero masculino podiam atuar em camadas sociais, que impactavam a todos; o masculino já construía o Estado que eventualmente se tornaria burocrático: “A história da burocracia não é a história das mulheres, dos temas femininos; é a história do patriarcado. (...) A história do Estado é a história do patriarcado e o DNA do Estado é patriarcal” (Segato, 2018, p. 19).

Zeus, é claro, nada menos é que a epítome do projeto de Estado, do patriarcado e da virilidade masculina greco-arcaica, que é vista em suas ativações até a contemporaneidade. Ele representa a interseção entre a força física, capaz de subjugar os inimigos e os amigos, bem como a família, a seu bel-prazer, mas também no âmbito “civil”, judicializando, castigando, julgando, executando penas como um monarca másculo e autossuficiente.

---

<sup>33</sup> A discussão orbita em torno da série “Os Heróis do Olimpo”, do autor estadunidense Rick Riordan, que tem como tema a mitologia grega, da qual retira vários personagens.

<sup>34</sup> Conforme Erving Goffman (1988), uma marca de distinção presente no indivíduo, que pode ser negativa ou positiva.

Uma outra aproximação a este *cluster* se dá na constituição metafórica que aparece de forma a unir Zeus à área geográfica Olimpo. Em (107), por exemplo, temos uma transposição direta elaborada pelo conceptualizador: “Zeus é o Olimpo”, ativando a metáfora conceptual (MC) PESSOAS SÃO LUGARES<sup>35</sup>. Podemos pensar nas relações entre estes domínios como projeções físicas, onde o *corpo* do deus está sendo projetado na *área*, aumentando assim a *extensão* de seu alcance, a área onde ele poderá ativar e fisicamente interferir, expulsando, castigando, perseguindo romanticamente outros seres ou mais. Há também projeções mais abstratas, como o poder e a influência de Zeus alcançando recônditos inacessíveis aos seus sentidos, deixando subentendido que nada que ocorre no Olimpo é secreto a Zeus, pois ambos são a mesma coisa. Por fim, podemos pensar ainda no sentido inverso, pensando que o Olimpo se baseia na força de vontade e força física do deus, e, por isto, ambos são o mesmo, como pode-se ler na segunda sentença do *tweet* “Se ele matasse Zeus, o Olimpo caria junto”. Neste caso, Zeus (sua força) é sustentáculo do Olimpo e, indiretamente, de todos que ali habitam.

Este tipo de dominação é, a meu ver, a mais completa e indissolúvel aos papéis de gênero. Ao basear toda uma sociedade nas características de um indivíduo (ou de um grupo de indivíduos, quando pensamos no sexo masculino), esta torna-se moldada por ele e quaisquer relações que venham a ser travadas dentro de sua delimitação possuem seu viés balizador a ser considerado. As características que sustentam os fatos sociais tornam-se uma leitura ao mesmo tempo *prototípica* e *naturalizada* de como as coisas *devem ser* ou como são *normalmente*. Isto se aplica então a comportamentos concretos, passíveis de adoção por outras entidades: a perseguição amorosa, a expectativa de reverência, a aplicação de penas e julgamentos etc.

Outras expressões metafóricas encontradas residem em (35), quando, em “Zeus fez a Gaya e o Kratos no ápice do seu poder *caírem* com um único raio”, a projeção de “cair”, ir ao chão, não é explicitada em termos de precipitação para baixo (CAIR, 2024), mas de derrota. A metáfora EMOÇÃO É MOVIMENTO<sup>36</sup> é ativada a partir da direção de deslocamento para baixo, originada em Zeus. Da mesma maneira, a noção de raio, capaz de gerar calor e fogo, como *agente de poder* de Zeus reforça a ideia de que a fúria da divindade é natural, e aproxima-se da MC EMOÇÃO INTENSA É CALOR<sup>37</sup>. Por fim, temos também a ativação do par de metáforas conceptuais já cunhadas BOM É PARA CIMA e RUIM É PARA BAIXO, a partir do deslocamento vertical (forçado) dos derrotados, e a permanência da divindade olimpiana em posição superior.

---

<sup>35</sup> Tradução livre da MC em inglês SUBJECTS ARE AREAS (LAKOFF *et al.*, 1991, p. 92)

<sup>36</sup> Tradução livre da MC em inglês EMOTION IS MOTION (LAKOFF *et al.*, 1991, p. 145).

<sup>37</sup> Tradução livre da MC em inglês INTENSE EMOTIONS ARE HEAT (LAKOFF *et al.*, 1991, p. 143)

Ainda tratando da projeção metafórica, em (154) temos a ativação da MC PESSOAS SÃO LUGARES a partir da projeção da *área geográfica* Olimpo no domínio de *área corporal*, da qual Zeus seria a *face*, ou seja, sua parte mais visualmente saliente para outros seres humanos (por processo metonímico). Este seria um lugar “privilegiado” para o soberano – afinal, os outros deuses então se dividiriam para ocupar o restante da área/corpo “Olimpo” (me pergunto quem seria os pés, as costas, o pescoço e outros locais menos privilegiados...).

Em (43) e (128), a autoridade assume aspecto ainda mais abstrato, compondo então um *comportamento esperado* por parte de quem está em sua presença. Começando por este último, ao exigir silêncio pois Zeus chegou (ocupa determinada área geográfica) indica-se que a total atenção do presente deve se dirigir ao soberano, em vez de executar demais tarefas. Neste caso, o tempo do soberano é mais valioso que o de outrem, e se ele pode estar ali, os outros também não devem se dedicar a nada mais.

Já em (43) vemos que se efetua uma comparação entre uma dominação legítima e efetiva (Zeus sobre o Olimpo) e um domínio ilegítimo (para o conceptualizador, o exercido por Alexandre de Moraes sobre o Brasil). Neste caso, a projeção é clara (Alexandre de Moraes em Zeus e o Brasil no Olimpo), mas o mais interessante reside na relação legitimada de dominação exercida por Zeus no par constante no domínio-fonte da elocução.

O poder de Zeus também é explorado em contraste com os demais. Em (35) e (41), a medição do soberano está sempre *maior* do que a de outrem, ainda que a outra parte seja também uma deidade. Desta forma, o deus torna-se medida para o exemplo máximo de capacidade, como vemos em “Diana é poderosa mas *não mais* que Zeus” (41).

Uma deusa em específico é nomeada; ela inclusive é sua filha, e, como debatemos na seção 1.2.1, que falava sobre a relação de poder das Musas como filhas de Zeus, é uma extensão dos poderes de Zeus, que é sempre o lado mais forte da corda. Similar efeito ocorre em “Zeus fez a Gaya e o Kratos no ápice do seu poder caírem com um único raio” (35), ao demonstrar que o poder do soberano divino não exige mais que um único movimento contra toda a capacidade de dois seres divinos unidos. Acredito que este efeito de superioridade mediante quaisquer opositores é o que permite a formulação em (132), que parte do pressuposto de uma masculinidade, virilidade e domínio exemplares e inigualáveis exercidas pelo deus.

Com isso em mente, na tabela 2 apresento os papéis acionados pelo domínio AUTORIDADE de Zeus com base nas características supracitadas:

Tabela 2 - Papéis ativados pelo domínio AUTORIDADE de Zeus a partir do córpus

<b>Domínio AUTORIDADE – Zeus Contemporaneidade/Twitter</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Guerreiro</i>, atuando em ambientes de confronto;</li> <li>• <i>Rei</i>, podendo assumir voz de comando;</li> <li>• <i>Juiz</i>, julgando e penalizando demais divindades;</li> <li>• <i>Carrasco</i>, pondo em prática a punição determinada;</li> <li>• <i>Representante</i>, falando em nome de um grupo de divindades habitantes do Olimpo;</li> <li>• <i>Símbolo</i>, agindo como modelo de comportamentos esperados de pessoas em posição similar;</li> <li>• <i>Provedor</i>, sustentando o Olimpo com seu poder.</li> </ul>

Neste domínio, podemos ressaltar que o poder exercido por Zeus é considerado prototípico até mesmo pelos usuários, possuindo grande flexibilidade, mas sempre ocupando o lado maior ou mais positivo da história. Este cenário retorna ao efeito secularizado, a perda do caráter religioso já mencionado e esperado quando da elaboração da proposta deste trabalho, e destoante de outros produtos de referência para este trabalho, como a Teogonia, mas ainda alça Zeus a um local de importância.

Tal importância é o que aventa a noção de que Zeus chega a ser ativado, em diversas situações, como *papel* em vez de *valor* para o domínio AUTORIDADE. É a partir dele e de seu poder que demais deuses são comparados, como Hermes e Diana, nos exemplos já citados acima.

Como quem sabe torne-se explícito no *frame* apresentado, neste domínio mídia e mitologia se confundem. Ainda que contenha diversas discussões mitológicas, como em (09), (12), (74), (93), (132) e (154), vemos igualmente numerosas menções a entidades que estão sendo referidas a partir de livros contemporâneos, como a saga literária *Percy Jackson e os Olimpianos* e a outras mídias, como os videogames *God of War*, demonstrando que a mídia está ocupando os contextos previamente religiosos ou acadêmicos. É claro que, a partir da prática religiosa eliminada, morta, não esperávamos que a mitologia se preservasse intacta. Contudo, é curioso notar que as escolhas criativas e de narrativa efetuadas nos jogos se refletem no conhecimento e na fala dos enunciadores. Exemplifico com a junção na mesma frase dos nomes “Diana” e “Zeus”: ocorre que a primeira versão é a versão romana da grega Ártemis, filha de

Zeus, que por sua vez consta em sua versão grega clássica, em vez de aparecer como Júpiter, nomeação latina do deus. Ainda que hoje enxerguemos os nomes como sinônimos e intercambiáveis, tais junções seriam impensáveis em seu contexto social de origem, mas são naturais ao consumidor contemporâneo.

Permanecendo dentro desta discussão sobre mídias que versam sobre mitologia, nota-se uma preferência pelo debate após a atuação de Zeus, que seria vista então como um recurso narrativo *ex machina*, isto é, ultrapoderoso que aparece não para desenvolver, mas apenas para iniciar, permitir a continuação ou concluir arcos de outrem, ou ainda como mero marco temporal localizador. Vemos isto em: (35), quando Zeus *conclui* os arcos dos protagonistas Kratos e Gaia; (93), quando o arco conhecido de Atlas é *iniciado* pela condenação de Zeus; (99), ao utilizar-se o ato de expulsão cometido por Zeus como *prelúdio* para uma narrativa literária dedicada, muito mais vasta que o ato inicial; e (163), ao utilizar a ação punitiva do soberano para delimitar *outra* cena na narrativa.

Quem sabe por conta deste mesmo uso, sempre *referencial*, o *frame* de AUTORIDADE (e, claro, os enunciados que o acionam) é o menos imbuído de empatia em relação ao deus maior do Olimpo. Ele apresenta poucas características concretas passíveis de identificação por meros mortais, que preferem focar-se em figuras satélites a Zeus para conseguir elaborar atos criativos, narrativos ou mesmo julgamentos morais.

### 4.3 O domínio PATERNIDADE

Difícilmente alguém na contemporaneidade brasileira julgaria Zeus um bom pai. Isso se dá por conta das expectativas sociais em torno da paternidade: do pai é esperado sustentar e prover o filho, educá-lo nos costumes morais apropriados da sociedade, bem como participar de sua vida emocional, dando ao filho afeto, e também de sua rotina diária, levando-o e buscando-o de compromissos, promovendo sua interação social, incentivando a participação desportiva e mais.

Ninguém esperaria nada disso de um pai divino grego, é claro. Não apenas na dimensão prática da vida – afinal de contas, deuses não vão à escola –, que pode ser praticamente eliminada, mas também em todas as outras dimensões. Zeus não é diferente: são raríssimas, para não dizer ausentes, as menções à educação moral, à participação afetiva ou mesmo de

sustento objetivo na Teogonia por parte do deus. Ainda que Hesíodo realce a sabedoria divina, seu planejamento (como se o soberano soubesse previamente as características divinas resultantes daquela união carnal específica) e sua ordenação do mundo, gerando as habilidades, emoções e capacidades necessárias à vida, o mais próximo que se chega de um comportamento paternal arquetípico se refere a *proteção*, como quando Zeus assume “afilhados”, os filhos de Estige (vide apêndice C, seção 5, “A linhagem do Céu”). Nestes, contudo, a relação parece indicar nova dominação, sendo estipulado que não vão a lugar algum sem Zeus e sua proteção e bênção. Agem tal qual escudeiros, em vez de seres que devem ser criados por Zeus. Isso também se verifica com os filhos humanos do deus. Hércules<sup>38</sup>, mais conhecido por seus doze trabalhos, por exemplo, foi perseguido por Hera devido aos ciúmes da relação extraconjugal do deus, bem como do orgulho do soberano do fruto desta, e ainda neste cenário Zeus pouco interferiu.

Para compor este domínio, expressões da nuvem de palavras como “pai”, “cronos”, “filho”, “filha” e “rejeitar” contribuíram para a ativação do *frame* e seleção dos excertos. A seguir, encontra-se o *cluster* dos *tweets* em questão.

- (03) “Até Ares<sup>39</sup> na mitologia grega **se sentia mal por Zeus o rejeitar** assim como todo o Olimpo com exceção de Afrodite. Imagine Kratos<sup>40</sup> que tem o passado todo fudido”
- (86) “Zeus,**seu filho voltou,eu trago a destruição** do olimpo”<sup>41</sup>
- (112) “amellie-may pritsburg 18 anos hétero **filha de zeus** - deus dos céus e do olímpo suco verde, músicas dos anos 80, chuva, lutar”
- (119) “Não... Ela veio de outra Deusa que foi amante do Zeus... Acontece que a **Mãe da Atena foi transformada em uma mosca por Zeus**, que logo em seguida, foi engolida pelo próprio... E msm **no corpo dele, ela terminou a gestação**, e a Atena acabou saindo da cabeça do Rei do Olimpo...”
- (120) “So dele continuar a história do primeiro vai ser foda, mas pelo que me lembro essa deusa não é imortal(de morrer e voltar), ou será que é ☹ se não me engano **ela é a filha de zeus né, predestinada de destruir o Olimpo**, sla como vai ser essa história. Parece que cronos é o vilão”<sup>42</sup>

---

<sup>38</sup> Nome grego do herói mais conhecido como Hércules, sua denominação romana.

<sup>39</sup> Na mitologia grega, Ares, deus da guerra, é filho de Zeus.

<sup>40</sup> Na série de jogos *God of War* o personagem Kratos, um semideus (este termo se refere aos filhos de deuses com humanos), é filho de Zeus.

<sup>41</sup> O usuário cita um trecho extraído do jogo *God of War 2*, relativo ao final do videogame. Esta passagem é proferida pelo personagem principal, Kratos.

<sup>42</sup> Não consegui inferir com assertividade o contexto da discussão na qual este trecho se inseria, mas suponho fazer referência à série literária “Percy Jackson e os Olimpianos”, na qual há, de fato, uma personagem filha de Zeus

(122) “eu: Olha uma mídia nova sobre mitologia grega que legal e... \* Hades vilão, **Zeus o pai incompreendido bonzinho o melhor deus do Olimpo** \* eu: [meme raivoso]<sup>43</sup>”

(126) “Ele **matou todos os deuses do Olimpo, inclusive o pai dele (Zeus)**, agora numa nova trilogia q se passa na mitologia nórdica, ele Ta fazendo o mesmo mas não é nem pq ele tem raiva dos deuses é mais pela história do filho dele, é bem da hora”<sup>44</sup>

Minha primeira percepção ao observar os excertos apresentados é a invocação consciente ou não do padrão familiar divino de destruição à geração anterior, como se vê em (86), (120) e (126). (já citada no item 4.2 deste capítulo, pelos próprios usuários, no excerto [10]: “uma coisa muito engraçada de se ver é que, assim como Zeus, Cronos conseguiu ser rei dos titãs matando seu pai Urano, ou seja, *essa profecia é de família*”). Os filhos de Zeus, *de ambos os gêneros*, são associados como potenciais destruidores do Olimpo. Esta ativação é sinérgica à ativação do *frame* AUTORIDADE, e considera a paternidade como contiguidade, isto é, apenas um filho do deus soberano poderá destruir seu legado e alçar-se a seu estado.

Zeus novamente atua como fonte de identidade pessoal. Em (112), a usuária define-se como “filha de Zeus”, entre outras características. Logicamente, isto não é possível sequer mitologicamente, pois a religião greco-arcaica não é mais praticada, e exhibe então um caráter autoavaliativo que encadeia uma série de características esperadas daqueles que fossem filhos do soberano, bem como um conjunto de gostos e preferências individuais. Há também a noção arcaica de paternidade como *extensão de atributos paternos*, já mencionada no capítulo 2, sendo reativada na contemporaneidade.

Os usuários parecem reconhecer a falta de proficiência na paternidade do rei olimpiano. Em (122), a usuária reage de forma negativa à proposição de determinada mídia de que Zeus seria um bom pai. Isto pode indicar que a defesa de Hesíodo não ao comportamento do soberano em seu paternar, como é esperado da mulher, mas à doação de sua própria essência “especial” na geração dos filhos, já não é mais aceita pelos sujeitos contemporâneos. Em (03), na esteira das discussões sobre o videogame “God of War”, é realizada uma comparação com outro deus filho de Zeus. Neste caso, Ares, o deus da guerra, era tido como um ser divino de temperamento

---

chamada Thalia, bem como uma profecia de que um filho dos três deuses maiores (Hades, Poseidon e Zeus) destruiria o Olimpo. Automaticamente, na série, todas as suspeitas recaíram sobre Thalia.

<sup>43</sup> A inserção entre chaves é minha. A imagem retrata um personagem de desenho com grande fúria, dentes à mostra, braços abertos e a legenda “Aaaaaaaah!”, indicando um grito de frustração e incômodo.

<sup>44</sup> Nova referência à história da série de jogos “God of War”.

colérico, com pouco espaço para afetividade, e, mesmo assim, sente a ausência da proximidade com o genitor soberano.

Também podemos pensar em ativações metafóricas para alguns trechos. Em (119), por exemplo, vemos a projeção do corpo de Zeus (nomeadamente seu sistema digestivo e sua cabeça) em um útero feminino, ambiente capaz de gerar vida. Neste cenário, a boca do deus poderia ser projetada na área sexual. Neste cenário, ativa-se a metáfora conceptual já cunhada CORPO É CONTÊINER e o Rei dos deuses gregos atua como receptáculo para a gestação entabulada por outra deusa, deveras do sexo feminino (e, assim, ela própria capaz de gerar vida). Noto, contudo, que a própria cabeça de Zeus simbolizaria um ambiente fecundo para o nascimento da deusa da *sabedoria* e do conhecimento, como se Zeus fosse de fato a origem da sabedoria. É possível também observar, nesta mesma linha de pertencimento a um contêiner, que Atena, já adulta, precisa “romper” a cabeça de Zeus, tal qual a uma casca de ovo, para emergir ao mundo, pois sua saída não é a convencional. A seguir, apresento os papéis ativados dentro do domínio de PATERNIDADE:

Tabela 3 - Papéis ativados pelo domínio PATERNIDADE de Zeus a partir do córpus

<b>Domínio PATERNIDADE – Zeus Contemporaneidade/Twitter</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Pessoa fértil</i>, capaz de gerar vida;</li> <li>• <i>Pai ausente</i>, negando afeto e legitimidade;</li> <li>• <i>Divindade</i>, capaz de idealizar indivíduos a partir de um propósito;</li> <li>• <i>Gestante</i>, fornecendo ambiente propício para desenvolvimento do feto;</li> <li>• <i>Guia</i>, orientando os destinos de seus filhos.</li> </ul>

Colocando novamente este *frame* em diálogo com o anterior, relativo à AUTORIDADE, podemos chegar a conclusões específicas sobre a paternidade de Zeus. Enquanto o soberano divino exerce sua autoridade, seu poder, ele constantemente é o juiz e o executor de punições. Isto também se aplica aos seus filhos. Assim, além de distante emocionalmente, Zeus assume um caráter deletério em relação à paternidade, não apenas sendo distante, mas contribuindo para que seja ativamente percebido como um genitor prejudicial.

#### 4.4 O domínio MASCULINIDADE

Chegamos, por fim, ao último domínio desta pesquisa, que dialoga em outro aspecto com a questão de gênero: a emotividade no gênero e no comportamento masculinos. Zeus é uma figura privilegiada dentro deste *frame*: nas palavras dos próprios informantes do *córpus* desta pesquisa, Zeus é “um exemplo de masculinidade e virilidade” (excerto 132). Mas o que seria a virilidade, ou melhor, o que quer dizer ser viril e masculino para os gregos, o povo que concebeu Zeus?

Diferente do que se possa imaginar, podemos encarar que a virilidade não se expressa apenas da forma física, isto é, na guerra. Para os gregos, outras formas de dominação sobre o outro também eram consideradas:

A guerra e a política oferecem ocasião de manifestar sua *andreia*, mas esta também se manifesta em outros domínios. A capacidade de impor seu desejo sexual, o fato de dominar sua *oikos* (casa) não são menos importantes, embora o discurso privilegie evidentemente aquilo que depende do domínio público, aquilo que se realiza diante dos olhos de todos (Sartre, 2013, p. 21, *itálicos no original*).

Assim, a *configuração emocional* começa a ter lugar na análise e na constituição do masculino. Além da capacidade de interagir e modificar o seu ambiente, do homem viril é esperado que consiga impor suas *emoções* (libido, visão da vida doméstica etc.) sobre os demais em seu entorno, especificamente sobre o gênero feminino: “entre aquilo que diferencia infalivelmente o homem da mulher está o acesso à palavra política, à *eloquência que persuade*” (Sartre, 2013, p. 21, grifo meu). Estas emoções, claro, são pré-definidas e pré-determinadas, como já tratado em diversos pontos deste trabalho, por emoções majoritariamente associadas a algum tipo de confronto.

Este domínio, portanto, está delimitado dos demais já analisados pela emotividade associada a Zeus: nos *tweets* a seguir, selecionados por acionarem este *frame*, o soberano possui e demonstra (ou a ele são demonstrados) sentimentos como orgulho, fúria, reconhecimento etc. Palavras da NP como “ridículo”, “guerra” e “consegue” contribuíram para a ativação e delimitação do domínio.

- (05) “Só é um "paraíso" justamente por ter o hades como governante, ele sempre foi o irmão mais responsável e de boa, mesmo tendo traído a esposa 2 vezes, eles ainda consegue ser o deus mais fiel do Olimpo kkkkkk Zeus **nunca iria aceitar ficar com um reino que não fosse o céu**”
- (48) “quero ser maior que o mundo ser o **melhor na terra, como zeus é no olimpo**”
- (56) “Amigo acorda isso não vai dar em nada, o Brasil voltou a ter um imperador . Que decide o que é melhor para população de acéfalos, neste país discordar te leva para cadeia. Ninguém ira pautar nada contra o Olimpo para não deixar os deuses furiosos. **Como lidar com fúria de Zeus**”
- (66) “a luta com a estátua é CLÁSSICA mas essa do Zeus acho muito meme (é bacana pela história) além do jogo te obrigar a usar só a lâmina do olimpo **é bem ridículo o Zeus caindo na pegadinha do Kratos**”
- (68) “The Blood of Zeus: Hera **não aceitou um chifre de Zeus e causou uma guerra** entre gigantes que tiveram suas almas presas, uma **guerra que matou ela e ele** e que destruiu o Olimpo”
- (152) “VOCÊ PODE ME OUVIR EU SEI EU TE DESAFIO ZEUS, VENHA ME ENCARAR OU **VOCÊ TA COM MEDINHO?** VENHA COM OU SEM O OLIMPO TE GARANTO, MUDA NADA EU SÓ VOU TERMINAR A BUSCA AO VER SUA CABEÇA CORTADA!”

A contiguidade entre Zeus e seus campos de domínio segue se manifestando. Neste caso, em (05), temos a relação de Zeus com o céu sendo destacada. Relacionando com os debates previamente feitos quando da discussão sobre proximidade e posse (seção 4.1), o céu torna-se um elemento representativo de *extensão*. Além disto, a preferência de Zeus na escolha é exaltada: apenas com a sua aquiescência seria possível que outro tivesse seu domínio. Isto nos fala de poder, mas também remete a outras formas da persuasão já trazida nesta seção por Sartre. Zeus é exemplo de masculinidade não apenas porque é forte e pode impor seus desejos, mas porque, ao fazer isso, persuade.

Em (66), temos nova ativação da metáfora conceptual (MC) EMOÇÃO É MOVIMENTO, expressa no trecho “é bem ridículo o Zeus *caindo* na pegadinha do Kratos”. A noção de “cair”, ir ao chão, em uma pegadinha, uma “ação ou acontecimento que consiste em colocar alguém, de maneira proposital, em circunstâncias constrangedoras e com o intuito de parecer cômico” (PEGADINHA, 2024), compõe os atributos que projetam o ridículo e a pegadinha com a “queda” do deus.

Outra aproximação possível é a ocorrida na projeção metafórica entre Zeus e imperador (do Brasil). Em (56), referenciando um contexto político brasileiro, o conceptualizador projeta o Olimpo no Brasil, e, a partir daí, Zeus, como um papel único para os valores DIVINDADE e MONARCA é tomado como o imperador brasileiro (expresso na figura do ministro do STF Alexandre de Moraes, alvo da crítica do usuário autor do excerto). O reconhecimento do

domínio de Zeus sobre o Olimpo, sua área geográfica de posse, e o medo acerca de sua fúria são resultados da junção entre os *frames* de IMPÉRIO e DIVINDADE. A conceptualização de masculinidade opera justamente a partir das percepções de força e importância das emoções do indivíduo mais forte em ambos os *frames*: Zeus.

Notadamente, os *tweets* demonstram, da mesma forma, uma expectativa específica de panorama emocional relativa à masculinidade, como constatado em (152). Ao lançar um desafio belicoso para Zeus, a emoção que é mencionada é o medo, tornando a recusa impossível. Isto quer dizer que *sentir medo* não é uma emoção acolhida pela masculinidade — e para muitos é impossível fugir ao confronto, o que significaria perder voluntariamente a possibilidade de impor-se sobre o oponente. O medo é a emoção da fuga, do não confronto, que não pode ser associada à *andreia*<sup>45</sup>, que é primariamente belicosa. Sendo Zeus um exemplo da *andreia*, ele também deverá ser belicoso, audaz e obstinado (Sartre, 2013, p. 20).

Por fim, assim como mencionado previamente nesta seção, a masculinidade de Zeus foi também discutida a partir da docilização exercida pelo soberano sobre os corpos de mulheres. Notadamente sua esposa, Hera, em diversas versões do mitologema, é levada a aceitar, com mais ou menos frustração demonstrada, as aventuras amorosas do soberano. Uma contestação a esta versão é vista em (68), na qual encontramos a projeção metafórica que conceptualiza a *infidelidade* a partir de um *chifre*, assim animalizando o cônjuge traído. O curioso é a atitude diferenciada nesta ocasião: ao nos informar que Hera *não aceitou*, informa-se de uma expectativa social determinada acerca da reação de mulheres sobre a infidelidade masculina. Especialmente ao esmiuçar a consequência da ação (causar uma guerra e promover destruição total), a dimensão da moralidade é ativada a partir da promoção das necessidades masculinas sobre as femininas, que, ao serem priorizadas, constituem desordem generalizada não apenas para si, mas para todo o seu entorno.

Assim, encontramos que a associação entre a reação feminina à violência e consequências sérias não é recente: “Você pode ser responsabilizada (...) porque o fatalismo de gênero já explicou a violência dirigida a você como perdoável e inevitável” (Ahmed, 2022, p. 40). É possível pensar, então, na promoção da feminilidade como as emoções respondentes à *andreia*, à configuração emocional do masculino. Se o masculino deve impor, ao feminino cabe aceitar.

Com isto em mente, apresento os papéis do domínio de MASCULINIDADE:

---

<sup>45</sup> Termo grego, com tradução possível para o brasileiro no vernáculo *masculinidade*.

Tabela 4 - Papéis ativados pelo domínio MASCULINIDADE de Zeus a partir do córpus

<b>Domínio MASCULINIDADE – Zeus Contemporaneidade/Twitter</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Vingador</i>, respondendo a insultos ou ofensas cometidos por outrem;</li> <li>• <i>Marido</i>, dominando as emoções de sua esposa;</li> <li>• <i>Infiel</i>, exercendo livremente sua sexualidade;</li> <li>• <i>Conquistador</i>, impondo sua vontade sobre os mais fracos;</li> <li>• <i>Divindade</i>, capaz de destruição quando não atendida;</li> <li>• <i>Juiz</i>, escolhendo as prioridades e preferências para si e outros.</li> </ul>

A configuração emocional esperada do masculino, isto é, a masculinidade, é, então, a configuração da *dominação* sobre seus pares. O feminino resguarda-se sob a ótica do cuidado, da defesa e do que resta, enquanto o masculino impõe e ataca, e quaisquer inversões no fato não recategorizam os *domínios*, mas, sim, reenquadram os *valores* dos papéis ocupados do *frame*:

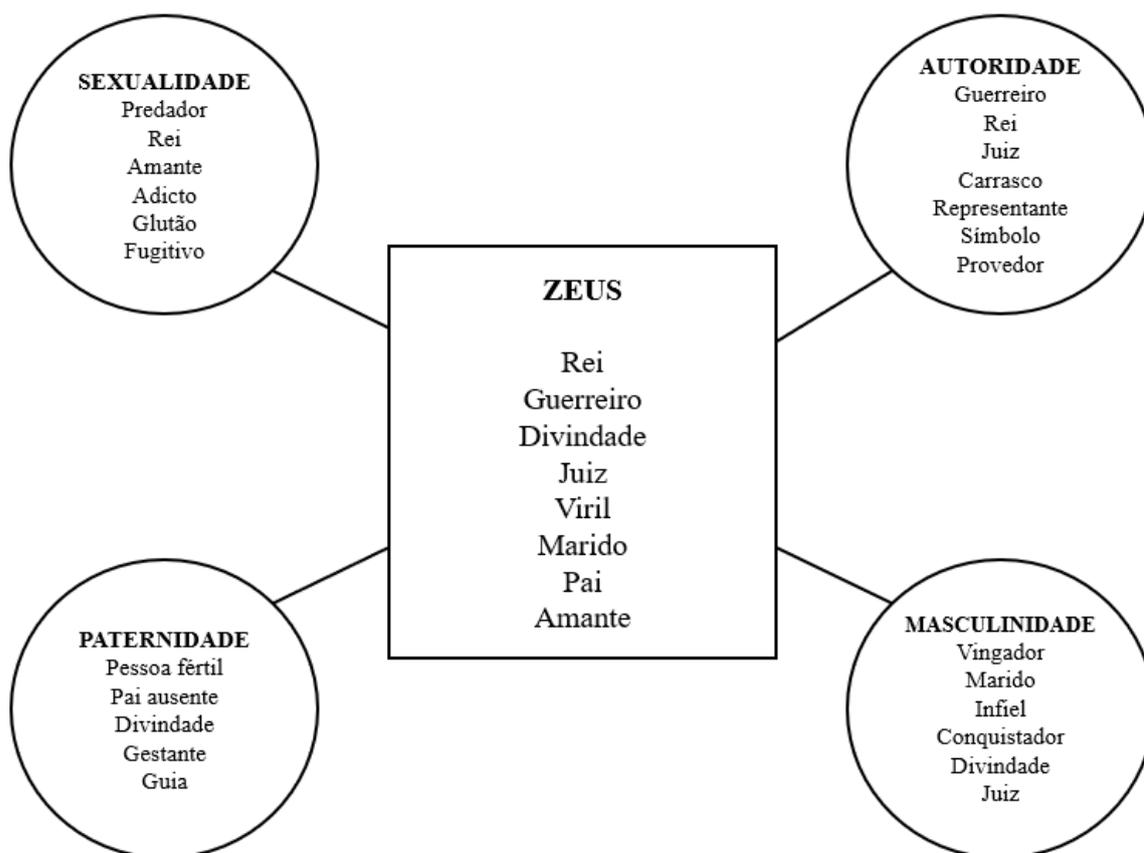
Ao desafiar o decreto real, Antígona coloca-se diante do rei e diz que a lei que ele anuncia não lhe serve – afinal, o direito a sepultar seu irmão não está nas mãos de qualquer governante ou de leis escritas. Ao confrontar duplamente o mandado (por meio do ato de enterrar o irmão e de assumir isso publicamente), outros efeitos acontecem. *Ela torna-se homem, pois só um homem poderia ousar tais feitos, e, ao fazê-lo, feminiliza Creonte.* (...) Antígona, ao se tornar masculina, transforma-se também em uma alternativa de poder ao próprio Creonte (...). (Bento, 2021, p. 20, grifos meus).

#### 4.5 O MCI ZEUS

Apesar da configuração proposta até este ponto, a intenção desta pesquisa nunca foi de gerar análises estanques dos aspectos apresentados de Zeus. Zeus não é apenas um modelo de masculinidade, *também é rei, também é um ser sexual, também é pai* e daí por diante. Com frequência, esses aspectos interagem, com um domínio ativando o outro, conforme pode-se verificar nas seções que evocam papéis similares entre os *frames*. Assim, ainda que haja, obviamente, valor em uma descrição pormenorizada de seus domínios mais salientes, vejo

necessidade de uma integração com as discussões presentes não só na academia e em outros saberes, mas também entre os achados da pesquisa. Esta integração está exposta no diagrama da Figura 2, onde se encontra o Modelo Cognitivo Idealizado (MCI) ZEUS, composto pela união entre os domínios discutidos e apresentados nas seções anteriores deste capítulo.

Figura 2 - Elementos que compõem o MCI MASCULINIDADE de Zeus a partir dos *frames* apresentados neste capítulo.



Esta última seção se dedica a compreender como os aspectos avaliados até aqui neste trabalho de pesquisa somam ao entendimento de Zeus como representante do gênero masculino mais prototípico, isto é, consolidado e lembrado socialmente. Considero ter encontrado indícios de mudanças no paradigma clássico que não alteram o seu teor: a sua culpabilização é tímida, mas é um passo além do louvor às mesmas características que, hoje, indicam outras coisas. Em dois domínios, nomeadamente SEXUALIDADE e PATERNIDADE, houve teores críticos pela deidade não conseguir controlar-se sexualmente e por rejeitar seus filhos, oferecendo-lhes um afeto abaixo do mínimo.

Enquanto isto, nos demais *frames*, a conceptualização de Zeus perde a criticidade, como se vê em AUTORIDADE, ou mesmo torna-se positiva, dialogando com o fatalismo de gênero

proposto por Sara Ahmed (2022), que postula que, desde o nascimento, a sociedade impõe expectativas do comportamento de gênero sobre o indivíduo, e cabe a todos os integrantes aceitá-las e performá-las adequadamente. Assim, não haveria lugar para a reclamação, por exemplo, já que as características de cada gênero já estão estipuladas e acordadas desde há muito. Isto explicaria o posicionamento sobre Zeus, inclusive na expressão que dá título a este trabalho, propondo que é apenas *esperado* que, ao chegar no Olimpo, determinado indivíduo (do gênero feminino) esteja sujeito à investida amorosa do soberano, ou seja, que Zeus “passe o pinto”.

Note-se também a repetição de papéis através dos *frames*. Em dois dos *frames* que compõem o MCI, vemos a atuação de Zeus como “rei”, ainda que com elementos categoriais diferentes sendo destacados. Este acesso soma legitimidade e dominação sobre os respectivos *frames* que atua, colocando Zeus em perspectiva em relação a outros sujeitos (quem reina, reina sobre alguém...). Em outro par, temos o papel de “juiz”, que, na contemporaneidade, atua não sobre sua própria legitimidade (hereditária ou tomada), mas sobre um conjunto de leis compartilhadas por toda uma comunidade. Zeus é quem julga, e também quem formula as leis com as quais julga.

Alguns papéis interagem, ativando elementos de outros *frames* envolvidos no MCI e expandindo a conceptualização do Modelo Cognitivo (e, por conseguinte, de Zeus). O papel “marido” em MASCULINIDADE não destaca elementos categoriais relativos à vida cotidiana, à paternidade ou à vida sexual do casal, mas ressalta a capacidade de impor sua vontade à esposa. Contudo, tais elementos categoriais à parte são igualmente possíveis de aplicação às categorias citadas, como no caso de PATERNIDADE, outro *frame* do MCI, e também são coerentes se aplicadas mais ampla, sem conexão com o contexto desta pesquisa, isto é, a figura e a conceptualização de Zeus — e, contudo, poderão exercer efeito sobre o julgamento desta mesma figura divina. Por essa razão, as visões entre pessoas de diferentes gêneros e classes sociais podem gerar elementos prototípicos mais salientes diversos.

Em outro exemplo, o papel “rei”, constante em dois *frames* nesta pesquisa, SEXUALIDADE e AUTORIDADE, pode ser ativado de maneiras diferentes e gerar interpretações criativas, como ocorre no excerto 56, que correlaciona Zeus ao papel “imperador do Brasil”, ocupado pelo valor implícito Alexandre de Moraes. Neste caso, ambos os elementos categoriais (*ter posse de determinada área geográfica* – isto é, o Brasil – e *poder exercer voz de comando*) são ativados simultaneamente para realizar a projeção metafórica debatida na seção 4.2.

Esta possibilidade de ativação sinérgica é profícua para pensar não apenas as razões de ativação de Zeus nos contextos encontrados pelos usuários do Twitter sujeitos a esta pesquisa, mas também pensar em extensões para o conceito inicialmente visto nesta amostra constituída pelo *cópus* produzido e analisado nesta pesquisa. Na área central do MCI apresentado anteriormente na Figura 2, selecionei aspectos com potencial de ativação não apenas sinérgica, com diferentes elementos categoriais, mas em contextos diversos dos *frames* respectivos em que aparecem originalmente.

Conforme mostra o exemplo de Chiavegatto (2009, p. 88), os MCIs podem envolver não apenas os elementos que ativem a noção de SAÚDE, como “vitalidade”, “disposição” e “boa aparência”, mas também elementos de um *frame* FALTA DE SAÚDE, que poderá possuir elementos como “doença”, “indisposição” e “dor”.

Desta maneira, os elementos que ativam o papel “guerreiro” podem não refletir na ativação apenas em AUTORIDADE ou em MASCULINIDADE (onde aparece a partir do papel “conquistador”), mas também em SEXUALIDADE, com o comportamento “predador”, ou mesmo em PATERNIDADE, o qual inclusive vemos em (126), no trecho “Ele *matou* todos os deuses do Olimpo, *inclusive o pai dele*(Zeus)”. O elemento “capaz de matar” (atribuído a Kratos, o antagonista do soberano grego) interage com o *frame* PATERNIDADE, ativando também o elemento “pai ausente” e assim por diante.

Para concluir este capítulo, um último comentário: a conceptualização de Zeus no *cópus* com frequência evidencia-se através de projeção metafórica com domínio fonte de caráter geográfico e espacial, ativando diferentes metáforas com este teor. Neste cenário enquadram-se os casos da MC PESSOAS SÃO LUGARES, como discutido no domínio AUTORIDADE a partir do excerto 107; a metáfora específica “MUDANÇA DE LOCAL É ALTERAÇÃO DE POSSE”, relativa à metáfora conceptual mais geral (MC) MUDANÇA É MOVIMENTO<sup>46</sup>, que ocorre em SEXUALIDADE, em (72): “*Chegou no olimpo, Zeus passou o pinto*”; e em MASCULINIDADE, na MC EMOÇÃO É MOVIMENTO, já discutida na seção 4.4.

Em AUTORIDADE, inclusive, esta relação geográfica permite outras considerações, escalando para relações mais abstratas entre posse e ação. Neste cenário, integrando com as discussões do parágrafo anterior, temos o excerto (128): “Silêncio, Zeus chegou no Olimpo”. A MC mais geral AÇÃO É CONTROLE SOBRE POSSE faz-se ver nas projeções entre a atuação de Zeus sobre sua posse, o Olimpo, e a ação dos demais indivíduos, fazer silêncio. O silêncio é

---

<sup>46</sup> Tradução livre da MC em inglês CHANGE IS MOTION (LAKOFF *et al*, 1991, p. 15).

devido justamente pela maneira e completude da dominação de Zeus sobre a área geográfica possuída e sustentada por ele.

Estas considerações sobre a posse de área geográfica evocam-me outros *frames* associados costumeiramente ao masculino de maneira mais ampla: GUERRA, por exemplo, também verificado no *corp* e nos *frames* relativos a Zeus. Guerras precisam de um *local físico*, de uma disputa, que pode ter origem na reivindicação sobre este mesmo *local*, costumam implicar em modificação de locais físicos em sua ocorrência, ativando elementos como “devastação”, etc. Debato esta questão sobre a geografia não pela intenção de ampliar o contexto desta pesquisa, previamente restrito a Zeus e ao *corp* digital constituído de *tweets*, mas para somar um questionamento a futuras pesquisas neste tema e quiçá advindas deste mesmo trabalho: o masculino é o gênero da posse e da conquista? É o gênero que pode ter e que precisa dominar as terras? Caso a resposta seja afirmativa, ao feminino, cabe habitá-las. É nisso que reside a autoridade de Zeus: em conquistar, legislar, monitorar... *sobre sua área*. Com o perdão de Hesíodo e dos conceptualizadores envolvidos nesta pesquisa, gostaria de reverter a ordem dos fatores: Zeus talvez não seja o Olimpo, mas o Olimpo seja Zeus. Sem estas relações de poder, Zeus não é juiz, não é rei, não é guerreiro, e nem sequer é pai. Sem o Olimpo, Zeus é habitante - será, assim, *feminino*? Sejamos nós, mulheres, então, o próprio Olimpo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizar esta pesquisa foi um desafio em níveis diversos. Do pessoal (com forte carga emocional) ao metodológico (como integrar teoria e prática de campos distintos: a Linguística Cognitiva, os Estudos Clássicos, as Humanidades Digitais, os Estudos de Gênero), passando pela limitação temporal, os objetivos visavam não apenas descrever Zeus, mas situá-lo em nosso mundo contemporâneo. É claro que esse objetivo pode ser, quem sabe, um pouco ambicioso demais. Minha esperança está não na minha própria execução acerca dos objetivos e nem na manipulação do tema que segue me encantando, mas no debate sobre o assunto, no qual acredito firmemente. É conversando que se vai adiante.

No início deste trabalho, aleguei que olhar para o passado representaria uma forma de entender a diacronia dos arquétipos que ainda reforçamos. O aspecto mais debatido aqui, de uma forma geral, é a masculinidade. Mesmo quando abordado sob o prisma do método, nada mais era visado senão compreender onde, no plano da linguagem, o masculino repousa obscuro, em associações automáticas e fatalistas (novamente conforme Ahmed, 2022).

A obscuridade pode ser uma das formas pelas quais opera a cultura. Isso se dá pois configurações sociais que nos requisitam não são sempre refletidas, e nem o poderiam ser, caso contrário, a economia cognitiva que é a própria *raison d'être*, a *causa essendi* da linguagem metafórica, não seria o trunfo que nos trouxe, como humanidade, ao estágio intelectual em que nos encontramos. Ainda que tenhamos setores diversos e corajosos da sociedade que se dediquem a iluminar as trevas complexas da cultura, a partição em tópicos de estudo facilita a pesquisa, mas dificulta o entendimento macro da situação hodierna.

Desvelar a obscuridade no masculino é tarefa recorrente (e árdua) dos estudos de gênero. E a interseção entre gênero e linguagem somos nós: pessoas pesquisadoras, pessoas cidadãs, pessoas viventes. Zeus, por sua vez, não é vivente: aparentemente indo contra tudo o que foi dito previamente neste trabalho, ele *não mata, não julga, não viola, não castiga, não exerce a paternidade*. Zeus é obscuro, pois, ainda que inexistente concretamente, é dilatado nos domínios abstratos que fazem as nossas metáforas adquirir vida.

Pensar a vida junto às metáforas linguísticas não é associação minha, e nem é recente. Sardinha (2007, p.30), já nos diz que nós “vivemos de acordo com as metáforas que existem na nossa cultura”, ou seja, a cultura, em seu papel complexo de mediar relações, também executa

a tarefa de pôr à disposição ferramentas que nós, criativamente, combinamos e movimentamos até colocá-las em curso livre, com vida própria, e nos esquecermos de onde tudo começou.

Com que intenção, então, eu disseco a figura de Zeus? Como uma relíquia definitiva da Antiguidade europeia branca e eurocêntrica, o deus encerra em si ideias, noções<sup>47</sup> valiosos para o povo grego, que mais tarde, conquistado pelos romanos (e por meio destes), espalhou sua influência e valores culturais a uma extensão geográfica verdadeiramente impressionante. Hoje, com inúmeras mudanças socio-histórico-culturais, como a Revolução Industrial e o estabelecimento do capitalismo, as ondas feministas e o cientificismo que substitui a religião como paradigma de sentido, era apenas de se esperar que ao menos algumas dessas ideias influenciassem Zeus, e, por consequência, que a deidade sofresse duros golpes da contemporaneidade, quem sabe até modificar parcialmente sua identidade.

Isto, além de justificar a existência e a necessidade de ainda debatermos Zeus milênios após seu contexto social de origem, nos remete às questões motivadoras que propuseram e permearam esta pesquisa, bem como às hipóteses que marcaram meu olhar sobre os dados recolhidos. Elas foram apresentadas no capítulo 3, páginas 49 e 50. Quando pensamos na primeira questão, isto é, a inquisição sobre os processos cognitivos acionados na conceptualização de Zeus, constata-se que encontramos no *córpus* as ativações dos domínios esperados inicialmente (MASCULINIDADE, PATERNIDADE e PODER), com a adição do profícuo domínio SEXUALIDADE, que julgo um reflexo das agências e forças atuantes no discurso hodierno.

A segunda questão norteadora desta pesquisa, que pergunta as diferenças entre as conceptualizações clássica e hodierna de Zeus, é respondida com um direcionamento no sentido não apenas da perda do teor reverencial conferido a Zeus, já esperado, mas também da sua ativação recorrente como produto midiático (envolvido em jogos, músicas e séries literárias como personagem) e prototípico para alguns conceitos, como o de AUTORIDADE. Zeus é transplantado para a nossa sociedade contemporânea, é projetado em figuras de autoridade como ministros do Judiciário e serve como uma entidade *sem rosto* para ser ocupada pelos usuários do Twitter (que autoproclamam-se “filhos” dele, ou enunciam a partir da voz do deus do Olimpo, personificando-o).

---

<sup>47</sup> Faço esta anotação para clarificar que não desejo adentrar um debate sobre os campos da moralidade e da ética.

Já a terceira e última questão, que se refere ao posicionamento cultural de Zeus, verificamos que ele segue como protótipo para os domínios de MASCULINIDADE, AUTORIDADE e, em menor intensidade, para PATERNIDADE, com a já mencionada adição de SEXUALIDADE ao rol. Na Teogonia, Zeus atua como mediador para a estruturação do cosmos, seja em sua atuação na Titanomaquia e na concepção de seus filhos, enquanto na contemporaneidade, Zeus é principalmente fonte prototípica de legitimidade simbólica às estruturas de poder hodiernas. Em ambos os cenários, o domínio de Zeus e seu prestígio afluem do fato de ser ele uma força de dominação e alteração dos fatos dados em favorecimento à estrutura patriarcal da sociedade.

O que defendo, contudo, com base nos achados dos domínios encontrados e no MCI proposto, é a noção de que o conceptualizador contemporâneo de Zeus é, ao menos até certo limite, capaz de compreender os fatos motivadores de Zeus e que relacionam-se com a sua soberania divina: assimilar sua sexualidade profícua a partir da justificativa de, desta forma, estar expandindo e ordenando o mundo; entender sua atuação como força legítima e legitimadora como expressão simbólica da pertença e domínio sobre a geografia; transmutar suas emoções em vetores sobre os outros, revelando o imaterial. O masculino nesta pesquisa expressa-se assim, em termos de dominação e/ou área geográfica, e frequentemente os dois pilares da masculinidade confundem-se ou mesclam-se, com o homem como figura dominadora *de uma região* por excelência.

O sujeito conceptualizador contemporâneo é capaz de ver algumas destas razões e também de relativizá-las, mesmo que não tanto quanto o esperado no desenho inicial desta pesquisa. Admito que, na extração do cópula, eu esperava maior expressividade numérica das críticas (especialmente femininas) ao soberano em relação à sua paternidade, por exemplo. Motivada pela minha própria experiência e questionamentos em relação à maternidade (novamente, acesso um MCI a partir do seu contraste: falo da paternidade de Zeus, mas penso na maternidade de mulheres reais, vivas, operantes na sociedade brasileira), recebi o retorno da linguagem a tornar-me mais humilde sobre minha visão de mundo centrada em minha própria experiência corpórea e cognitiva. O contexto hodierno brasileiro é compartilhado. Somos um recorte de muitas individualidades, e é apenas a partir *daí*, desta lembrança, que podemos pensar em constituir e estudar uma cultura.

Na verdade, essa individualidade, por si só, é uma característica da modernidade pós-Iluminismo, racional, mais solitária e múltipla em agendas e propósitos sociais, agora definidos pelos próprios sujeitos, em vez de alguma estrutura superior (religião, classes dominantes...). A

liberalização e a descentralização de estruturas como a família, o Estado (em vez de Impérios) e a própria noção de identidade afetam também os deuses, os nossos e os anteriores a nós. Nessa pesquisa, usei a Teogonia para tentar manter o recorte diacrônico possível, mesmo que distante à vista, mas tudo que analisei foi bastante situado. Zeus, como cada um de nós, está também situado no século XXI.

A existência de Zeus como arquétipo cultural que inspira o masculino é, então, um símbolo da disputa entre gêneros, e das relações de poder que estão envolvidas nisto. Um dos aspectos que não pode ser descolado do masculino, sua dominação geográfica, como citado na última seção do capítulo 4, não é apenas um atributo do gênero. A saber, não acredito em atributos sem propósito, ou sem significância. Tudo pode e deve ser problematizado. A dominação masculina sobre o geográfico implica em monopólio de forças de transformação, implica em velocidade de mobilização, implica em capacidade de difusão comunicativa mais ampla, implica em expansão de horizontes intelectuais e emocionais a partir de vivências mais múltiplas, em uma área mais ampla, numa verdadeira matemática contrastiva emocional.

Isso tudo é negado ao feminino, na medida em que não é compartilhado, mas idiossincrático a Zeus, aos homens, à masculinidade. Conforme mencionado na introdução deste trabalho, a delimitação estática entre gêneros, historicamente dominante no ocidente eurocêntrico, é calcada na corporeidade, mas não se limita a ela: um homem pode ser feminino, se *não* for capaz de performar a masculinidade; a mulher pode ser masculina, se *for* capaz de demonstrar coragem, audácia e persistência, virtudes que resguardam máxima importância em uma vida política.

Esta pesquisa se encerra, mas sua relevância é política. A Academia e a sociedade contemporaneamente têm interagido mais diretamente, sem mediações, situação fortemente promovida pelo mesmo contexto digital sobre o qual me debrucei neste trabalho. Agrada-me pensar que este é um paradigma possível para a transformação da atividade política. Nesse processo, quem sabe, as configurações emocionais da masculinidade e do masculino (e do feminino, também...) serão agenciadas por novas forças: da necessidade agressiva por segurança, poderemos passar à confiança na colaboração; da gerência do individual, ao compartilhamento do saber; da força bruta como agente provedor de sentido para a existência, poderemos vislumbrar a contemplação que nos reúna novamente ao contexto exponencialmente mais amplo que nossas disputas humanas: a natureza. A Academia, ou mais especificamente, a Linguística, tem o papel de lembrar-nos de um dos pontos de acesso para isso, isto é, de mostrar

a contemplação possível na nossa experiência, retirando o medo que vem com todas as suas incertezas.

Apenas o futuro pode nos contar caminhos possíveis para o diálogo que aqui iniciei e que me marcará para sempre. O recorte obrigatório fornecido pelos dados que constituem o corpus não pretendem (e nem podem, dada sua limitação) alcançar a realidade, mas descrever uma única fotografia do estado de coisas do Brasil no cenário digital de 2024. Assim, este trabalho se pretendeu instrumento social de difusão e integração de conhecimentos, acessando nosso imaginário compartilhado e projetando seus heróis e deuses na tela grande para análise.

Zeus é, mais do que nunca, uma figura do imaginário social presente em cada um de nós em nossa dimensão cognitiva: ele está em nosso pensamento. Fugindo aos nossos corpos, às nossas habitações e aos nossos ritos, Zeus age no Olimpo e apenas fornece inspiração simbolicamente a um mundo que a ele não pertence mais. Despeço-me então com pedidos que soarão ingratos, depois de anos observando o soberano grego: saibamos reverenciar o passado, sem repeti-lo. Saibamos progredir sem esquecer. Deixemos o Olimpo para Zeus e compartilhemos o mundo. Confio em vocês, tanto quanto vocês podem confiar em mim. Até breve.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Antônio Suárez. *Linguística Cognitiva: uma visão geral e aplicada*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2010.

AHMED, Sara. *Viver uma vida feminista*. São Paulo: Ubu Editora, 2022, p. 1-60.

AMARAL; SARAIVA. *Mulheres ajudam a impulsionar mercado erótico e renovam setor*. Folha de São Paulo, 17/09/2022. São Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mpme/2022/09/mulheres-ajudam-a-impulsionar-mercado-erotico-e-renovam-setor.shtml>. Acesso em 23 maio 2024.

BENTO, Berenice. Prefácio — Judith Butler e Antígona: a desobediência como dever ético. In: BUTLER, Judith. *A reivindicação de Antígona: o parentesco entre a vida e a morte*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022. p. 11-22.

BRANDÃO, Junito. *Mitologia Grega*. 26. ed. Petrópolis: Vozes. 2015. t. 1.

BROCK, André. Análise Crítica Tecnocultural do Discurso. In: SILVA, Tarcízio (org.). *Comunidades, algoritmos e ativismos digitais: olhares afro-diaspóricos*. São Paulo: LiteraRUA, 2020. p. 67-90.

CAIR. In: DICIO. Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/cair/>. Acesso em: 18 maio 2024.

CHIAVEGATTO, Valéria. Introdução à Linguística Cognitiva. *Matraga*, v. 16, n. 24, p. 77-96, 2009.

D'ANDREA, Carlos. *Pesquisando plataformas online: conceitos e métodos*. Salvador: EDUFBA, 2020.

FERRARI, Lilian. *Introdução à linguística cognitiva*. 1. ed. 4. reimpr. São Paulo: Editora Contexto, 2020.

FOSSILE, Dieysa. Um passeio pelos estudos da metáfora. *Revista de Letras*, n. 14, 2011.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

HESÍODO; TORRANO, José Alves. *Teogonia: a origem dos deuses*. São Paulo: Iluminuras, 1991.

LAKOFF, George. A hipótese da invariância: o pensamento abstrato está baseado em esquemas de imagem? *Cadernos de Tradução*, Porto Alegre, n. 31, p. 7-46, jul./dez. 2012.

LAKOFF, George. *The all new Don't think of an elephant! – Know your values and frame the debate*. Vermont: Chelsea Green Publishing, 2014 [2004].

LAKOFF; ESPENSON; SCHWARTZ. *Master Metaphor List*. Universidade da Califórnia. Berkeley. Disponível em: <http://araw.mede.uic.edu/~alansz/metaphor/METAPHORLIST.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2024.

LEÃO; VELOZO. A conceptualização de Zeus: um acesso por meio dos modelos cognitivos idealizados. In: Camille Roberta Ivantes Braz; Flávio de Aguiar Barbosa; Tania Maria Nunes Lima Camara. (Org.). *Vivências em Língua Portuguesa: Linguística, Gramática e Ensino*. 1ed., 2023, v., p. 14-24. Disponível em: [https://felin.pro.br/wp-content/uploads/2024/03/FELIN\\_2022\\_Ebook\\_01\\_VF\\_siteN.pdf](https://felin.pro.br/wp-content/uploads/2024/03/FELIN_2022_Ebook_01_VF_siteN.pdf). Acesso em 29/10/2024.

MORAES, Alexandre. Os sentidos da itinerância dos *aedos* gregos. *Phoênix*. Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 62-73, 2009.

MOURA, Heronides; CAMBRUSSI, Morgana. *Uma breve história da Linguística*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

PAIVA, Vera Lúcia M. de O. e. *Manual de pesquisa em estudos linguísticos*. São Paulo: Parábola, 2019.

PEGADINHA. In: DICIO. Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/pegadinha/>. Acesso em: 23 maio 2024.

ROBLES, Martha. *Mulheres, mitos e deusas* [recurso eletrônico]. São Paulo: Aleph, 2019.

ROMA, Evelyn; HEINE, Lícia Maria B.; SOARES, Maria da Conceição S. Considerações sobre a história da Linguística na Antiguidade Clássica. *Inventário*. Salvador, n. 26, p. 332-349, 2020.

ROSCH, Eleanor. Recuperando os conceitos. *Cadernos de Tradução*, Porto Alegre, n. 31, p. 81-106, 2012.

SARDINHA, Tony B. *Metáfora*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

SARTRE, Maurice. Virilidades gregas. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. *História da Virilidade — volume 1: A invenção da virilidade, da Antiguidade às Luzes*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 17-33.

SEGATO, Rita. *Contra-pedagogías de la crueldad*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2018.

SOUSA, Lucilene Bender de; GABRIEL, Rosângela. Palavras no cérebro: o léxico mental. *Letrônica*, Porto Alegre, v. 5, n. 3, 2012, p. 3-20.

TREPAR. In: DICIO. Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/trepar/>. Acesso em: 03 maio 2024.

VALLEJO, Irene. *O infinito em um junco: a invenção dos livros no mundo antigo*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2022.

VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e religião na Grécia antiga*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2006.

WALTER, Bruno. *Uma leitura psicanalítica da vivência religiosa do numinoso*. 2010.79 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – UEM, Maringá, PR, 2010.

## APÊNDICE A – Tweets resultantes das extrações

	Conteúdo do tweet	Data da publicação	Tipo de tweet
1	@FernandoVaisma3 @EstelaPont @Estadao @fausto_macedo Vou lançar mão de mitos para confortar minha consciência, diante da realidade concreta do que li acima. Os que se acham deuses por chegar ao Olimpo, não deveriam esquecer que Zeus existe e, no tempo certo pune Prometeu, “acorrentando-o” ao Cáucaso. Mortais também serão punidos.	2022-11-19 04:29:40	reply
2	@LuisCValois Meu Zeus do Olimpo kkkk	2022-11-19 05:13:45	reply
3	Até Ares na mitologia grega se sentia mal por Zeus o rejeitar assim como todo o Olimpo com exceção de Afrodite. Imagine Kratos que tem o passado todo fudido <a href="https://t.co/gnEPihud91">https://t.co/gnEPihud91</a>	2022-11-19 07:27:15	quote
4	@de_deuses @FlopArtist_r Né man kkkk, na real o inferno na mitologia grega tmb é o paraíso para os de bom coração, inclusive Zeus trapaciu para ficar com o Olimpo, e Hades sabia disso mais como ele tinha mt responsabilidade, aceitou de boas	2022-11-19 07:50:07	reply
5	@zenitsiuu @FlopArtist_r Só é um "paraíso" justamente por ter o hades como governante, ele sempre foi o irmão mais responsável e de boa, mesmo tendo traído a esposa 2 vezes, eles ainda consegue ser o deus mais fiel do Olimpo kkkkkk  Zeus nunca iria aceitar ficar com um reino que não fosse o céu	2022-11-19 07:53:20	reply
6	@UOLNoticias @cesarcalejon1 Esse cesar e o Léo capinha deveriam se envergonhar de defenderem o novo Olimpo que tem o Zeus Alexandre de Moraes e sendo os outros ministros encarnados como deuses. É ridículo a postura desses dois jornalistas. Isso é lastimável. HELOISA	2022-11-19 08:07:57	reply
7	terror do Olimpo, bem trajado eu boto o Zeus no pulso 🎵	2022-11-19 08:54:17	original
8	@Kaiyseh @memeinteligentx Antes de existir o Olimpo, Cronos era quem governava no lugar de Zeus, Cronos era o rei dos titãs e marido de Reia, os dois acabaram tendo vários filhos, entre eles Zeus, Hades e Poseidon. Porém uma profecia disse que um dos filhos de Cronos iria o trair e acabar com seu reino +	2022-11-19 12:18:22	reply
9	@Kaiyseh @memeinteligentx Zeus salvou Hades e Poseidon, e juntos mataram Cronos, tornando Zeus e novo Rei dos Deuses, dando origem ao Olimpo, uma coisa muito engraçada de se ver é que, assim como Zeus, Cronos conseguiu ser rei dos titãs matando seu pai Urano, ou seja, essa profecia é de família	2022-11-19 12:21:44	reply
10	@flferronato Quando chegar ao Olimpo, Zeus derrubará tudo por terra.	2022-11-19 13:21:25	reply
11	Júpiter na mitologia grega, ele representa o deus Zeus o deus dos raios e do olimpo ⚡️ amo este planeta 🤩 <a href="https://t.co/hOWuTsAOvk">https://t.co/hOWuTsAOvk</a>	2022-11-19 13:36:44	original
12	@HygoRaio @memeinteligentx Quando nasceu Zeus ao invés dela dar ele para o Cronos comer, ela mandou ele pra uma ilha deserta, aí quando ele cresceu ele libertou seus irmãos e aí ouve uma guerra com o cronos, onde eles venceram daí Zeus se tornou Deus do Olimpo, Poseidon dos mares e Hades do submundo	2022-11-19 13:48:04	reply
13	Krai verdade kakaka Zeus passou o rodo no olimpo <a href="https://t.co/ngJLDMpvoF">https://t.co/ngJLDMpvoF</a>	2022-11-19 20:30:14	quote
14	@P0rn0Per0las2 é o ditado, né "brotou no Olimpo, Zeus..."	2022-11-19 22:16:16	reply
15	temos zeus no olimpo e o pei ming na corte celestial. <a href="https://t.co/FTUeHiMEjj">https://t.co/FTUeHiMEjj</a>	2022-11-19 22:19:52	quote
16	Eu realmente tenho que ver um maluco dizer que Zeus perderia pro Goku? Krl	2022-11-20 01:14:46	quote

	Até Hermes, a porra do mensageiro do Olimpo, ganharia do Goku <a href="https://t.co/td05aQp0g1">https://t.co/td05aQp0g1</a>		
17	Booom, é o seguinte 🖊️👉👉 Zeus ⚡ o gostosão 😏😏 Deus do olimpo 🙄😏 O rei da cocada grega 😏😏	2022-11-20 05:30:08	original
18	terror do olimpo bem trajado eu boto o zeus no pulso	2022-11-20 13:43:13	original
19	só fizeram o Percy desaparecer pq se fosse a Annie o Percy ficaria pior que Cronos, destruiria o Olimpo e Zeus só pra achar ela	2022-11-20 15:52:11	original
20	temos zeus no olimpo e o pei ming na corte celestial. <a href="https://t.co/FTUeHiMEjj">https://t.co/FTUeHiMEjj</a>	2022-11-20 16:14:21	quote
21	@Marcosflyy Caiu no pinto Zeus passa o olimpo.. não pera...tô nervoso calma	2022-11-20 22:19:48	reply
22	@RelatosDeCoito Sla, ã sei opinar sobre peitos, eu penso assim, o corpo é da mulher ela q tem q se sentir bem com o próprio corpo, eu só tenho q aceitar elas do jeito que são sem ter q ter uma preferência ou algo assim, com poucas palavras oq eu quero dizer é, caiu no olimpo Zeus passa o pinto 🙄	2022-11-21 02:20:22	retweet
23	@RankRante Dante é o famoso, caiu no Olimpo Zeus passa o pinto	2022-11-21 07:21:30	reply
24	gostei do mene vou seguir ate o hexa se o Brasil perder bota a foto do pais com zeus atravessando a lamina do olimpo no cleito <a href="https://t.co/KJYMP7QjH3">https://t.co/KJYMP7QjH3</a>	2022-11-21 12:31:18	quote
25	"Terror do Olimpo bem trajado eu boto o Zeus no pulso"	2022-11-21 14:15:50	original
26	@TerraBrasilnot Os deuses do Olimpo estão se rebelando...  Daqui a pouco Zeus (cabeça de ovo) descarregará sobre nós sua vingança.	2022-11-21 14:32:23	reply
27	Cadeia no Zeus do Olimpo!!!! RT <a href="https://t.co/kixLz1enqK">https://t.co/kixLz1enqK</a>	2022-11-21 14:58:11	quote
28	@feehHanzen A questão não é essa e Caiu no Olimpo zeus passa o piu-piu Falei de uma forma discreta	2022-11-21 14:58:49	reply
29	TYSON AGORA É GENERAL DOS EXÉRCITOS DO OLIMPO QUE ORGULHOOOOO  ELE É TÃO HUMILDE kkkkk 😏 Zeus disse pra ele dizer a arma que ele queria e ele disse que queria um galho kkkkk <a href="https://t.co/feYpNQpDhU">https://t.co/feYpNQpDhU</a>	2022-11-21 16:03:17	reply
30	Cadeia no Zeus do Olimpo!!!! RT <a href="https://t.co/kixLz1enqK">https://t.co/kixLz1enqK</a>	2022-11-21 16:52:33	quote
31	Piso no Olimpo, Zeus passo o pinto	2022-11-21 17:35:10	original
32	@thediicaprio zeus: o broxa do olimpo  FALEI	2022-11-21 19:23:55	reply
33	Deus no céu, capeta no inferno, Zeus no olimpo e ele no meu coração 🙄🙄🙄 <a href="https://t.co/7WCB0r3twJ">https://t.co/7WCB0r3twJ</a>	2022-11-22 08:43:41	quote
34	caiu no Olimpo, Zeus passa o pinto	2022-11-22 09:35:18	original
35	@Last_Son_ Zeus fez a Gaya e o Kratos no ápice do seu poder caírem com um único raio, Hades roubou a alma de um fucking Titã e o Poseidon conseguiu mandar um mega monstro marinho pro alto do Olimpo e por pouco matava e Gaya.	2022-11-22 09:46:07	reply

36	Sinto que o Quiron implorou pela aposentadoria no Olimpo  Magina cuidar desses quatro ,sendo um filho de Poseidon, uma de Zeus e dois de Hades  Coitado, se antes ele não tinha cabelo branco ,com certeza ele ficou com cabelos brancos depois que conheceu eles <a href="https://t.co/xUPKbrZguf">https://t.co/xUPKbrZguf</a>	2022-11-22 13:44:41	quote
37	Sinto que o Quiron implorou pela aposentadoria no Olimpo  Magina cuidar desses quatro ,sendo um filho de Poseidon, uma de Zeus e dois de Hades  Coitado, se antes ele não tinha cabelo branco ,com certeza ele ficou com cabelos brancos depois que conheceu eles <a href="https://t.co/xUPKbrZguf">https://t.co/xUPKbrZguf</a>	2022-11-22 18:13:55	quote
38	uma ânsia de vomito pós treino que Zeus do Olimpo, ajuda	2022-11-22 20:16:37	original
39	@putzgenesis Zeus não criou tudo, de onde tu tirou isso? Zeus é o rei do Olimpo, mas na própria mitologia, diz que quando ele nasceu, o mundo já existia a muito tempo	2022-11-22 22:07:57	reply
40	@zSenshi_Sama 'Não me colocando como o dono da verdade, apenas expondo o POUÇO que sei sobre'  Na cultura da Grécia antiga, existia o Panteão Olímpico. O monte Olimpo, o mundo dos mortais e o submundo-tartaro. Há 12 principais Deuses e o deus dos deuses, Zeus.	2022-11-23 01:04:43	reply
41	@Last_Son_ Eu superestimo o roteiro do jogo. No 3º jogo ele varre o Olimpo e mata o Zeus, 'pai da Diana'. Diana é poderosa mas não mais que Zeus. Se ela ficar mais forte que Zeus é porque o roteiro quis	2022-11-23 07:32:02	reply
42	@marth3003 @zSenshi_Sama E Zeus, o olimpo todo, Odin e os outros da mitologia Nórdica existe né? Inteligente pra caralho puta que pariu	2022-11-23 11:25:04	reply
43	@reportersalles @leno1901 Ele se acha Zeus, todo poderoso, e está no Olimpo.	2022-11-23 11:47:43	reply
44	@TempoAte Caiu no olimpo Zeus passa o pinto	2022-11-23 11:57:39	reply
45	@pj_lobinho meu zeus do Olimpo.... o na moral , manda audio de bom dia pra mim todo o dia ai, só pra eu ouvir essa voz maravilhosa sempre	2022-11-23 13:20:32	reply
46	@marth3003 @zSenshi_Sama até pq zeus e o olimpo inteiro existiram pra krl né mula	2022-11-23 14:45:20	reply
47	@revistaoeste Também acho, a não ser que baixe outro deus do Olimpo, como Zeus, por exemplo, superior ao deus XANDÃO.	2022-11-23 15:09:48	reply
48	quero ser maior que o mundo ser o melhor na terra, como zeus é no olimpo	2022-11-23 15:21:29	original
49	@jU_TCE @PedroZuti @TempoAte Caiu no Olimpo Zeus passa o pinto	2022-11-23 17:45:00	reply
50	@CarolDeToni Quem "soberba por último, soberba melhor!" Vou rir muito disso. . . O Supremo acha que faz parte do olimpo! Até Zeus - que achavam que era eterno - sucumbiu como qualquer mortal na terra. A ruína deles está próxima, isso já é o plano "D" deles, "D" de DESESPERO!!!!	2022-11-23 20:37:18	reply
51	Caos a garota poderia mudar o destino da profecia trazendo harmonia ao Olimpo tornando o céus um lugar de paz. Mas será mesmo que ela mataria Zeus definitivamente? Será mesmo que este Deus poderia ser morto?...	2022-11-23 20:57:06	reply
52	Zeus! Seu filho retornou. Eu trago a destruição do Olimpo!	2022-11-23 21:39:19	original
53	@cauemoura Kratos chegando no Olimpo olhando pra Zeus: oi casado  kkkkkk	2022-11-23 21:56:48	reply
54	meu zeus do olimpo as horas com o ícaro passam voandooooo	2022-11-24 01:04:52	original

55	"caiu no olimpo Zeus passa o pinto"	2022-11-24 08:11:50	original
56	@VlogdoLisboa Amigo acorda isso não vai dar em nada, o Brasil voltou a ter um imperador . Que decide o que é melhor para população de acéfalos, neste país discordar te leva para cadeia. Ninguém ira pautar nada contra o Olimpo para não deixar os deuses furiosos. Como lidar com fúria de Zeus	2022-11-24 11:10:34	reply
57	@Batatonnn @CoringaSigma @rainhadoincels @mariennemmm Caiu no Olimpo, Zeus passa o Pinto.	2022-11-24 12:23:37	reply
58	Pau tá torando no Olimpo com essa chuva e trovoadas toda, bem fácil ser Zeus x Thor	2022-11-24 19:49:12	original
59	@m4lu27 ele nao é zeus mas é o deus do meu olimpo	2022-11-24 20:02:46	reply
60	@redleonhardt zeus ta sabendo q essa deusa escapou do olimpo?	2022-11-25 12:49:08	reply
61	caiu no olimpo Zeus passa o pinto	2022-11-25 14:01:27	original
62	@daywonder_ @CCXPoficial O Olimpo ouviu suas preces e aparentemente um raio de Zeus caiu na sua DM! Dá uma olhadinha lá Day! <a href="https://t.co/ZgYe0ikM1W">https://t.co/ZgYe0ikM1W</a>	2022-11-25 14:27:14	reply
63	@DoraKramer Eles estão cag..do para as manifestações, ali é o Olimpo e um deles é ZEUS!	2022-11-25 15:51:08	reply
64	@PadraoAlexandre O grande problema é que o Olimpo eleitoral sequer aceita a contestação, oras Zeus nos diz que somos meros mortais e não podemos contestar. Grande democracia brasileira	2022-11-26 06:51:23	reply
65	@rodrigo3br caiu no olimpo, Zeus passa o pinto	2022-11-26 12:50:18	reply
66	@cauaomitinho @Shima_Priv a luta com a estátua é CLÁSSICA mas essa do Zeus acho muito meme (é bacana pela história)  além do jogo te obrigar a usar só a lâmina do olimpo é bem ridículo o Zeus caindo na pegadinha do Kratos	2022-11-26 18:09:32	reply
67	@iFOREARTHMIX vc já é linda, mas com ela eu ia me ver obrigada a ligar pro Olimpo e avisar zeus que afrodite fugiu e roubou meu coração no processo	2022-11-26 21:38:00	reply
68	The Blood of Zeus: Hera não aceitou um chifre de Zeus e causou uma guerra entre gigantes que tiveram suas almas presas, uma guerra que matou ela e ele e que destruiu o Olimpo	2022-11-28 04:28:06	original
69	Terror do Olimpo eu boto Zeus no pulso	2022-11-28 08:06:51	original
70	@marques1316 @Chief117Br Literalmente matou a própria filha. E a Pandora, que ele estava começando a tratar quase como uma filha, ele deixou se jogar no fogo do Olimpo pra poder matar Zeus.	2022-11-28 09:38:49	reply
71	@The_cris06 Caiu no olimpo, zeus passa o pinto	2022-11-28 12:58:42	reply
72	@LurieeDoFBI @BatatinhaRandom @Ayrora5 @floskredbrush @Eric_the_player Você é igual zeus, come mulher e foge Chegou no Olimpo, zeus passou o pinto	2022-11-28 13:19:07	reply
73	@RisingForce_DMA @Thiaginho_2 @Chief117Br Não O poder da esperança rivaliza com o dos deuses, apenas um deus pode matar um deus, kratos tem o poder de um deus, os deuses podiam tirar as visões, kratos com o poder de Zeus na lâmina do Olimpo e com o poder da esperança também	2022-11-28 14:21:10	reply
74	@RisingForce_DMA @Thiaginho_2 @Chief117Br O poder de Zeus era supremo, o maior de todo o Olimpo Se ele pode ferir matar e roubar poderes de outros deuses ele com certeza consegue apagar visões	2022-11-28 14:25:26	reply
75	Aula de história sobre os deuses - a A gente... - CAIU NO OLÍMPO ZEUS PASSA O PINTO	2022-11-29 09:09:58	original
76	Os nórdicos lutavam e se guiavam pois queriam ir para os salões de Valhala para as lutas eternas e banquetes perfeitos Gregos seguiam a risca as leis para subirem aos céus e viverem ao lado de Zeus no Olímpo, sem escravidão, sem fome, sem cansaço e sem guerra	2022-11-29 11:35:46	reply

77	kratos um deus da grécia em época de moscou no olimpo zeus passa o pinto <a href="https://t.co/qoroA6FzAq">https://t.co/qoroA6FzAq</a>	2022-11-29 11:45:40	quote
78	Mona passou no Olimpo Zeus passa o pinto os deuses tão nem ligando KKKKK todos eles pegam homem e mulher <a href="https://t.co/yw5skYWMjQ">https://t.co/yw5skYWMjQ</a>	2022-11-30 04:56:54	quote
79	Caiu no olimpo Zeus passa o pinto	2022-11-30 07:45:46	original
80	⚡ Eu Zeus pai do olimpo digo, nossos novos produtos estão ganhando forma e ficando cada dia mais lindos ⚡ AGUARDEM ⚡ ⚡	2022-11-30 12:51:43	original
81	Zeus no good of war 2 mata kratos no 3 kratos se vinga e mata Zeus no Olimpo no ragnarok podia ter outra batalha entre Zeus e kratos sdds	2022-11-30 14:53:40	original
82	Não sei oq aconteceu no Olimpo mas Zeus tá extressssssssado ein 🤔	2022-11-30 15:49:27	original
83	As trovoadas. Zeus tá arrastando os móveis do olimpo porra? Barulho do caralho	2022-11-30 16:56:11	original
84	@Andryel2030 @NerdBoomer Quando Kratos tava assassinando os deuses do olimpo 1 por 1 ele não estava gostando, ele só tava com cego de ódio e de vingança, tanto q no final depois de matar Zeus ele não demonstrou nada, nenhuma satisfação, nenhuma glória, ele só percebeu o quão era vazio a vingança era.	2022-11-30 20:51:09	reply
85	@viniciusnyous @vaedeee @NerdBoomer O foda é que o Kratos sempre foi um personagem trágico tlgd. Ele matou a família, foi obrigado a matar a mãe dele, perdeu o irmão que tinha reencontrado, viu o seu povo morrer pelas mãos de Zeus e teve que abandonar a filha dele pra poder salvar o olimpo	2022-11-30 23:24:24	reply
86	"Zeus, seu filho voltou, eu trago a destruição do olimpo"	2022-12-01 13:44:44	original
87	Zeus está fazendo uma sessão de fotos no Olimpo #MGTV <a href="https://t.co/8jg1B30wEO">https://t.co/8jg1B30wEO</a>	2022-12-01 17:57:56	quote
88	Terror do Olimpo bem trajado eu boto Zeus no pulso 🤪	2022-12-01 22:55:20	original
89	@GusHsk8er @JP17_Jesus Que surgiu em Babel, por isso existem deuses parecidos em diversas culturas, com o mesmo poder Ou modo de agir, Zeus e Odin são parecidos em muitas características, Zeus é comparado com Satanás na Bíblia, pode ser uma representação do diabo, os deuses do Olimpo, nordicos 🙏	2022-12-01 23:07:56	reply
90	"Os deuses de Homero são imortais e todo-poderosos. Todavia, até mesmo os deuses devem reconhecer em Zeus o seu senhor: quando ele inclina a cabeça, o Olimpo estremece e sua vontade é feita, pouco importando o quanto os demais tentem resistir." Peter Jones, introdução à Ilíada.	2022-12-01 23:23:44	original
91	@RelatosDeCoito Sla, ã sei opinar sobre peitos, eu penso assim, o corpo é da mulher ela q tem q se sentir bem com o próprio corpo, eu só tenho q aceitar elas do jeito que são sem ter q ter uma preferência ou algo assim, com poucas palavras oq eu quero dizer é, caiu no olimpo Zeus passa o pinto 🤔	2022-12-02 00:03:15	retweet
92	Você não precisa ser inteligente pra entender mitologia grega, você só precisa entender que : Caiu no olimpo, Zeus passou o pinto "Ah mas Léo é só uma pedra" e daí? Quem ignora buraco é a prefeitura, Zeus não	2022-12-02 12:49:02	original
93	@Senhor_Werner Atlas tbm é um titã que foi condenado por Zeus a aguentar todo o peso da existência nas costas Isso após ele escalar o Olimpo e e desafiar todos os deuses, me lembra o robô gigante que desafiou os Tenryubitos.	2022-12-02 13:14:16	reply
94	No smite ainda não tem todos os 12 Deuses do Olimpo, alguns estão na versão Romana, tem Zeus, Poseidon, Hera, Afrodite, Ártemis, Apolo, Ares, Atena, e o na versão Romana são Baco(Dionísio), Mercúrio (Hermes) e Vulcano (Hefesto), faltando apenas 1 que é a Deméter	2022-12-02 17:18:58	original
95	@GenteFinissimaa Pisou no olimpo Zeus passa o pinto	2022-12-02 19:04:34	reply
96	@goldoatuestaaa Cheguei no olimpo. Só falta Zeus <a href="https://t.co/nJu4sJahmv">https://t.co/nJu4sJahmv</a>	2022-12-03 15:20:47	reply



	— TACA A MÃE PRA VER SE QUICA! — Zeus, o gostosão do Olimpo rei da cocada grega... — Festa em Ipanema, meu amor <a href="https://t.co/znmlce2Vdx">https://t.co/znmlce2Vdx</a>		
118	“odiei seu cabelo, chupou limão, jaburu, jabucreia jaburanha e já sei você tem grande personalidade” “pega ele frita ele faz purê” “Taca a mãe pra ver se quica” “e a perua falou tá afim? E eu disse AGORA NÃO” “ZEUS! O gostosão Olimpo, o rei da cocada grega” <a href="https://t.co/BbrYL3iYyG">https://t.co/BbrYL3iYyG</a>	2022-12-06 11:20:48	quote
119	@ILucaszHyro @NerdBoomer Não... Ela veio de outra Deusa que foi amante do Zeus... Acontece que a Mãe da Atena foi transformada em uma mosca por Zeus, que logo em seguida, foi engolida pelo próprio... E msm no corpo dele, ela terminou a gestação, e a Atena acabou saindo da cabeça do Rei do Olimpo...	2022-12-06 15:43:02	reply
120	@Rubilson14 @pompanoblog So dele continuar a história do primeiro vai ser foda, mas pelo que me lembro essa deusa não é imortal(de morrer e voltar), ou será que é ☹️ se não me engano ela é a filha de zeus né, predestinada de destruir o Olimpo, sla como vai ser essa história. Parece que cronos é o vilão.	2022-12-09 18:52:13	reply
121	@RvCastro_ mansa só pro zeus pq ele é deus do olimpo, pq essa canalha adora tentar matar criança vadia	2022-12-09 21:08:42	reply
122	eu: Olha uma mídia nova sobre mitologia grega que legal e... * Hades vilão, Zeus o pai incompreendido bonzinho o melhor deus do Olimpo * eu: <a href="https://t.co/FJMzyCXPp8">https://t.co/FJMzyCXPp8</a>	2022-12-09 21:21:15	retweet
123	@PedrokaJoga @leandrobgu Mas Miyazaki é Miyamoto são vistos como semi-deuses mano. Do que você tá falando? Do jeito que vocês pregam, parece que Kojima é o Zeus do Olimpo. Ninguém acha isso. Vocês distorcem demais o que as pessoas falam sobre Kojima.	2022-12-10 13:00:08	reply
124	Até o momento, meu pior término resultou em "ganímedes". Na mitologia grega, Zeus se apaixonar por Ganímedes, e o leva pro Olimpo, e ganha morada na constelação do Aguaceiro, que é a constelação de Aquário, signo dele. (Só descobri a última informação dias antes do lançamento). <a href="https://t.co/rdEZ3M65ef">https://t.co/rdEZ3M65ef</a>	2022-12-10 16:38:38	quote
125	Até o momento, meu pior término resultou em "ganímedes". Na mitologia grega, Zeus se apaixonar por Ganímedes, e o leva pro Olimpo, e ganha morada na constelação do Aguaceiro, que é a constelação de Aquário, signo dele. (Só descobri a última informação dias antes do lançamento). <a href="https://t.co/rdEZ3M65ef">https://t.co/rdEZ3M65ef</a>	2022-12-10 18:14:13	quote
126	@Ronaldo_ aff Ele matou todos os deuses do Olimpo,inclusive o pai dele(Zeus),agora numa nova trilogia q se passa na mitologia nórdica,ele Ta fazendo o mesmo mas não é nem pq ele tem raiva dos deuses é mais pela história do filho dele,é bem da hora	2022-12-10 20:23:48	reply
127	Minha mamãe é conhecida fato de ser a "Líder" das Musas do Olimpo. Também é conhecida por ser a Deusa da Memória e da Lembrança. Mnemosine uniuse com seu sobrinho Zeus, que se apresentou a ela sob o disfarce de um pastor. Eles ficaram juntos por nove noites consecutivas (+)	2022-12-11 10:48:32	original
128	@futebol_info Silêncio, Zeus chegou no Olimpo 🤫	2022-12-11 12:44:13	reply
129	@BelzeKing07 @Lucas_Azedi @LibelinhaRadio @FlopArtist_r jurou né q eles vão deixar só o Zeus vencer e os outros 4 morrerem.. já achei d+ eles matarem 2 dos 3 grandes deuses do Olimpo quem dirá matar mais um grego. Apolo sola y sem dó.	2022-12-11 13:37:21	reply
130	@Puckzin @NerdBoomer Mano, o cara matou Zeus, desceu o cacete no Olimpo inteiro e... Acabou. Ele viu que a vingança não o levou a lugar nenhum. Será que não entendeu o ponto da história? O cara amadureceu, formou outra família. Ele só quer paz, cansou dessa vida de destruição.	2022-12-12 00:01:45	reply
131	@cajr1569 Mel Zeus no Olimpo, que gente chata do cacete@@@	2022-12-12 04:41:50	reply
132	Entre os deuses do olimpo, um sempre se destaca. Zeus, o rei dos deuses, aquele que teve varias amantes, um exemplo de masculinidade e virilidade. Mas vocês sabiam que ele também é? <a href="https://t.co/P20wbdyx5H">https://t.co/P20wbdyx5H</a>	2022-12-12 08:32:24	original
133	Homero fala que os deuses, encantados com sua beleza, o raptaram para que se tornasse copeiro de Zeus. Mas, existem versões do mito onde Zeus se	2022-12-12 08:32:31	reply

	transforma em águia e o rapta para que fosse viver com ele no olimpo. <a href="https://t.co/t0RQbmyBtB">https://t.co/t0RQbmyBtB</a>		
134	Um trovão assustou minha gata e por isso eu vou ATÉ O OLIMPO MATAR ZEUS PESSOALMENTE	2022-12-12 10:05:21	original
135	@Darthveid @Puckzin @NerdBoomer Mas pra isso precisa ter uma história, kskksks. E é essa a história dele, querendo ou não. Não se pode desviar da história do cara, ele teve motivos pra ter se tornado cruel. Quando matou Zeus e destruiu o Olimpo, ele sentiu um vazio. E nesse vazio ele compreendeu que a+	2022-12-12 11:16:25	reply
136	Caras, nunca vou perdoar o Rick Riordan por colocar as versões Romanas em alta. Ele colocando como se a Hera tivesse jogado o Hefesto do Olimpo sendo que o PRIMEIRO registro dos Deuses fala que foi o Zeus 🤩 e a Atena sendo xingada por coisa que ela nem fez na mitologia grega...	2022-12-12 13:08:44	original
137	@Puckzin @NerdBoomer Mano, o cara matou Zeus, desceu o cacete no Olimpo inteiro e... Acabou. Ele viu que a vingança não o levou a lugar nenhum. Será que não entendeu o ponto da história? O cara amadureceu, formou outra família. Ele só quer paz, cansou dessa vida de destruição.	2022-12-12 15:53:07	retweet
138	@Puckzin @NerdBoomer Mano, o cara matou Zeus, desceu o cacete no Olimpo inteiro e... Acabou. Ele viu que a vingança não o levou a lugar nenhum. Será que não entendeu o ponto da história? O cara amadureceu, formou outra família. Ele só quer paz, cansou dessa vida de destruição.	2022-12-12 19:52:09	retweet
139	Zeus seu filho voltou, eu trago a destruição de olimpo 🤩	2022-12-12 20:07:47	original
140	@LeonardoGamaBa1 @UOLNoticias Mel Zeus no Olimpo, quanta bobagem...	2022-12-13 04:11:06	reply
141	@andres89158496 Passou no olimpo zeus passa o pinto kkkkkk	2022-12-13 09:54:55	reply
142	Terror do Olimpo bem trajado eu boto Zeus no pulso	2022-12-13 10:34:20	original
143	"sua voz é como som de trovão" alô? zeus? "ele pode pegar todas as águas com a palma da mão" poseidon?? quando deus lançou satanás na terra foi igual a quando zeus expulsou hades do olimpo e agora ele(s) guarda(m) mágoa	2022-12-13 11:35:19	original
144	terror do olimpo bem trajado eu boto zeus no pulso <a href="https://t.co/6YzkQ4rQ1N">https://t.co/6YzkQ4rQ1N</a>	2022-12-13 14:01:00	original
145	@HTD6669 @Puckzin @NerdBoomer O cara desceu o cacete no Olimpo inteiro matou Zeus E acabou pegando a guarda de um filho pra não ter que pagar pensão kk	2022-12-13 15:25:40	reply
146	terror do olimpo bem trajado eu boto zeus no pulso	2022-12-14 11:51:00	original
147	@junior1979sax @Metropoles Mel Zeus no Olimpo!! Ah, esses brasileiros médios, como são ingênuos.	2022-12-14 11:59:12	reply
148	@apenas_elian @analylsb caiu no olimpo Zeus passa o pinto	2022-12-14 21:29:32	reply
149	@cxrlinnnnnnnn é igual o lema da impiedosos caiu no olimpo zeus passa o pinto	2022-12-15 05:59:28	reply
150	O povo reclamando do age gap do Hades e da persefone como se essa fosse a pior coisa do Olimpo. Vamos lá né gente, Hera e Zeus são irmãos...	2022-12-15 06:38:48	original
151	@matheuzdn @RobsonVN @mahagess Caiu no olimpo zeus passa o pinto	2022-12-15 11:43:23	reply
152	"VOCÊ PODE ME OUVIR EU SEI EU TE DESAFIO ZEUS, VENHA ME ENCARAR OU VOCÊ TA COM MEDINHO? VENHA COM OU SEM O OLIMPO TE GARANTO, MUDA NADA EU SÓ VOU TERMINAR A BUSCA AO VER SUA CABEÇA CORTADA!"	2022-12-15 12:16:39	original
153	@matheuzdn @RobsonVN @mahagess Caiu no olimpo zeus passa o pinto	2022-12-15 17:41:16	retweet
154	@afroagrogirl Hermes é muito fera. Deus psicopompo, deus dos viajantes e dos trapaceiros, pai de hermafrodito...mas Zeus é o cara do Olimpo.	2022-12-15 18:21:08	reply
155	+e atacaram o monte Olimpo, combatendo ferozmente Zeus e seus aliados, que eram as energias do espírito, da ordem e do Cosmos. Zeus triunfou e castigou	2022-12-15 18:53:32	reply

	seus inimigos - que eram escravos da matéria e dos sentidos, inimigos da espiritualização, lançando-os ao Tártaro.+		
156	Héstia filha de zeus e hera, deusa do fogo sagrado da lareira, da hospitalidade e do lar. Uma das tres deusas virgens , q cedeu seu lugar no olimpo para evitar uma guerra. O tipo de coisa q eu faria se fosse olimpiana <a href="https://t.co/EBgmDFEnAf">https://t.co/EBgmDFEnAf</a>	2022-12-15 19:22:11	quote
157	Vou explicar como eu nasci. Zeus tava brincando de arco e flecha e sem querer acertou uma em mim, qnd eu morrer vou pro Olimpo	2022-12-15 20:50:58	original
158	@marcia_miami O cara deve se sentir um ZEUS. "Zeus é uma divindade mitológica grega. É considerado o senhor dos deuses e dos homens que habitavam o monte Olimpo na Grécia antiga."	2022-12-16 00:52:17	reply
159	@Missbrellisario -Psique qnd Eros vai embora depois da traição dela - Eros encontrando a Psique Morta e implorando o perdão de Zeus -Psique subindo ao Olimpo e virando imortal pra viver com seu amor <a href="https://t.co/t1Bortcohr">https://t.co/t1Bortcohr</a>	2022-12-16 10:59:37	reply
160	A garotinha tacando a boneca bebê nas rochas tal qual Zeus taca Hefesto do alto do Olimpo 🤔 <a href="https://t.co/IGlpEXYIPh">https://t.co/IGlpEXYIPh</a>	2022-12-16 11:21:15	quote
161	Terror do Olimpo bem trajado eu boto o Zeus no pulso	2022-12-16 16:29:40	original
162	@InteligenciaD2 caiu no olimpo zeus passa o pinto	2022-12-16 17:01:39	reply
163	@cheesecreepe Mas eles também se beijaram em Sangue do Olimpo, logo depois daquela cena onde os deuses se reúnem e Zeus castiga o Apolo	2022-12-16 19:27:53	reply
164	@montezinos Zeus em Olimpo. Odin em Hell. E Apolo em minha cama.	2022-12-16 20:47:58	reply
165	caiu no olimpo zeus passa o pinto	2022-12-17 01:07:59	original
166	Interessante pensarmos que um dos motivos de Capricórnio estar representado no céu se dá pelo fato de Zeus, o supremo deus do Olimpo, ter sido nutrido e protegido por uma ninfa em forma de cabra, Almatéia.	2022-12-17 14:49:07	reply
167	@tododiacaes Zeus!! O Olimpo se rende a sua fofura 🍷🍷🍷 <a href="https://t.co/DONvLno5tW">https://t.co/DONvLno5tW</a>	2022-12-17 14:49:33	reply
168	@tododiacaes Zeus!! O Olimpo se rende a sua fofura 🍷🍷🍷 <a href="https://t.co/DONvLno5tW">https://t.co/DONvLno5tW</a>	2022-12-17 14:54:31	retweet
169	@lucas_azcrespi O de 2018 desenvolve totalmente essa construção de misericórdia e já começou desde o gow 3 pq ele quer abrir mão da vingança pra salvar Pandora e fica imediatamente arrependido após matar zeus e ver o Olimpo. Foi MT bem construído, "matar um deus tem consequências" isso é frase +	2022-12-17 19:33:01	reply
170	@GFiuza_Oficial Estou do alto do Olimpo assistindo a tudo ao lado de Zeus. ⚡	2022-12-17 22:46:37	reply
171	@mteuzkk0000 @choqueiatrasado O FILHO DE ZEUS RETORNOU E DISSE QUE VAI TRAZER A DESTRUIÇÃO AO OLIMPO 🤩🤩🤩	2022-12-18 08:22:43	reply
172	@flaviafrente Pois você saiba que estou ligando nesse exato momento para Zeus pra reclamar que Afrodite saiu do Olimpo e tá aqui na minha timeline!!	2022-12-18 12:13:13	reply
173	@G0uk3n @MistoVerde @Dinodferro E ele acabou morrendo depois, o kratos matou a própria mãe por causa da maldição do Zeus, e claro Zeus matando ele no GoW2 td isso junto culmina no gow3, ele até fala no 2 "eu n quero destruiu o Olimpo só Zeus" ele n quer matar TODOS os deuses mas se ficar na frente dele já era	2022-12-18 12:22:34	reply
174	Meu Zeus do Olímpo, ajuda a ARArgentina do meu Messi a vencer essa copa... Meu San Dieguito 🐐 vamo lááá!!!! <a href="https://t.co/PvjSrF8HxA">https://t.co/PvjSrF8HxA</a>	2022-12-18 12:50:35	original
175	O olimpo tem uma hierarquia Zeus, Poseidon e Hades, o futebol tem Pelé, Garrincha e Messi <a href="https://t.co/RDLyeaI3e3">https://t.co/RDLyeaI3e3</a>	2022-12-18 13:01:26	original
176	@Celbeat2 @Konohatrom @mateiformiga Rejeitar rejeiata, mas quem rejeita é porque se sente intimidado, fora isso passou no olimpo zeus passa o pinto	2022-12-18 14:47:00	reply
177	Zeus tu não me faça cair uma tempestade por isso não que eu subo no Olimpo e te quebro na porrada	2022-12-18 16:01:51	reply

178	BOM, É O SEGUINTE, ZEUS, O GOSTOSÃO DO OLIMPO, O REI DA COCADA GREGA APERTA AQUI... EU NÃO TENHO MUITO TEMPO PRA DISCUTIR EU TO COM A AGENDA CHEIA, VOU VIAJAR NO CARNAVAL ME RESPONDE LOGO	2022-12-18 16:38:48	reply
179	@choquei Caiu no olimpo Zeus passa o pinto	2022-12-18 16:40:16	reply

**APÊNDICE B** – Lista de palavras removidas para geração de nuvem de palavras

	<b>Palavra</b>	<b>Quantidade de ocorrências</b>
1	Que	95
2	De	93
3	Ele	75
4	Se	47
5	Não	44
6	Da	41
7	Eu	40
8	Co	39
9	Com	38
10	Um	38
11	Na	35
12	Os	29
13	Uma	29
14	Dos	23
15	Pra	23
16	Só	22
17	Por	21
18	Em	20
19	Mas	18
20	Seu	16
21	Para	15
22	Ao	15
23	Meu	15
24	Isso	15
25	Ela	15
26	Você	14
27	Essa	13
28	Sua	11
29	Até	9
30	Ou	9
31	Já	9
32	Nerdboomer	9
33	Pro	8
34	Né	7
35	Minha	5
36	Pela	5
37	Te	5
38	Pelo	5
39	Puckzin	5

40	Kkkkkk	4
41	Zsenshi	4
42	Sama	4
43	Apenas	4
44	Br	4
45	Flopartist	3
46	Esse	3
47	Memeinteligentx	3
48	Aí	3
49	Sla <sup>48</sup>	3
50	Oq	3
51	Está	3
52	Ta	3
53	Lá	3
54	Chief	3
55	Nem	3
56	Tava	3
57	Nesse	3
58	Kkkk	2
59	Mt	2
60	Uolnoticias	2
61	Kaiyseh	2
62	Dela	2
63	Daí	2
64	Este	2
65	Pei	2
66	Ming	2
67	Ftuehimejj	2
68	Rt <sup>49</sup>	2
69	Kixlz	2
70	Enqk	2
71	Piu	2
72	Tão	2
73	Foto	2
74	Xupkbrzguf	2
75	Tu	2
76	Porque	2
77	Marth	2
78	Tempoate	2
79	Mim	2
80	Risingforce	2

---

<sup>48</sup> Abreviação de “sei lá”.

<sup>49</sup> Abreviação de *retweet*, termo que aparecia no Twitter, atual X, na publicação final, quando era pressionado o botão de compartilhar publicação.

81	Dma	2
82	Thiaginho	2
83	Yw	2
84	Ah	2
85	Numa	2
86	Vão	2
87	Bbryl	2
88	Iyyg	2
89	Rsrs	2
90	Rdez	2
91	Ef	2
92	Matheuzdn	2
93	Robsonvn	2
94	Mahagess	2
95	Qnd <sup>50</sup>	2
96	Tododiacaes	2
97	Donvln	2
98	Tw	2
99	Estou	2

---

<sup>50</sup> Abreviação de “quando”.

## APÊNDICE C – Resumo das partes da Teogonia

<b>Nº da parte</b>	<b>Título traduzido (por Torrano)</b>	<b>Extensão (nº de versos)</b>	<b>Resumo breve (Elaboração própria)</b>
1	<i>Proêmio: hino às Musas</i>	115	História de como Hesíodo é inspirado pelas Musas. Vem como uma louvação (principalmente às Musas, mas também menciona outros deuses). Também conta, de forma resumida, a história da concepção das Musas. Em mais de uma vez, louva-se Zeus, associando a ele vocábulos como “pai”, “troante” etc. Destaca-se também seus feitos (vencer Cronos, gerar as Musas, sustentar reis).
2	<i>Os Deuses primordiais</i>	38	Nomeia os primeiros, as forças primordiais: Caos, Terra, Tártaro e Eros. Estes geram então a segunda geração de divindades, seres como a Noite e o Dia, o Céu, o Oceano, os Ciclopes e os Titãs.
3	<i>História do Céu e de Crono</i>	56	Descreve a história dos Titãs, filhos do Céu e da Terra, que eram enterrados pelo pai, que os detestava, na terra, atulhando Gaia. Por sua vez, a progenitora cria o aço e atíça os filhos contra o pai. Cronos voluntaria-se para atacar Urano e, emboscando-o, arranca-lhe o pênis com uma foice. O sangue divino gera novas criaturas, entre elas Afrodite.
4	<i>Os filhos da Noite</i>	21	Narra a filiação da outra entidade primordial feminina, entre eles: Morte, Nêmesis (vingança), Éris (discórdia), Engano, Amor, Velhice e Sorte. Éris, por sua vez, torna Noite avó gerando Fadiga, Olvido, Fome, Dores, Massacres, Batalhas, Homicídio, Mentira e Juramento, entre outros.
5	<i>A linhagem do Mar</i>	103	Grande enumeração de nomes. Apresenta os filhos do primordial Mar, gerados com Gaia: Ancião, Espanto, Nereu, Ceto e Fórcis. Prossegue a contar as 50 filhas de Nereu, logo netas de Mar, todas virgens. Fórcis e Ceto, irmãos, geraram outros filhos, entre eles as Górgonas, trio ao qual pertence a Medusa. Então há menção aos heróis humanos/semidivinos

			Hércules (Héacles) e Perseu, por seus destinos cruzados com as Górgonas.
6	<i>A linhagem do Céu</i>	66	Inicia contando as filhas mais velhas de Tétis e Oceano, que são muitas. Conta-se que são mais de 3 mil (são os rios). Nesta linhagem nascem o Sol, a Lua e os ventos. A seção conclui-se com a história de como, na Titanomaquia (batalha entre titãs e deuses), Estige e seus filhos foram os primeiros a aderir à causa de Zeus. Por isso, a mãe foi honrada tornando-se o juramento divino e seus filhos tornaram-se protegidos de Zeus.
7	<i>Hino a Hécate</i>	48	Louva Hécate, deusa que é filha única (fato incomum entre os deuses olímpianos), e ressalta como ela é honrada por Zeus, que permite que ela aja no céu, na terra e no mar, e poderosa entre os homens, a quem assiste ou atrapalha conforme sua propensão momentânea.
8	<i>O nascimento de Zeus</i>	53	Traz a conhecida lenda: Cronos, pai de Zeus, era rei dos titãs e, a partir do conhecimento trazido por uma profecia de que seria destronado por um filho, passou a engoli-los todos imediatamente após o nascimento. Reia, sua esposa, ficou aflita e rogou ajuda para o nascimento de Zeus. Ela foi levada a Creta e pariu lá o futuro soberano, que foi escondido em uma gruta e criado por uma cabra. Então Reia engana Cronos, dando-lhe uma pedra a comer em lugar de Zeus. Futuramente, ele retorna e mata Cronos, libertando seus engolidos irmãos no processo. Liberta também seus tios, que lhe presenteiam com o raio e o trovão, que se tornam seus símbolos de governante.
9	<i>História de Prometeu</i>	109	Apresenta as condenações dos irmãos filhos de Jápeto e Clímene, uma filha do Oceano. A partir da desobediência aos desígnios de Zeus, Atlas foi condenado a sustentar o céu com o próprio corpo; já Prometeu foi acorrentado e tinha uma águia a bicar-lhe o fígado diariamente, enquanto à noite o órgão se regenerava. Este último foi libertado por Héacles, filho de Zeus, com aquiescência do soberano divino, que concedeu a Prometeu o perdão pela transgressão.

10	<i>A Titanomaquia</i>	104	Acontece a batalha decisiva entre os deuses, liderados por Zeus, e os titãs. Ela dura dez anos, e após serem revigorados com os alimentos divinos, néctar e ambrosia, os deuses se reanimam e tornam à luta. Libertam os filhos de Gaia, que nela estavam enterrados, Zeus solicita sua lealdade, prometida então ao deus. A luta segue renovada, com mais ferocidade, e os deuses conquistam a vitória, lançando os titãs derrotados no Tártaro.
11	<i>Descrição do Tártaro</i>	97	Introduz a prisão divina, repleta de escuridão e muito distante da terra (nove noites e nove dias completos em queda livre). Os filhos de Gaia que estavam enterrados e foram libertados pelos deuses são os guardas da prisão dos titãs. Descreve também o palácio de Hades, rei do submundo e irmão de Zeus, que fica próximo ao Tártaro. Lista as punições para quem romper um juramento pelo Estige, o juramento sagrado supremo: permanecer dez anos em exílio e jejum.
12	<i>A luta contra Tifeu</i>	60	O mesmo Tártaro procria com a Terra (Gaia) e gera um terrível monstro, Tifeu, com centenas de membros de animais e capaz de reproduzir seus sons. Por conta de sua personalidade belicosa e desafiadora, Zeus decide subjugar-lo por si próprio e vem do céu para fulminá-lo com seu raio.
13	<i>Os Deuses Olímpios</i>	141	Enumera a prole (majoritariamente de Zeus) que vem a constituir os deuses do Olimpo, e suas respectivas uniões carnis. Menciona demais entidades divinas ou semidivinas que habitam o palácio Olímpiano, muitas já narradas por Homero.